



bruxa de elite

KIM HARRISON

Tradução de Rita Guerra

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
livros com sexto sentido





*Ao homem que me diz, invariavelmente,
«A sério? Está bem»,
em vez de «Queres fazer o quê!?»*



Agradecimentos

Gostava de agradecer a Gwen Hunter por me ter ajudado com as questões médicas na ponte e a TB que leu as sequências de mergulho. Se algo não bater certo, a culpa não é destas duas senhoras, mas minha por ter ido longe demais. E, claro, um grande obrigada ao meu agente, Richard Curtis, e à minha editora, Diana Gill, sem os quais Hollows teria continuado apenas na minha imaginação.



Um

O BAQUE SURDO DA PORTA DO CARRO DE DAVID A FECHAR ECOOU NA FACHADA de pedra do edifício de oito andares ao lado do qual tínhamos estacionado. Apoiando-me no carro desportivo cinzento, protegi os olhos com a mão e ergui-os, semicerrados, para as colunas antigas e de bela arquitetura e para os parapeitos com caneluras do prédio. O último andar parecia dourado sob o Sol que se punha, mas ao nível da rua mantínhamo-nos sob a sua sombra fresca. Cincinnati tinha uma mão-cheia de tais edifícios históricos, na sua maioria abandonados, como parecia ser o caso daquele.

— Tens a certeza de que é aqui? — perguntei, depois afastei os antebraços do tejadilho do carro dele.

O rio estava próximo; podia sentir o cheiro da mistura de óleo e gasolina dos barcos. O último andar tinha, certamente, uma boa vista. Embora as ruas estivessem limpas, a zona estava, sem dúvida, abandonada. Mas com alguma atenção — e muito dinheiro —, podia imaginá-la como um dos mais recentes bairros residenciais finos da cidade.

David pousou a sua pasta de cabedal gasto e levou a mão ao bolso de dentro do casaco de fato. Retirando do seu interior um maço de folhas, percorreu-o até à última e, de seguida, olhou para a esquina distante e o sinal com o nome da rua.

— Sim — respondeu, com a voz suave tensa, mas não preocupada.

Puxei as pontas do meu pequeno casaco de cabedal vermelho, ajeitei a mala ao ombro e dirigi-me para o seu lado do carro, os saltos ressoando no pavimento. Gostava de dizer que tinha calçado as minhas botas de tarefa por se tratar de um trabalho, mas a verdade é que eu gostava delas. Ficavam bem com as calças de ganga azuis e com a *T-shirt* preta que eu trazia vestida; além disso, com o boné a condizer eu parecia, e sentia-me, atrevida.

David franziu o sobrolho perante o meu andar saltitante — ou talvez a minha escolha de vestuário —, assumindo uma expressão de aceitação

terna, quando viu que eu lhe sorria silenciosamente. Ele envergava as suas respeitáveis roupas de trabalho, conseguindo, de alguma forma, que o fato de três peças combinasse com o cabelo negro e ondulado, pelos ombros, que tinha prendido com um gancho. Já o tinha visto algumas vezes com as justas calças de correr que revelavam o seu físico muitíssimo bem cuidado para alguém na casa dos trinta — hum —, bem como de casaco comprido e chapéu de *cowboy* — Van Helsing, rói-te —, mas a sua estatura algo pequena não perdia nada da sua presença quando ele se vestia como o perito de seguros que era. David era algo complexo para um animalomem.

Hesitei quando cheguei ao lado dele e, juntos, fitámos o edifício. Podia ouvir o som abafado do trânsito a três ruas de distância, mas ali não havia qualquer movimento.

— Está mesmo muito calmo — disse eu, segurando os cotovelos para me proteger do frio da tarde de meados de maio.

Os olhos castanhos semicerrados, David passou a mão pelo rosto recentemente barbeado.

— Estamos na morada certa, Rachel — disse ele, olhando de relance para o último andar. — Posso ligar a confirmar, se quiseres.

— Não, está tudo bem — sorri, de lábios semicerrados, ajeitando a mala e sentindo o peso extra da minha arma de bolas explosivas.

Aquela missão era de David, não minha, e tão benigna quanto era possível: realizar a peritagem à parede rachada de uma bruxa de terra. Não ia precisar da poção «hora de dormir» com que tinha carregado a minha arma de *paintball* modificada; limitara-me a agarrar nela quando David me pediu que o acompanhasse. Ainda tinha o material da minha última missão: tomar de assalto o quarto das traseiras de um *spammer* ilegal. Deus, dar-lhe uma tarefa tinha sido gratificante.

David começou a andar, acenando como um cavalheiro para que eu fosse à frente. Ele era mais velho do que eu cerca de dez anos; algo difícil de se perceber a menos que olhássemos para os seus olhos.

— Provavelmente vive num desses apartamentos novos que têm estado a fazer por cima dos armazéns entregues à bicharada — disse ele, dirigindo-se aos degraus ornamentados.

Eu dei uma risadinha e David fitou-me.

— O que foi? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas escuras.

Penetrei no edifício, à sua frente, empurrando a porta para que ele pudesse entrar logo atrás de mim.

— Estava a pensar que se tu vivesses num, ele continuaria entregue à bicharada. Animalomem, bicharada? Apanhaste?

Ele suspirou e eu franzi o sobrolho. Jenks, o meu antigo parceiro teria rido. A culpa abateu-se sobre mim e os meus passos tornaram-se hesitan-

tes. Jenks estava ausente sem licença, escondido na cave de um qualquer animalomem depois de eu ter feito asneira da grossa ao não confiar nele mas, com a chegada da primavera, eu podia retomar os meus esforços para lhe pedir desculpas e o convencer a voltar.

O átrio era espaçoso, repleto de mármore cinzento e pouco mais. Os meus saltos ressoavam na divisão de tetos altos. Sentindo-me algo incomodada, parei de saltitar e comecei a andar para minimizar o som. Do outro lado do átrio, encontravam-se dois elevadores de contornos negros e dirigimo-nos para eles. David carregou no botão para subir e inclinou-se para trás.

Fitei-o, os cantos dos meus lábios erguendo-se. Embora David estivesse a tentar escondê-lo, eu sabia que ele estava a ficar entusiasmado com aquela missão. Ser perito regulador de seguros não era o trabalho de secretária que se poderia pensar. A maior parte dos clientes da companhia para a qual trabalhava eram Inderlanders — bruxas, animalomens e um ou outro vampiro — e, como tal, chegar à verdade sobre como o carro de um cliente ficou completamente destruído era mais difícil do que parecia. Teria o filho adolescente feito marcha-atrás contra a parede da garagem ou ter-se-ia o bruxo que vivia ao fundo da rua fartado de o ouvir buzinar sempre que saía de casa? Um caso estava coberto, o outro não e, por vezes, eram precisas, hum, técnicas de interrogatório criativas para chegar à verdade.

David reparou que eu lhe sorria e as pontas das suas orelhas ficaram vermelhas sob a tez escura.

— Obrigado por teres vindo comigo — disse ele, avançando quando o elevador apitou e as portas se abriram. — Fico a dever-te um jantar, está bem?

— Sem problemas.

Juntei-me a ele no sombrio elevador espelhado e observei o meu reflexo sob a luz âmbar, enquanto as portas se fechavam. Tivera de adiar uma entrevista com um possível cliente, mas David tinha-me ajudado no passado e isso era muito mais importante.

O elegante animalomem estremeceu.

— A última vez que fiz a peritagem a uma bruxa de terra vim a descobrir, mais tarde, que ela tinha enganado a companhia. A minha ignorância custou-lhes centenas de milhares de dólares. Agradeço-te por me dares a tua opinião sobre a possibilidade de ela ter causado os danos através da má utilização de magia.

Prendi atrás da orelha uma madeixa encaracolada de cabelo ruivo que tinha escapado da minha trança, depois ajeitei o meu boné de cabedal. O elevador era velho e lento.

— Como eu disse, sem problemas.

David observou a evolução ascendente dos números.

— Acho que o meu patrão me está a tentar despedir — disse, baixinho. — Este é o terceiro processo a chegar à minha secretária, só esta semana, sobre matérias com as quais não estou familiarizado — a forma como agarra a pasta mudou. — Ele está à espera que eu cometa um erro. A forçá-lo a acontecer.

Encostei-me ao vidro do fundo e sorri-lhe placidamente.

— Lamento. Conheço a sensação.

Tinha desistido do meu antigo trabalho junto da Segurança Inderland, a SI, há quase um ano, para me tornar independente. Embora tivesse sido duro — e ainda o fosse, de vez em quando —, foi a melhor decisão que alguma vez tomei.

— Ainda assim — insistiu ele, o odor almiscarado, nada desagradável, do seu corpo tornando-se mais intenso quando ele se virou para mim no espaço apertado. — O teu trabalho não é este. Estou em dívida para contigo.

— David, esquece — disse eu, exasperada. — Não me importo de vir contigo e de garantir que uma qualquer bruxa não te está a enganar. Não é nada de especial. Faço estas coisas todos os dias. Às escuras. Normalmente sozinha. E, se tiver sorte, implica correr, gritar e enfiar o pé no estômago de alguém.

O animalomem sorriu, revelando os seus dentes alinhados e quadrados.

— Gostas do teu trabalho, não gostas?

Eu respondi ao sorriso dele.

— Podes apostar que sim.

O piso oscilou e as portas abriram-se. David esperou que eu saísse primeiro e eu fitei a enorme divisão, do comprimento do edifício, que ocupava todo o último piso. O Sol que se punha jorrava pelas janelas do chão ao teto, refletindo-se nos materiais de construção espalhados pela divisão. Do outro lado das janelas, o rio Ohio cintilava cinzento. Quando estivesse terminado, tratar-se-ia de um excelente apartamento. Senti uma comichão no nariz devido ao cheiro dos painéis de madeira e do estuque lixado e espirrei.

Os olhos de David percorriam todo o espaço.

— Olá? Sra. Bryant? — perguntou, a voz profunda ecoando. — Sou o David. David Hue da Seguradora Animalomem. Trouxe comigo uma assistente — dirigiu às minhas calças de ganga justas, *T-shirt* e casaco de cabedal vermelho um olhar depreciativo. — Sra. Bryant?

Segui-o para o interior da divisão, torcendo o nariz.

— Acho que a racha na parede pode ter sido provocada pela remoção de algumas dessas vigas de suporte — disse eu, calmamente. — Como eu disse, sem problemas.

— Sra. Bryant? — chamou David mais uma vez.

Os meus pensamentos regressaram à rua deserta e ao quão longe nos encontrávamos de qualquer observador casual. Atrás de mim, as portas do elevador fecharam-se, deslizando, e este desceu. Um som abafado, vindo do lado oposto da sala lançou através de mim um jorro de adrenalina e eu virei-me.

David também estava nervoso e ambos rimos de nós mesmos quando uma figura esguia se ergueu do sofá que se encontrava ao lado de uma cozinha moderna no final da sala comprida, os armários ainda envoltos em plástico.

— Sra. Bryant? Sou David Hue.

— Tão pontual como o relatório anual das suas peritagens — disse uma voz masculina, as suaves ressonâncias deslizando pelo ambiente que escurecia. — E foi muito bem pensado da tua parte teres trazido contigo uma bruxa para avaliar o pedido do cliente. Diz-me, descontas isso dos impostos anuais ou inseres como despesa de trabalho?

Os olhos de David estavam muito abertos.

— É uma despesa de trabalho, senhor.

Os meus olhos saltaram de David para o desconhecido.

— Hum, David? Calculo que não se trate da Sra. Bryant.

Agarrando a mala com uma intensidade renovada, David abanou a cabeça.

— Creio que se trata do presidente da companhia.

— Oh! — pensei sobre aquilo. Depois pensei mais um pouco. Começava a ter um mau pressentimento sobre aquilo. — David?

Ele pousou uma mão no meu ombro e inclinou-se na minha direção.

— Acho que te deves ir embora — disse ele, a preocupação nos seus olhos castanhos penetrando até ao fundo do meu ser.

Recordando o que dissera no elevador sobre o facto de o patrão estar a tentar tramá-lo, a minha pulsação acelerou.

— David, se estás em apuros, não me vou embora — disse eu, as botas ruidosas enquanto ele me empurrava para o elevador.

O rosto dele estava soturno.

— Eu consigo tratar disto.

Tentei escapar das suas mãos, contorcendo-me.

— Então fico para te ajudar a voltar para o carro quando tudo tiver terminado.

Ele olhou para mim de relance.

— Não me parece, Rachel. Mas obrigado.

As portas do elevador abriram-se. Ainda a protestar, não estava à espera que David me empurrasse para trás. Ergui os olhos e senti o rosto

gelar. *Bolas*. O elevador estava repleto de animalomens de vários níveis de elegância, desde fatos *Armani* e conjuntos de saia e *top*, a calças de ganga e blusas. Pior ainda, todos eles tinham a compostura e o orgulho confiante de lobos alfa. E estavam a sorrir.

Merda. David tinha um *grande* problema.

— Por favor, diz-me que é o teu aniversário — alvitrei — e que se trata de uma festa surpresa.

Uma animalomem jovem, de vestido vermelho garrido foi a última a sair do elevador. Agitando o cabelo espesso e negro, ela olhou-me de cima a baixo. Embora segura de si, podia depreender da sua postura que pelo menos ela não era uma loba alfa. Aquilo estava a ficar estranho. Os alfas nunca andam juntos. É algo que simplesmente não acontece. Em especial sem estarem acompanhados das respetivas matilhas.

— Não é o aniversário dele — disse a mulher, num tom malicioso. — Mas imagino que esteja surpreendido.

A mão de David, que me segurava o ombro, estremeceu.

— Olá, Karen — disse ele, em tom cáustico.

A minha pele arrepiou-se e os meus músculos ficaram tensos quando os animalomens nos rodearam. Pensei na arma de bolas explosivas que tinha na mala, depois procurei uma linha Ley, mas não a puxei. Agora, David não conseguiria que eu saísse nem que me pagasse. Aquilo parecia um linchamento.

— Olá, David — disse a mulher de vermelho, a sua satisfação óbvia tanto no tom da sua voz como na postura que assumira atrás dos machos alfa. — Nem imaginas como fiquei feliz ao saber que tinhas começado uma matilha.

O patrão de David juntara-se aos restantes e, com passos rápidos e confiantes, colocou-se entre nós e o elevador. A tensão na sala aumentou um pouco e Karen esgueirou-se para trás dele.

Eu não conhecia David há muito, mas nunca vira nele aquela mistura de raiva, orgulho e irritação. Não havia medo. David era um lobo solitário e, como tal, o poder pessoal de um alfa tinha nele pouca influência. Mas ali estavam oito alfas e um deles era o seu patrão.

— Isto não tem nada que ver com ela, senhor — disse David, num tom de fúria respeitosa. — Deixe-a ir.

O patrão de David ergueu uma sobrancelha.

— Na verdade, isto não tem nada que ver contigo.

Faltou-me o ar. *Está bem, talvez fosse eu a ter um problema*.

— Obrigado por teres vindo, David. A tua presença já não é necessária — disse o animalomem educado. Virando-se para os restantes acrescentou:

— Levem-no daqui.

Enchi os pulmões de ar. Com a minha segunda visão, procurei a linha Ley, agarrando aquela que corria por baixo da universidade. A minha concentração estilhaçou-se quando dois homens me agarraram nos braços.

— Hei! — gritei, quando um deles me arrancou a mala que trazia ao ombro e a lançou, a girar, contra uma pilha de madeira. — Larguem-me! — exigi, incapaz de me escapar facilmente das suas mãos.

David gemeu de dor e, quando eu pisei o pé de alguém, atiraram-me ao chão. Pó de estuque ergueu-se no ar, fazendo-me engasgar. Senti os pulmões esvaziarem-se quando alguém se sentou em cima de mim. Puxaram-me as mãos para trás das costas e eu fiquei imóvel.

— Au — queixei-me. Soprando uma madeixa de cabelo ruivo da cara, voltei a contorcer-me. Bolas, David estava a ser arrastado para o elevador.

O animalomem continuava a lutar. De rosto vermelho e irado, projetava os punhos que emitiam feios sons surdos quando atingiam alguém. Ele poder-se-ia ter transformado, o que lhe permitiria lutar de forma mais aguerrida, mas havia uma janela de cinco minutos durante a qual ficaria indefeso.

— *Tirem-no daqui!* — gritou o patrão de David, impaciente, e as portas fecharam-se. Ouviu-se um estalo, quando alguém bateu no interior do elevador e, depois, a maquinaria começou a fazê-lo descer. Ouvi um grito e os sons de uma luta que, lentamente, se iam tornando abafados.

O medo deslizou através de mim e eu voltei a contorcer-me. O patrão de David virou para mim o olhar.

— Prendam-na — disse, num tom despreocupado.

Inspirei, silvando. Em pânico, voltei a procurar a linha Ley, acedendo a ela com um pensamento fugaz. A energia da eternidade fluiu através de mim, enchendo o meu *chi* e, depois, a bolha artificial que eu conseguia manter na minha cabeça. A dor cortou através de mim quando alguém puxou o meu braço direito demasiado para trás. O plástico frio de uma abraçadeira foi colocado sobre um dos pulsos, rapidamente apertado com um puxão e o familiar som da ponta a raspar pelo aro, ficando pendurada. Senti o rosto gelado quando cada erg de eternidade abandonou o meu corpo. Tinha nos lábios o gosto amargo dos dentes-de-leão. *Parva, bruxa parva!*

— Filho de uma cadela! — gritei e os animalomens sentados sobre mim afastaram-se.

Ergui-me, cambaleando, e tentei tirar a fita de plástico flexível, sem qualquer efeito. O seu centro era de prata encantada, como as minhas velhas algemas emitidas pela SI. Não podia usar as linhas. Não podia fazer nada. Raramente usava as minhas recentes habilidades com as linhas Ley para me defender e não pensara em como seria fácil anulá-las.

Completamente privada de magia, erguia-me na luz âmbar que atra-

vessava as janelas altas. Eu estava sozinha com uma matilha de alfas. Os meus pensamentos saltaram para a matilha do Sr. Ray e para o peixe dos desejos que lhe roubara por acidente; depois para o facto de ter obrigado os donos da equipa de basebol Howlers a pagar pelo tempo que perdera. *Oh... bolas.* Eu tinha de sair dali.

O chefe de David passou o seu peso para o outro pé. O sol derramou-se sobre ele, fazendo brilhar o pó nos sapatos de fato.

— Menina Morgan, não é? — perguntou, amigavelmente.

Acenei, limpando as palmas das mãos às calças de ganga. O pó de estuque agarrava-se a mim e eu tornei as coisas ainda piores. Nunca tirei os olhos dele, sabendo que se tratava de um óbvio sinal de domínio. Já tinha lidado com alguns animalomens e nenhum deles, com exceção de David, parecia gostar de mim. Eu não sabia porquê.

— É um prazer conhecê-la — disse ele, aproximando-se mais e retirando do bolso de dentro do casaco um par de óculos de aros metálicos. — Sou o patrão do David. Pode chamar-me Sr. Finley.

Empoleirando os óculos no nariz estreito, agarrou os papéis agrafados que Karen, com uma expressão arrogante, lhe entregava.

— Perdoe-me se pareço algo lento — disse ele, fitando-os. — Normalmente é a minha secretária que trata destes assuntos — ergueu os olhos dos papéis, para me encarar, abrindo a caneta com um estalido. — Qual é o seu número de matilha?

— Hã? — perguntei, tentando manter-me racional, mas ficando rígida quando o anel de animalomens pareceu apertar-se à minha volta. Karen deu uma risadinha e senti o meu rosto aquecer.

As rugas ligeiras do Sr. Finley juntaram-se quando ele franziu o sobrolho.

— A menina Morgan é a alfa do David. A Karen está a desafiá-la para ficar com o seu lugar. Há papéis a tratar. Qual é o seu número de matilha?

Fiquei de boca aberta. Aquilo nada tinha que ver com os Rays ou os Howlers. Sim, eu era o único elemento da matilha de David. Mas tratava-se de um relacionamento apenas no papel, concebido para que eu pudesse obter o meu seguro, demasiadamente inflacionado, baratinho, baratinho, baratinho e para que David pudesse manter o seu emprego e contornar o sistema de forma que continuasse a trabalhar sozinho, sem um parceiro. Sendo um lobo solitário, e muito bom como tal, não queria uma matilha de verdade, contudo a quase impossibilidade de despedir um alfa tinha feito com que ele me pedisse para começar uma matilha com ele.

O meu olhar saltou para Karen, sorridente como uma rainha do Nilo, tão morena e exótica como uma prostituta egípcia. Ela queria desafiar a minha posição?

— Oh, isso é que não! — disse eu e Karen fungou, pensando que eu estava com medo. — Não vou lutar com ela! O David nem sequer quer uma matilha a sério!

— Como é óbvio — escarneceu Karen. — Reclamo ascensão. Reclamo-a perante oito matilhas.

Já não se encontravam ali oito matilhas, mas calculei que as cinco que restavam fossem mais do que suficientes para forçar a questão.

O Sr. Finley baixou a mão que segurava as folhas de papel.

— Alguém tem um catálogo? Ela não sabe o seu número de matilha.

— Eu tenho — entouou uma mulher, fazendo girar a mala e vasculhando o seu interior em busca de algo que se parecia com uma pequena agenda de contactos. — É a nova edição — acrescentou, enquanto usava o polegar para a abrir.

— Não é nada pessoal — disse o Sr. Finley. — O seu estatuto de alfa tornou-se o tópico central das conversas em redor do dispensador de água e esta é a forma mais simples de colocar o David de novo no caminho certo, além de pôr um fim aos rumores perturbadores que têm chegado até mim. Convidei os principais acionistas da companhia para servirem de testemunhas — sorriu, sem qualquer calor. — Será legalmente vinculativo.

— Isto é uma treta! — disse eu, num tom desagradável, e os animalomens que me rodeavam riram ou ficaram de boca aberta perante a temeridade que eu revelava ao praguejar. De lábios apertados, olhei de relance para a minha mala e a arma de balas explosivas que se encontrava a meio da divisão. Levei a mão ao fundo das costas em busca de umas algemas que não estavam lá, desaparecidas há muito, juntamente com o meu ordenado da SI. Deus, como sentia a falta das minhas algemas.

— Aqui está — disse a mulher, de cabeça baixa. — Rachel Morgan. O-C(H) 93 AF.

— Está registada em Cincinnati? — perguntou, distraidamente, o patrão de David, enquanto escrevia. Dobrando as páginas, enquanto as virava, fixou os olhos nos meus. — O David não é o primeiro a começar uma matilha com alguém que não é, hum, de ascendência animalomem — acabou por dizer. — Mas é o primeiro nesta companhia a fazê-lo com o único propósito de salvar o emprego. Não é uma boa tendência.

— Escolha do desafiador — disse Karen, levando a mão ao atilho do vestido. — Escolho transformar-me primeiro.

O patrão de David fechou a caneta com um estalido.

— Então vamos começar.

Alguém me agarrou os braços, eu fiquei imóvel, sentindo o meu coração bater por três vezes. Escolha do desafiador, o tanas. Tinha cinco minutos para a dominar, enquanto ela se transformava ou ia perder o combate.

Contorci-me, em silêncio, deixando-me cair e girando. Ouviram-se vários gritos quando rasteirei quem quer que fosse que me estava a segurar. Depois o ar foi expelido dos meus pulmões quando outra pessoa caiu em cima de mim. A adrenalina jorrava dolorosamente. Alguém me prendeu as pernas. Uma outra pessoa empurrou-me a cabeça contra o contraplacado coberto de pó de estuque.

Eles não me iam matar, disse a mim mesma, enquanto cuspia o cabelo da boca e tentava inspirar em condições. *Não passava de um disparate animalomem relacionado com domínio e eles não me iam matar.*

Era isso que dizia a mim mesma, mas estava a ser difícil convencer os meus músculos trémulos.

Um rosnido baixo, muito mais profundo do que devia, ribombou através do andar vazio e os três homens que me agarravam deixaram que me levantasse.

Que diabo? Pensei, enquanto me levantava atabalhoadamente, ficando de boca aberta. Karen tinha-se transformado. Tinha-se transformado em apenas trinta segundos!

— Como... — gaguejei, incrédula.

Karen transformara-se numa loba e tanto. Sob forma humana era pequena, com uns cinquenta quilos. Mas esses mesmos cinquenta quilos sob a forma de um animal de dentes arreganhados equivaliam a um lobo do tamanho de um pónei. *Maldição.*

Um firme rosnido de despeito erguia-se dela, os lábios afastados num aviso mais antigo do que o pó. O pelo sedoso que recordava o seu cabelo negro cobria todo o seu corpo com exceção das orelhas que estavam debruadas de branco. Fora do círculo, encontravam-se as suas roupas, abandonadas numa pilha sobre o chão de contraplacado. Os rostos que me envolviam apresentavam uma expressão solene. Não se tratava de uma briga de rua, mas de um assunto sério que seria tão vincutivo como um documento legal.

À minha volta, os animalomens afastavam-se, alargando o círculo. *Dupla maldição.*

O Sr. Finley dirigiu-me um sorriso cúmplice e o meu olhar saltou dele para os alfas que me rodeavam, nas suas roupas finas e sapatos dispendiosos. O meu coração acelerou e eu percebi o que se estava a passar. Eu estava em grandes sarilhos. Eles tinham-se unido num círculo.

Assustada, assumi uma posição de combate. Quando os animalomens se uniam, fora das suas matilhas normais, aconteciam coisas estranhas. Já tinha presenciado uma tal união num jogo dos Howlers, quando vários alfas se uniram para apoiar um jogador lesionado, absorvendo a dor do jogador e permitindo que ele permanecesse em campo e ganhasse o jogo.

Era ilegal, mas diabolicamente difícil de provar já que descobrir os alfas responsáveis, num estádio enorme, era quase impossível. O efeito era temporário já que os animalomens, em especial os alfas, pareciam incapazes de trabalhar sob as direções de alguém durante muito tempo. Mas seriam capazes de se manter unidos durante um período suficientemente longo para que Karen me magoasse a sério.

Ajeitei os pés dentro das botas, sentindo as mãos a começar a suar. Aquilo não era justo, raios! Tinham-me privado da minha magia, pelo que a única coisa que podia fazer era tentar bater-lhe, mas ela não ia sentir nada! Eu estava feita. Era comida de cão. Ia estar muitíssimo dorida de manhã. Mas não ia desistir sem lutar.

As orelhas de Karen colaram-se-lhe ao crânio. Foi o meu único aviso.

O instinto suplantou o treino e eu recuei enquanto ela saltava. Com os dentes dela a bater no local onde até há pouco estivera o meu rosto, caímos as duas, as patas dela sobre o meu peito. Bati no chão e gemi. Sentindo o seu quente bafo canino, dei-lhe uma joelhada, tentando deixá-la sem fôlego. Ela emitiu um latido de surpresa e as suas garras rombas arranharam-me o flanco, quando ela se ergueu atabalhoadamente e se afastou.

Deixei-me ficar no chão, colocando-me de joelhos para que ela não me conseguisse derrubar de novo. Sem esperar, ela saltou.

Eu gritei, estendendo o braço na sua direção. Fui atingida pelo pânico, quando o meu punho entrou pela boca dela. As suas patas, do tamanho das minhas mãos, empurravam-me, enquanto ela tentava, freneticamente, afastar-se e eu caía para trás. Tivera sorte por ela não ter rodado a cabeça e arrancado um bocado ao meu braço. Ainda assim, estava a sangrar de um corte feio.

O som ecoante e rouco da tosse de Karen transformou-se num rosnar agressivo.

— O que é que se passa avozinha? — arquejei, afastando do caminho a minha trança. — Ficaste com o Capuchinho Vermelho atravessado?

De orelhas apertadas contra o crânio, os pelos das costas eriçados e os lábios afastados, revelando os dentes, ela atacou.

Está bem. Talvez não tivesse sido a melhor coisa para dizer. Karen chocou contra mim como uma porta atirada, fazendo-me recuar e lançando-me ao chão. Os seus dentes envolveram-me o pescoço, estrangulando-me. Agarrei a pata que me prendia, enterrando nela as unhas. Ela mordeu e eu arquejei.

Fechei o punho e esmurrei-a nas costelas, por duas vezes. O meu joelho ergueu-se e acertou-lhe algures. Tinha na boca os seus pelos sedosos, ergui um braço e puxei-lhe uma orelha. Os dentes dela apertaram ainda

mais o meu pescoço, impedindo a passagem do ar. A minha visão começou a escurecer. Em pânico, atirei-me aos seus olhos.

Sem qualquer outro pensamento além da necessidade de sobreviver, enterrei as unhas nas suas pálpebras. Isso ela sentiu e, latindo, saltou de cima de mim. Inspirei, rouca, erguendo-me sobre um cotovelo. Levei a outra mão ao pescoço. Ficou molhada de sangue.

— Isto não é justo! — gritei, mais do que furiosa, enquanto me levantava atabalhoadamente. Tinha os nós dos dedos a sangrar, doíam-me os flancos e estava a tremer devido à adrenalina e ao medo.

Podia ver a excitação do Sr. Finley, sentia o crescente cheiro a almíscar. Todos eles estavam entusiasmados com a possibilidade de verem um dos seus a trucidar “legalmente” uma pessoa.

— Ninguém disse que seria justo — contrapôs o homem, baixinho, depois fez um gesto a Karen.

Mas o seu ímpeto atacante hesitou perante a campainha do elevador.

O desespero invadiu-me. Com mais três alfas ela não ia sentir nada. Nem que eu lhe arrancasse um bocado.

As portas abriram-se revelando David, encostado ao fundo do elevador. Tinha o rosto ferido e, provavelmente, ia ficar com um olho negro; além disso tinha o *blazer* rasgado e imundo. Lentamente, ergueu a cabeça, uma expressão assassina nos olhos castanhos.

— Sai! — disse o patrão, num tom cortante.

— Esqueci-me da minha pasta — disse ele, cambaleando para a frente. Com um olhar assimilou a situação; ainda tinha a respiração pesada devido ao esforço de escapar aos três animalomens que o tinham arrastado dali. — Se desafiam a minha alfa, podem ter a certeza de que vou garantir que se trata de um combate justo — arrastando os pés até junto da pasta, agarrou nela, limpou-lhe o pó e virou-se para mim. — Rachel, estás bem?

Senti uma onda de gratidão. Ele não me vinha salvar, queria garantir que eles não estavam a fazer batota.

— Estou bem — disse eu, com a voz quebrada. — Mas esta cadela não está a sentir qualquer dor e eles tiraram-me a minha magia.

Ia perder o confronto. Ia perder em grande. *Lamento, David.*

Os animalomens que nos rodeavam olharam uns para os outros, inquietos, agora que tinham uma testemunha, e a expressão do Sr. Finley tornou-se mais sombria.

— Acaba com isto — disse, com rudeza, e Karen lançou-se a mim.

As unhas dela arranhavam o chão de contraplacado, enquanto procuravam um ponto de apoio. Arquejando, deixei-me cair de costas, antes que ela me pudesse empurrar. Puxando os joelhos para o peito, ergui os pés e, quando ela aterrou sobre eles, lancei-a por cima da cabeça.

Ouvi um latido sobressaltado e um estrondo; David gritou qualquer coisa. Estavam a decorrer duas lutas.

Girei sobre o traseiro para me virar para ela. Abri os olhos e projetei um braço.

Karen lançou-se sobre mim, prendendo-me ao chão. Ela cobria-me e senti o medo cortar através de mim. Tinha de impedir que ela me voltasse a agarrar pelo pescoço e gritei quando ela me mordeu o braço.

Já estava farta.

Fechando o punho bati-lhe na cabeça. Ela ergueu o focinho, arranhando-me o braço e lançando uma onda de dor através de mim. Imediatamente, voltou à carga, rosnando e ainda mais feroz. Mas, dentro de mim, erguia-se uma lufada de esperança e eu cerrei os dentes. Ela tinha sentido aquilo.

Podia ouvir estrondos e gritos atrás de nós. David estava a interferir, quebrando a concentração do grupo. O círculo estava a desvanecer. Não podia vencer Karen, mas ela não se ia esquecer de mim, isso era mais do que certo.

A raiva e a adrenalina em excesso eram inegáveis.

— Cão estúpido! — gritei, voltando a esmurrá-la na zona da orelha e fazendo-a ganir. — Não passas de uma caganita malcheirosa de um caniche da cidade! O que é que achas disto? Hum? — bati-lhe outra vez, incapaz de ver através das lágrimas que me toldavam os olhos. — Queres mais? Então e assim?

Ela agarrou-me pelo ombro e ergueu-me, tencionando abanar-me. Uma orelha sedosa caiu-me na boca e, depois de ter sido incapaz de cuspir, morde-a, com força.

Karen ladrou e soltou-me. Inspirando fundo, rodei, pondo-me de quatro.

— Rachel! — gritou David e a minha arma de bolas explosivas deslizou, ficando ao meu alcance.

Peguei na arma vermelho-cereja e, pondo-me de joelhos, apontei para Karen. Ela sentou-se sobre os quartos traseiros, tentado parar o seu próprio movimento. Com os braços a tremer, cuspi um tufo de pelo branco.

— Acabou-se, cadela — disse, depois disparei.

O estalo da pressão de ar emitido pela minha arma foi quase abafado por completo por um grito de frustração.

Acertei-lhe mesmo no nariz, cobrindo-lhe o focinho com a poção «hora de dormir», a coisa mais agressiva que uma bruxa branca estava disposta a usar. Karen caiu, como uma marioneta a quem tivessem cortado os fios, deslizando e imobilizando-se a cerca de um metro de mim.

Levantei-me, trémula e de tal forma cheia de adrenalina que quase não me conseguia manter de pé. Com os braços rígidos, apontei a arma ao Sr.

Finley. O Sol escondera-se atrás dos montes do outro lado do rio e o seu rosto estava envolto em sombras. A sua postura, por outro lado, era fácil de ler.

— Ganhei — disse eu, depois bati em David, quando este pousou uma mão no meu ombro.

— Calma, Rachel — disse David, num tom calmante.

— Estou ótima! — gritei, voltando a apontar a arma ao patrão dele, antes que este se conseguisse mexer — se querem desafiar o meu título, façam-no! Mas eu lutarei como *bruxa*, não depois de me terem sido retiradas todas as forças! Isto não foi justo e vocês sabem-no!

— Anda, Rachel. Vamos embora.

Eu ainda estava a apontar para o patrão de David. Estava com muita, *muita* vontade de disparar sobre ele. Mas, no que achei ser uma extraordinária demonstração de classe, baixei a arma, arrancando a minha mala das mãos de David, quando este me entregou. Senti, à minha volta, um aliviar da tensão por parte dos alfas que nos observavam.

De pasta na mão, David acompanhou-me até ao elevador. Eu ainda estava a tremer, mas virei-lhes as costas, sabendo que um tal gesto diria, melhor do que quaisquer palavras, que eu não tinha medo.

Contudo, estava assustada. Se Karen me quisesse matar, não apenas submeter, tudo teria terminado nos primeiros trinta segundos.

David carregou no botão para descer e virámo-nos ao mesmo tempo.

— Não foi um desafio justo — disse ele, depois limpou a mão, que surgiu vermelha de sangue. — Eu tinha o direito a estar presente.

O Sr. Finley abanou a cabeça.

— O alfa da fêmea deve estar presente mas, no caso da sua ausência, seis alfas podem servir de testemunhas para impedir qualquer... — sorriu. — ... batota.

— Não estavam seis alfas presentes na altura do confronto — disse David. — Espero que o desafio seja registado como uma vitória para a Rachel. Aquela mulher *não* é a minha alfa.

Seguii o seu olhar até Karen, que jazia esquecida no chão, e perguntei-me se alguém a ia lavar com água salgada para quebrar o feitiço ou se se iam limitar a deixá-la à porta da sua matilha, inconsciente. Eu não queria saber e não ia perguntar.

— Errado ou não, é a lei — disse o Sr. Finley, enquanto os alfas se reuniam para o apoiar. — E existe para permitir um suave corretivo quando um alfa se transvia — inspirou fundo, limpado as ideias. — Isto será registado como uma vitória para a tua alfa — disse ele, como se não quisesse saber —, desde que não apresentes queixa. Mas David, ela não é um animalomem. Se ela não consegue vencer um animalomem recorrendo às suas capacidades físicas, não merece o título de alfa e será derrubada.

Senti um assomo de medo ao recordar Karen sobre mim.

— Uma pessoa não pode derrotar um lobo — disse o Sr. Finley. — Ela teria de ser capaz de se transformar para ter a mínima hipótese e as bruxas não se conseguem transformar.

Os olhos do homem pousaram-se nos meus e, ainda que eu não tenha afastado o olhar, o medo deslizou até ao meu estômago. O elevador tocou e eu recuei para o seu interior, não querendo saber se eles percebiam que eu estava com medo. David juntou-se a mim e eu agarrei a minha mala e a minha arma como se, sem elas, eu me fosse despedaçar.

O patrão de David avançou, a sua presença ameaçadora e o rosto completamente obscurecido pela noite que acabara de cair.

— És um alfa — disse, como se estivesse a repreender uma criança. — Para de brincar com bruxas e começa a cumprir com os teus deveres.

As portas fecharam-se, deslizando, e eu deixei-me cair contra o espelho. *A cumprir com os seus deveres? O que é que isso queria dizer?*

Lentamente, o elevador desceu, a minha tensão desvanecendo-se com cada piso que era deixado entre nós. Podia sentir o cheiro a animalomem furioso e olhei de relance para David. Um dos espelhos estava estalado e o meu reflexo era horrendo: a trança meio desfeita e coberta de pó de estuque; a marca de uma dentada no pescoço, no sítio onde os dentes de Karen tinham magoado e rasgado a minha pele; os nós dos dedos arranhados por terem estado dentro da boca dela. Doíam-me as costas, tinha os pés dori-dos e, raios, faltava-me um brinco. Ainda por cima eram as minhas argolas preferidas.

Lembrei-me da suave sensação da orelha de Karen dentro da minha boca e da súbita cedência quando mordi. Tinha sido horrível magoar alguém de uma forma tão íntima. Mas eu estava bem. Não estava morta. Nada tinha mudado. Nunca tentara usar a magia das linhas Ley num combate aguerrido como aquele e agora sabia que devia ter atenção às abraçadeiras. Tinha sido apanhada como uma adolescente a assaltar uma loja, Deus me ajude.

Lambi o polegar e limpei uma mancha de pó de estuque da testa. A abraçadeira era feia, mas eu ia precisar do alicate de Ivy para a cortar. Tirando o outro brinco, deitei-o para dentro da minha mala. David estava encostado num canto, a mão nas costelas, mas não parecia preocupado com a possibilidade de se deparar com os três animalomens que tinha subjugado, por isso guardei a minha arma. Os lobos solitários eram como alfas que não precisavam do apoio de uma matilha para se sentirem confiantes. Deveras perigosos, se se pensasse bem.

David soltou uma risada. Fitando-o, fiz uma careta e ele deu uma gargalhada, interrompida por um estremecimento de dor. O rosto ligeira-

mente enrugado ainda revelava a sua boa disposição; fitou os números que desciam, depois endireitou-se, tentando arranjar o casaco rasgado.

— Então e esse jantar? — perguntou, e eu funguei.

— Vou comer lagosta — disse eu, depois acrescentei —, os animalomens nunca trabalham juntos fora das suas matilhas. Devo tê-los deixado mesmo irritados. Deus! Qual é o problema deles?

— Não és tu, sou eu — disse ele, frustrado. — Não lhes agrada o facto de eu ter começado uma matilha contigo. Não, isso não é verdade. Não lhes agrada o facto de eu não estar a contribuir para a população de animalomens.

A adrenalina começava a desvanecer-se, fazendo com que eu sentisse dor por todo o corpo. Tinha na mala um amuleto contra as dores, mas não o ia usar quando David não tinha nada. E quando é que Karen me tinha batido na cara? Inclinando a cabeça examinei, sob a luz fraca, a arranhadela vermelha perto da orelha, depois voltei-me para David, quando assimilei as suas últimas palavras.

— Desculpa? — perguntei, confusa. — Como assim, não estares a contribuir para a população de animalomens?

David baixou o olhar.

— Comecei uma matilha contigo.

Tentei endireitar-me, mas doía.

— Sim, eu percebi a parte do sem filhos. Mas porque é que isso os preocupa?

— Porque também não tenho nenhuma, hum, relação informal com uma fêmea animalomem.

Porque se tivesse, ela esperaria que ele acabasse por formar uma matilha.

— E... — insisti.

David passou o seu peso de um pé para o outro.

— A única forma de gerar mais animalomens é através do nascimento. Não somos como os vampiros que, se quiserem, podem transformar os humanos. Com uma população numerosa obtém-se força e poder... — a voz dele perdeu-se e eu percebi o que se estava a passar.

— Oh, por amor de Deus — queixei-me, segurando no ombro. — É uma questão política?

O elevador tocou e as portas abriram-se.

— Temo que sim — disse ele. — Permitem aos animalomens subordinados fazer o que muito bem lhes apetece mas, como solitário, o que faço importa.

Saí à frente dele, esperando encontrar problemas, mas o átrio deserto estava calmo, com exceção dos três animalomens caídos a um canto. David soara amargurado e, quando ele abriu a porta para eu passar, toquei-lhe

no ombro para mostrar o meu apoio. Obviamente surpreendido, ele olhou para mim de relance.

— Hum, quanto ao jantar — disse, fitando as suas roupas. — Queres marcar para outro dia?

Os meus pés tocaram no passeio, a cadência das botas dizendo-me que estava a coxear. A rua estava silenciosa, mas a quietude parecia esconder uma ameaça. O Sr. Finley tinha razão em relação a uma coisa. Aquilo ia voltar a acontecer enquanto eu não conseguisse fazer valer as minhas pretensões de uma forma que merecesse o seu respeito.

Inspirando profundamente o ar gelado, dirigi-me para o carro de David.

— Nem penses, meu. Estás-me a dever um jantar. O que me dizes a um chili no Skyline? — perguntei e ele hesitou, confuso. — Podemos passar pelo *drive-in*. Esta noite tenho de investigar umas coisas.

— Rachel — protestou ele, enquanto o carro emitia um chilreio alegre e se destrancava. — Acho que mereces pelo menos uma noite de folga — os olhos dele semicerraram-se e ele fitou-me por cima do tejadilho do carro. — Lamento muito por tudo isto. Talvez... devêssemos anular o contrato.

Ergui os olhos da porta que acabara de abrir.

— Não te atrevas! — disse, alto e bom som, para o caso de alguém se encontrar à escuta no último andar. Depois assumi uma expressão envergonhada. — Não consigo suportar o agravamento que todas as companhias aplicam ao meu seguro de saúde.

David riu, mas eu podia perceber que ele não estava satisfeito. Deslizámos para o carro dele, movendo-nos mais lentamente ao descobrir novas dores e tentando encontrar uma posição confortável. *Oh, Deus, doía-me tudo.*

— Estou a falar a sério, Rachel — disse ele, a voz baixa enchendo o carro pequeno depois de as portas se fecharem. — Não é justo pedir-te que aguentes estas tretas todas.

Sorrindo, olhei para ele.

— Não te preocupes com isso, David. Gosto de ser a tua alfa. Tudo o que preciso é de encontrar o feitiço certo para me transformar.

Ele suspirou, movendo o corpo pequeno ao exalar, depois fungou.

— O que foi? — perguntei, apertando o cinto, enquanto ele ligava o carro.

— O feitiço certo para te transformares? — disse ele, engatando a mudança e arrancando. — Percebeste? Gostas de ti como és, mas para seres a minha alfa tens de te transformar?

Levando a mão à cabeça, encostei o cotovelo à porta para me apoiar.

— Não tem piada — disse eu, mas ele limitou-se a rir, embora isso o magoasse.

Dois

PADRÕES SALPICADOS DE LUZ DA TARDE DESLIZAVAM SOBRE AS MINHAS MÃOS enluvadas enquanto me ajoelhava sobre um tapete de espuma verde e me esticava para chegar ao fundo do canteiro onde a relva se enraizara apesar da sombra lançada pelo carvalho antigo. Da rua erguia-se o som dos automóveis a passar. Um gaio azul emitiu o seu chamamento e foi respondido. Em Hollows, o sábado era o auge da normalidade.

Endireitando-me, espreguicei-me para fazer estalar as costas, depois relaxei, estremecendo quando o amuleto perdeu o contacto com a minha pele e senti uma facada de dor. Eu sabia que não devia estar a trabalhar ali, sob a influência de um amuleto contra a dor, já que me poderia ferir sem dar por nada mas, depois do dia anterior, precisava de algum “tempo com a terra” para garantir ao meu subconsciente que estava viva. E o jardim precisava de atenção. Estava caótico, sem os cuidados de Jenks e da sua família.

O cheiro do café a fazer deslizou pela janela da cozinha, impregnando a paz da fria tarde de primavera, e eu soube que Ivy estava acordada. Levantando-me, os meus olhos deslizaram do anexo em madeira até ao cemitério murado que se estendia para lá do jardim de bruxa. O terreno ocupava quatro quarteirões e estendia-se de uma rua até a outra, nas suas traseiras. Embora ninguém fosse ali enterrado há quase trinta anos, o relvado era aparado por esta vossa amiga. A meu ver, um cemitério aprumado era um cemitério feliz.

Perguntando-me se Ivy me traria café, caso eu gritasse, empurrei o tapete de espuma para o Sol perto de um aglomerado de violetas pretas de caules macios. Jenks tinha-as semeado no outono anterior e eu queria apará-las antes que se tornassem demasiado esguias devido à concorrência. Ajoelhei-me à frente das pequenas plantas, avançando em redor do canteiro, circundando a roseira e arrancando um terço das violetas.

Já ali estava há tempo suficiente para me sentir quente devido ao es-

forço; a preocupação acordara-me antes do meio-dia. Adormecer também não fora fácil. Tinha ficado sentada na cozinha até depois do nascer do Sol, com os meus livros de feitiços, em busca de um encantamento que me permitisse transformar em lobo. Tratava-se de uma tarefa cujas hipóteses de sucesso eram, na melhor das hipóteses, escassas; não existiam feitiços que permitissem a transformação em seres conscientes... pelo menos não feitiços legais. Além disso, teria de se tratar de um feitiço de terra, já que a magia das linhas Ley consistia, sobretudo, em ilusão ou em explosões físicas de energia. Eu tinha uma biblioteca pequena, mas ímpar, contudo, apesar de todos os meus feitiços e encantamentos, não encontrei nada que me dissesse como transformar.

Fazendo avançar um pouco o tapete ao longo do canteiro, senti-me varrida por uma onda de preocupação. Como David dissera, a única forma de nos podermos transformar em animalomens era nascer animalomem. As marcas dos dentes de Karen nos nós dos dedos e no pescoço, agora ligadas, em breve desapareceriam não deixando outras sequelas além das gravadas na minha memória. Era possível que houvesse um qualquer feitiço na secção de magia negra da biblioteca, mas a magia negra de terra usava alguns ingredientes asquerosos — como partes indispensáveis do corpo humano — e eu não ia seguir por esse caminho.

A única vez que contemplara a possibilidade de usar magia negra de terra, acabara com uma marca demoníaca, depois recebera uma segunda, acabando por me transformar na familiar do dito demónio. Para sorte minha, tinha conseguido manter a alma e o acordo foi declarado nulo. Fiquei livre, com exceção da marca original do Grande Al, que usaria, juntamente com a marca de Newt até encontrar uma forma de pagar a ambos. Pelo menos agora, quebrado o elo de familiaridade, Al não aparecia de cada vez que eu usava uma linha Ley.

Com os olhos semicerrados devido à luz do Sol, espalhei terra sobre o pulso e a marca demoníaca de Al. A terra era fresca e escondia a cicatriz em forma de círculo cruzado por uma linha de forma mais eficaz do que qualquer feitiço. Além disso, cobria o vergão vermelho provocado pela abraçadeira que os animalomens me tinham posto. Deus, tinha sido tão parva.

A brisa agitou uma madeixa ruiva e encaracolada que me fez cócegas no rosto e eu prendi-a, olhando de relance para o fundo do canteiro, do outro lado da roseira. Os meus lábios afastaram-se, numa expressão de desilusão. Tinha sido espezinhado.

Toda uma secção de plantas fora arrancada pela raiz, encontrando-se agora caída e murcha. Pegadas minúsculas revelavam os autores. Ultrajada, peguei numa mão-cheia de caules partidos, sentindo na sua flexibilidade suave a morte inevitável. *Malditas fadas de jardim.*

— Hei! — gritei, erguendo-me de rompante, para fitar a cúpula do freixo próximo.

Sentindo o rosto a ferver, avancei a passos largos e coloquei-me sob ela, as plantas na mão como uma acusação.

Estava a lutar com elas desde a sua chegada, vindas do México, na semana anterior, mas era uma batalha perdida. As fadas comiam insetos, não néctar como os *pixies*, e não queriam saber se matavam todo um jardim na sua busca por comida. Nesse aspeto eram como os seres humanos, destruindo aquilo que, a longo prazo, os manteria vivos na sua demanda por recursos de curto prazo. Eram só seis, mas não tinham respeito por nada.

— Eu disse hei! — gritei mais alto, esticando o pescoço na direção do molho de folhas que se parecia com a toca de um esquilo a meio da árvore. — Disse-vos para ficarem longe do meu jardim, se não forem capazes de não o estragar! O que é que vão fazer quanto a isto!?

Enquanto eu bufava no chão, ouvi um restolhar, e uma folha morta esvoaçou até ao chão. A cabeça de uma fada pálida emergiu da toca; tratava-se do líder do pequeno clã de machos solteiros que, imediatamente, se concentrou em mim.

— O jardim não é teu — disse, em voz alta. — O jardim é meu e, por mim, até podes ir dar um grande passeio ao longo de uma pequena linha Ley.

Fiquei de queixo caído. Atrás de mim, ouviu-se o som de uma janela a fechar; Ivy não queria ter nada que ver com o que se ia passar a seguir. Não a podia culpar por isso, mas aquele era o jardim de Jenks e, se eu não os expulsasse, estaria completamente destruído quando ele regressasse. Eu era uma detetive, raios. Se não era capaz de manter intacto o jardim de Jenks, não merecia o título. Mas estava a ficar cada vez mais difícil e eles limitavam-se a regressar mal eu entrava em casa.

— Não me ignorem! — gritei, enquanto a fada desaparecia no interior da toca comunal. — Seu idiota maldoso!

Deixei escapar um grito de ultraje quando um traseiro minúsculo e desnudo tomou o lugar do rosto pálido e se agitou por entre o monte de folhas. Achavam que estavam seguros ali em cima, fora do meu alcance.

Enojada larguei os caules partidos e avancei para o barracão a passos largos. Eles não vinham a mim, por isso eu iria até eles. Eu tinha um escadote.

Os gaios azuis do cemitério emitiram o seu chamamento, apreciando o facto de terem algo novo sobre o que falar, enquanto eu lutava com o escadote metálico de três metros e meio. Este bateu nos ramos mais baixos, enquanto eu tentava encostá-lo ao tronco e, num guincho de protesto, a

toca esvaziou-se numa explosão de asas de borboleta azuis e laranja. Coloquei um pé no primeiro degrau, soprando uma madeixa ruiva que me caíra sobre os olhos. Odiava ter de fazer aquilo, mas se eles arruinassem o jardim, os filhos de Jenks morreriam de fome.

— Agora! — soou a ordem e eu gritei quando finas picadas me magoaram as costas.

Assustada, baixei a cabeça e girei. O escadote escorregou, abatendo-se sobre o canteiro que eles tinham destruído. Irritada, ergui os olhos. Eles estavam a atirar contra mim as bolotas do ano anterior, as suas pontas afuniladas suficientemente duras para magoar.

— Seus pestinhas! — gritei, feliz por ter comigo um amuleto contra as dores.

— Outra vez! — gritou o líder.

Os meus olhos abriram-se perante a mão-cheia de bolotas que choviam na minha direção.

— *Rhombus!* — disse, utilizando a palavra que me permitia unir uma série de exercícios mentais aprendidos com grande esforço numa ação quase instintiva.

A uma velocidade superior à do pensamento, a minha consciência tocou na linha Ley que atravessava o cemitério. A sua energia encheu-me, o equilíbrio alcançado no período entre a memória e a ação. Virei, os dedos do pé esticados, traçando um círculo rude, e a força da linha Ley encheu-o e fechou-o. Poderia tê-lo feito na noite anterior, não fora a prata encantada que tinham prendido ao meu braço.

Uma faixa tremeluzente de eternidade ganhou corpo, o lençol de realidade alternativa, da espessura de uma molécula, arqueou, fechando-se sobre a minha cabeça e dois metros abaixo dos meus pés, formando uma bolha oblonga que impedia a passagem de qualquer coisa mais execrável do que o ar. Era desleixado e não manteria um demónio à distância, mas as bolotas fizeram ricochete. Também funcionava contra balas.

— Parem com isso! — exclamei, enervada. A tonalidade, normalmente vermelha, do lençol de energia tornou-se dourada à medida que ia assumindo a cor principal da minha aura.

Vendo-me em segurança, mas encurralada no interior da minha bolha, a fada maior desceu, esvoaçando graças às suas asas de traça; as mãos pousadas nas ancas estreitas e o cabelo fino, envolto em teias de aranha faziam com que parecesse um negativo da Morte com quinze centímetros. Os lábios eram de um vermelho vivo contra o rosto pálido e as feições estavam tensas de determinação. A sua beleza rude concedia-lhe uma aparência incrivelmente frágil, mas era um osso duro de roer. Tratava-se de uma fada de jardim, não era um dos assassinos que quase me matara

na primavera passada, mas estava, ainda assim, habituado a lutar pelo seu direito à vida.

— Vai para dentro e não te magoaremos — disse ele, com uma expressão irónica.

Eu ri. O que é que me iam fazer? Dar beijinhos de borboleta até à morte?

Um sussurro excitado chamou a minha atenção para a fila de miúdos do bairro que me observavam por cima do muro alto que rodeava o cemitério. Os seus olhos fitavam-me, muito abertos, enquanto eu tentava levar a melhor sobre aqueles minúsculos seres voadores, algo que todos os Inderlanders sabiam ser impossível. Bolas, estava a agir tal como um humano ignorante. Mas aquele era o jardim de Jenks e tentaria mantê-los longe durante tanto tempo quanto possível.

Determinada, saí do meu círculo. Estremeci quando a energia que o tinha formado voltou para mim, encheu o meu *chi* e regressou à linha Ley. Ouviu-se um guincho de ordem para que os restantes tivessem os dardos a postos.

Dardos? Oh, que maravilha! Com a pulsação acelerada, corri para o lado mais distante da cozinha em busca da mangueira.

— Tentei ser simpática. Tentei ser razoável — murmurei, enquanto abria a torneira e a água começava a pingar da mangueira de rega. Os gaios azuis do cemitério emitiram o seu chamamento, eu lutei com a mangueira, estacando quando esta ficou presa na esquina da cozinha. Tirando as luvas, dei um sacão à mangueira, fazendo-a ondular. Esta libertou-se e eu cambaleei para trás. Do freixo, ergueram-se os sons agudos da organização. Nunca antes os tinha regado. Talvez fosse aquela a solução. As asas das fadas não funcionavam muito bem molhadas.

— Apanhem-na! — ouvi gritar e ergui a cabeça de repente. Os espinhos que eles empunhavam pareciam tão grandes como espadas, quando se lançaram na minha direção.

Arquejando, aponte a mangueira e apertei. Eles ergueram-se no ar e eu segui-os, os meus lábios afastando-se quando o fluxo de água se transformou num fio patético que se lançou em arco sobre o solo e morreu. *Que diabo?* Virei-me perante o som de água a jorrar. Eles tinham-me cortado a mangueira!

— Gastei vinte dólares nessa mangueira! — gritei, depois senti que o meu rosto empalidecia perante o clã determinado a enfrentar-me, as suas pequenas espadas certamente impregnadas com hera venenosa. — Hum, podemos conversar? — gaguejei.

O som de asas de *pixy* fez com que o meu coração me subisse até à garganta.

— Jenks! — exclamei, virando-me na direção do olhar preocupado das fadas, preso num ponto para lá do meu ombro. Mas não era Jenks, era a sua esposa, Matalina, e a sua filha mais velha, Jih.

— Para trás — ameaçou Matalina, pairando a meu lado, à altura da minha cabeça.

O matraquear surdo das suas asas de libelinha, mais manobráveis, agitou as madeixas soltas do meu cabelo húmido, fazendo-me cócegas no rosto. Parecia mais magra do que no inverno anterior, as feições de criança numa expressão séria. Os olhos revelavam a sua determinação e nas mãos segurava um arco, com uma flecha presa na corda. A filha tinha um aspeto ainda mais ameaçador, empunhando uma espada de lâmina de prata e punho de madeira. Tomara posse de um pequeno jardim do outro lado da rua e precisava da prata para o proteger e a si mesma, já que ainda não tomara marido.

— É meu! — gritou a fada, frustrada. — Duas mulheres são incapazes de manter um jardim!

— Preciso apenas do solo sobre o qual voou — disse Matalina, em tom resolutivo. — Saiam. Agora.

A fada hesitou e Matalina puxou ainda mais a corda do arco, fazendo-a emitir um pequeno gemido.

— Retomá-lo-emos quando partirem! — gritou ele, fazendo sinal ao clã para que se retirassem.

— Como queiram — disse ela. — Mas enquanto eu aqui estiver, vocês não estarão.

Observei, espantada, enquanto uma *pixy* de dez centímetros enfrentava um clã inteiro de fadas. Tal era a reputação de Jenks e tais eram as capacidades dos *pixies*. Poderiam dominar o mundo, através de assassinatos e chantagem, se o desejassem. Mas tudo o que queriam era um pequeno pedaço de chão e alguma paz para dele cuidarem.

— Obrigada, Matalina — sussurrei.

Ela não afastou deles o seu olhar férreo até eles se terem retirado para lá do muro pela altura do joelho que separava o jardim do cemitério.

— Agradece quando eu tiver regado as novas sementes com o seu sangue — murmurou ela, chocando-me. A bela *pixy*, envolta em seda fitou todos os dezoito, a sua pele normalmente bronzeada, pálida por ter vivido com Jenks e os filhos na cave de um animalomem durante todo o inverno. O seu vestido verde, leve e ondulante, agitava-se na aragem das suas asas. Estas tinham assumido uma forte tonalidade vermelha devido à sua raiva, tal como acontecia com as da filha.

O grupo de fadas de jardim fugiu para um canto do cemitério, pairando e dançando numa demonstração beligerante, sobre os dentes-de-leão,

quase a uma rua de distância. Matalina puxou a corda do seu arco, libertando a flecha ao mesmo tempo que exalava. Um ponto laranja brilhante ergueu-se subitamente no ar, depois desceu.

— Apanhaste-o? — perguntou a filha, a voz etérea assustadora na sua veemência.

Matalina baixou o arco.

— Prendi-lhe a asa a uma pedra. Ele rasgou-a quando se afastou. Para que não se esqueça de mim.

Engoli em seco e, nervosa, limpei as mãos às calças de ganga. O tiro atravessara toda a propriedade. Recuperando o controlo sobre mim mesma, dirigi-me à torneira e fechei a água que jorrava.

— Matalina — disse eu, enquanto me endireitava, ao mesmo tempo que acenava com a cabeça na direção da filha, cumprimentando-a. — Obrigada. Eles quase me encheram de hera venenosa. Como está? Como está o Jenks? Ele vai falar comigo? — disse de rompante, mas o meu sobrolho franziu-se e a minha esperança caiu por terra quando ela baixou os olhos.

— Lamento, Rachel — ela pousou na mão que eu lhe oferecia, agitando as asas, que pararam de seguida, enquanto assumiam uma tonalidade azul pálida. — Ele... eu... É por isso que estou aqui.

— Oh, Deus, ele está bem? — perguntei, subitamente assustada quando a bela mulher pareceu prestes a chorar. A sua ferocidade tinha sido levada por uma onda de infelicidade e eu olhei de relance para as fadas distantes, enquanto Matalina lutava por se recompor. *Ele estava morto. Jenks estava morto.*

— Rachel... — chilreou ela, parecendo-se ainda mais com um anjo quando passou a mão por baixo de um olho. — Ele precisa de mim e proibiu o regresso das crianças. Em especial agora.

A onda de alívio inicial recuou, dando lugar a preocupação, e eu fitei as asas de borboleta. Estavam a aproximar-se.

— Vamos para dentro — disse eu. — Faço-lhe um pouco de água com açúcar.

Matalina abanou a cabeça, o arco pendurado na sua mão. Sem sair do seu lado, a filha observava o cemitério.

— Obrigada — disse ela. — Vou-me assegurar de que o jardim de Jih está seguro, depois regressarei.

Olhei para a frente da igreja, como se conseguisse ver o jardim dela, do outro lado da rua. Jih parecia ter apenas oito anos, mas para um *pixy* isso era idade suficiente para estar sozinha; além disso encontrava-se ativamente à procura de um marido, descobrindo-se na posição única de poder demorar o seu tempo, enquanto tratava do seu próprio jardim, defendendo-o com a espada de prata que o pai lhe dera. Tendo em consideração que tinham

acabado de escorraçar um clã de fadas, garantir que não estava ninguém à espera para atacar Jih quando ela regressasse a casa parecia uma boa ideia.

— Está bem — disse eu; Matalina e Jih ergueram-se alguns centímetros empurrando para mim o cheiro a coisas verdes. — Espero por si lá dentro. Entre à vontade. Estarei na cozinha.

Por entre um matraquear suave, elas ergueram-se no ar e esvoaçaram sobre o alto campanário, enquanto eu observava, preocupada. Era provável que estivessem a passar dificuldades, agora que o ego de Jenks os mantinha longe do seu jardim e se viam obrigados a lutar para sobreviver. Porque é que todos os homens pequenos pareciam ter egos gigantesco?

Parando para ver se as ligaduras que me cobriam os nós dos dedos não tinham caído, subi os degraus de madeira, batendo os pés, e descalcei os ténis de jardinagem. Deixando-os ali, entrei pela porta das traseiras que dava acesso à sala de estar. O cheiro do café atingiu-me quase como uma bofetada. Ouvi o som de passos masculinos sobre o linóleo da cozinha, do outro lado do corredor, e hesitei. Não era Ivy. *Kisten?*

Intrigada, avancei silenciosamente até à cozinha. Hesitando junto à passagem aberta, fitei a divisão aparentemente vazia.

Gostava da minha cozinha. Não, permitam que o diga de outra forma. Adorava a minha cozinha, com a lealdade de um buldogue perante o seu osso preferido. Ocupava mais espaço que a sala de estar e tinha dois fogões, para que nunca precisasse de cozinhar feitiços e refeições sobre a mesma chama. Estava iluminada por fortes luzes fluorescentes, tinha um grande balcão, bastantes armários e os meus utensílios de cerâmica pendurados sobre uma ilha central. Um cálice de *brandy* de tamanho gigante, que servia de aquário ao meu Beta *Sr. Peixe*, repousava no parapeito da única janela da cozinha, logo por cima do lava-loiça, tapada por uma cortina azul. Fora gravado um círculo pouco fundo no linóleo, para os casos em que eu precisava de proteção extra durante a preparação de um feitiço mais sensível, e havia ervas penduradas a secar numa armação presa ao canto.

A parede interior estava ocupada por uma pesada mesa de madeira antiga; do meu lado, encontrava-se uma pilha de livros que não estava lá antes. O resto da mesa estava ocupado, de forma absolutamente organizada, pelo computador, a impressora, os mapas, os marcadores coloridos e tudo o mais que Ivy necessitasse para planear até à exaustão as suas missões. Ergui as sobrancelhas perante a pilha de livros, mas sorri perante o traseiro, envolto em ganga, que espreitava da porta aberta do frigorífico de aço inoxidável.

— Kist — disse eu, o som agradável da minha voz levando o vampiro vivo a erguer a cabeça. — Pensei que eras a Ivy.

— Olá, querida — disse ele, o sotaque inglês que ele fingia normal-

mente quase inexistente, enquanto fechava a porta com o pé, num gesto descontraído. — Fui entrando, espero que não te importes. Não queria tocar à campainha e acordar os mortos.

Sorri; ele pousou o queijo creme no balcão e avançou na minha direção. Ivy ainda não estava morta, mas ficava com o mau humor de um trol das pontes quando a acordavam antes da hora a que ela se queria levantar.

— Hum, podes ir entrando sempre que quiseres, desde que me faças café — disse eu, envolvendo a sua cintura fina com os meus braços, quando ele me deu um abraço.

As suas unhas curtas deslizaram dois centímetros acima das novas nódoas negras e das marcas de dentes no meu pescoço.

— Estás bem? — murmurou.

Fechei os olhos perante a preocupação na sua voz. Ele quisera vir ter comigo na noite anterior e eu fiquei grata por não o ter feito, respeitando assim a minha vontade.

— Estou ótima — disse eu, brincando com a ideia de lhe dizer que eles tinham feito batota, cinco alfas unidos num círculo para dar vantagem à sua cadela, numa luta já de si injusta. Mas tratava-se de um acontecimento de tal forma inusitado que temi que ele me acusasse de estar a inventar... além disso, soava-me demasiado como queixinhas.

Em vez disso, apoiei a cabeça nele e inspirei o seu cheiro: uma mistura de cabedal escuro e seda. Kisten tinha vestido uma camisola de algodão, de decote em V, que lhe realçava os ombros, mas o odor do cabedal e da seda permanecia, juntamente com o toque almiscarado a incenso que envolvia os vampiros. Nunca estabelecera a ligação entre esse cheiro em particular e os vampiros até ter ido viver com Ivy, mas o mais certo era que, agora, fosse capaz de dizer, de olhos fechados, se quem estava na sala era Ivy ou Kisten.

Ambos os cheiros eram deliciosos e eu inspirei profundamente, desejando assimilar as feromonas vampíricas que ele emitia inconscientemente para me reconfortar e relaxar. Tratava-se de uma adaptação evolutiva destinada a tornar mais fácil a demanda por um dador de sangue voluntário. Não que Kisten e eu estivéssemos a partilhar sangue. Não eu. Não esta bruxinha. Nem agora nem nunca. O risco de me transformar num joguete — a minha vontade entregue a um vampiro — era demasiado real. Mas isso não implicava que não fosse capaz de gozar um pouco.

Conseguia ouvir o bater do coração dele e deixei-me ficar, imóvel, enquanto os seus dedos traçavam um caminho delicioso pelo fundo das minhas costas. Pousei a testa no ombro dele; estava mais baixa do que o normal, já que ele se encontrava de botas e eu de meias. As suas exalações faziam agitar o meu cabelo. A sensação fez-me erguer a cabeça e deparei-me com os seus olhos azuis, que me espreitavam por baixo da franja comprida,

constatando pelas pupilas de tamanho normal que ele tinha saciado a sua sede de sangue antes de ter ido ter comigo. Era algo que fazia normalmente.

— Gosto quando cheiras a terra — disse ele, os olhos meio fechados e a voz maliciosa.

Sorrindo, passei uma unha pela face áspera. Kisten tinha um nariz e um queixo pequenos e, normalmente, deixava uma barba de um dia que lhe dava um ar mais rude. O cabelo estava pintado de louro para combinar com a quase barba, embora ainda não o tivesse apanhado com raízes escuras ou com um feitiço para o colorir.

— Qual é a verdadeira cor do teu cabelo? — perguntei, num impulso, enquanto brincava com as finas madeixas que caíam até à base do pescoço dele.

Ele afastou-se, pestanejando de surpresa. Duas fatias de pão saltaram na torradeira e ele dirigiu-se ao balcão, pegando num prato e colocando sobre ele as torradas.

— Hum, é louro.

Os meus olhos desceram pelo seu agradável traseiro e encostei-me ao balcão, apreciando a vista. Os limites das suas orelhas tinham assumido um suave tom avermelhado e eu avancei para ele, inclinando-me de forma que passasse com um dedo pela orelha rasgada, no local onde alguém arrancara um dos dois brincos de diamante que usava em cada orelha. A orelha direita ainda exibia os dois brincos e perguntei-me quem teria o diamante em falta. Teria perguntado, mas temia que ele me dissesse que estava na posse de Ivy.

— Pintas o cabelo — insisti. — De que cor é, na verdade?

Kisten recusava-se a olhar para mim enquanto abria a embalagem de queijo creme e espalhava uma espessa camada sobre as torradas.

— É acastanhado. Porquê? Há algum problema?

Pousando as mãos na cintura dele, fi-lo virar-se. Prendi-o contra o balcão e inclinei-me até os nossos lábios se tocarem.

— Deus, não! Só me estava a perguntar.

— Oh!

As mãos dele deslizaram para a minha cintura e, claramente aliviado, ele inspirou lentamente, parecendo inalar a minha própria alma. Uma centelha de desejo saltou dele para mim, penetrando até ao centro do meu ser e deixando-me sem fôlego. Sabia que ele me estava a cheirar, que ele estava a ler, na tensão do meu corpo contra o dele, o desejo de transformar o nosso abraço em algo mais. Sabia que a união dos nossos odores era um poderoso afrodisíaco que agia sobre o sangue. Também sabia que Ivy o mataria se ele rasgasse a minha pele, mesmo que por acidente. Mas isso não era nenhuma novidade e eu seria uma tola se não admitisse que parte do encanto de Kis-

ten residia na mistura entre a profunda intimidade e o perigo de perder o controlo e me morder. Sim, estava a ser uma miúda parva e confiante, mas o sexo era excelente.

E Kisten é muito cuidadoso, pensei, afastando-me com uma falsa modestia, perante o rosnido surdo que o atravessou. Ele não teria ido até ali se não estivesse certo do seu controlo e eu sabia que ele se provocava a si mesmo com o meu sangue fora do seu alcance, tanto quanto eu testava a minha vontade perante o êxtase carnal, supostamente melhor do que o sexo, que podia acompanhar a mordidela de um vampiro.

— Vejo que estás a fazer amizade com os vizinhos — disse ele, e eu afastei-me para reabrir a janela e lavar as mãos.

Se eu não parasse, Ivy pressenti-lo-ia e apareceria na cozinha, pairando como um amante desfeito. Éramos colegas de casa e parceiras de trabalho — mais nada —, mas Ivy não fazia qualquer tentativa para esconder que queria mais. Certa vez pedira-me que fosse o seu delfim, uma espécie de ajudante principal e detentor do poder de um vampiro quando o dito vampiro se encontra limitado pela luz do Sol. Ela ainda não estava morta e não precisava de um delfim, mas Ivy gostava de planear.

A posição era uma honra, mas eu não a queria ainda que, sendo uma bruxa, não pudesse ser transformada num vampiro. Implicava a troca de sangue para cimentar os laços, razão pela qual eu a recusara terminantemente da primeira vez que ela mo pedira, mas depois de ter conhecido a sua antiga colega de quarto do liceu, passei a acreditar que ela queria mais do que isso. Kisten conseguia separar a sua demanda por sangue do seu desejo de sexo, mas Ivy não o conseguia e as emoções que um vampiro sedento de sangue faziam despertar em mim eram demasiado parecidas com o apetite sexual para que eu pensasse o contrário. O pedido de Ivy para que me tornasse seu delfim era também um pedido para que me tornasse sua amante e, por muito que gostasse dela, não tinha sido feita assim.

Fechei a torneira e sequei as mãos ao pano da loiça, franzindo o sobrolho perante as asas de borboleta que pairavam nas proximidades do jardim.

— Podias ter-me ajudado ali fora — disse eu, em tom amargo.

— Eu? — com os olhos azuis a brilhar, divertidos, Kisten pousou o sumo de laranja no balcão e fechou a porta do frigorífico. — Rachel, querida, eu amo-te e isso tudo, mas o que é que achas que eu poderia ter feito?

Atirando a toalha para o balcão, virei-lhe as costas e cruzei os braços, enquanto fitava as asas que se aproximavam cuidadosamente no exterior. Ele tinha razão, mas isso não implicava que eu tivesse de gostar. Fora uma sorte Matalina ter aparecido e eu voltei a perguntar-me o que queria ela.

Senti um bafo quente no ombro e saltei, compreendendo que Kisten se tinha aproximado sorratamente de mim, inaudível nos seus suaves passos de vampiro.

— Teria saído se precisasses — disse ele, a voz rouca penetrando-me de imediato. — Mas são apenas fadas de jardim.

— Sim — disse eu, com um suspiro. — Suponho que sim — quando me virei, os meus olhos passaram sobre o ombro dele e fixaram-se nos três livros sobre a mesa. — São para mim? — perguntei, desejando mudar de assunto.

Kisten estendeu um braço para arrancar uma margarida do vaso que se encontrava atrás de mim, ao lado do *Sr. Peixe*.

— O Piscary tinha-os numa vitrina. Pareciam-me livros de feitiços. Pensei que talvez pudesses encontrar algum que te permitisse transformar em animalomem. São teus se os quiseres. Prometo não contar a ninguém para onde foram.

Os olhos dele mostravam o desejo que sentia de me ajudar, mas eu não me mexi, deixando-me ficar ao lado do lava-loiça, de braços cruzados, fitando-os. Se o mestre vampiro os tinha numa vitrina deviam ser mais velhos que o tempo. Pior ainda, tinham todo o aspeto de serem livros de magia demoníaca, o que os tornava inúteis já que apenas os demónios a podiam realizar. *Por norma*.

Descruzando os braços, pensei melhor. Talvez *houvesse* alguma coisa que eu pudesse usar.

— Obrigada — disse, avançando para tocar no livro que se encontrava no cimo da pilha e suprimindo um estremecimento quanto senti uma ligeira esponjosidade, como se a minha aura tivesse passado de líquida a xaroposa. Senti um formigueiro na pele rasgada e limpei a mão às calças de ganga. — Não te vais meter em sarilhos?

A ténue tensão no seu maxilar foi o único sinal revelador do seu nervosismo.

— Queres dizer, ainda mais sarilhos do que por tentar matá-lo? — disse ele, afastando a franja comprida dos olhos.

Dirigi-lhe um sorriso doente.

— Percebo o que queres dizer.

Fui buscar uma caneca de café para mim, enquanto Kisten servia um copo pequeno de sumo de laranja e o pousava num tabuleiro que retirou de trás do micro-ondas. Juntou-lhe o prato de torradas, seguido de perto pela margarida que tirara do parapeito da janela. Observei-o, a minha curiosidade aumentando quando ele me dirigiu um sorriso de esguelha, revelando os caninos afiados, e se dirigiu para o corredor, de tabuleiro nas mãos. Muito bem, não era para mim.

Encostando-me ao balcão, bebi um gole de café, enquanto ouvia o ranger de uma porta a abrir.

— Boa tarde, Ivy — ouvi a voz de Kisten, num tom alegre. — Toca a acordar, o Sol está no ar!

— Vai-te lixar, Kist — respondeu Ivy num murmúrio arrastado. — Hei! — gritou mais alto. — Não abras isso! Que diabo estás tu a fazer?

Um sorriso fez curvar os meus lábios e ri, enquanto pegava no meu café e me ia sentar à mesa.

— É sábado — rosnou ela. — O que estás a fazer aqui tão cedo?

Enquanto ouvia a voz calmante de Kisten que subia e descia num padrão irreconhecível, perguntei-me o que se estaria a passar. Oriundos de famílias ricas, Kisten e Ivy tinham crescido juntos, tentado coabitar e optado pela separação, permanecendo amigos. Constavam que Piscary planeava juntá-los para que tivessem um bando de filhos que pudesse dar continuidade à sua linhagem de vampiros vivos antes de um deles morrer. Não era nenhuma especialista em relacionamentos, mas até eu conseguia perceber que isso não ia acontecer. Kisten gostava profundamente de Ivy e ela dele, mas vê-los juntos sempre me transmitiu a sensação de um relacionamento próximo, entre irmãos. Ainda assim, aquele pequeno-almoço na cama era algo inusitado.

— Cuidado com o café! — exclamou Kisten, seguido de perto por um guincho de Ivy.

— Não estás a ajudar. Sai do meu quarto! — rosnou ela, a sua voz de seda cinzenta assumindo uma entoação dura.

— Queres que prepare as tuas roupas, querida? — disse Kisten, o seu sotaque britânico falso a toda a força e a voz marcada pelo riso. — Adoro aquela saia cor-de-rosa que usaste durante todo o outono passado. Porque é que já não a usas?

— Sai! — exclamou ela e pude ouvir o som de algo a bater na parede.

— Queres panquecas, amanhã?

— Põe-te a andar do meu quarto!

Ouvi o clique da porta a fechar e recebi o sorriso de Kisten com um sorriso meu quando ele entrou na cozinha e se dirigiu à cafeteira.

— Perdeste uma aposta? — calculei, e ele acenou, as finas sobrance-lhas erguidas. Empurrei a cadeira que se encontrava ao lado da minha, do outro lado da mesa, com um pé e ele instalou-se, de caneca nas mãos, as pernas compridas estendendo-se para enlaçar as minhas por baixo do canto da mesa.

— Disse que conseguias sair com o David para resolver um caso e regressar sem o teres transformado numa festa de pancadaria. Ela disse que

não conseguias. — Kisten pegou no açucareiro e despejou duas colheres cheias no café.

— Obrigada — disse eu, feliz por ele ter apostado contra Ivy.

— Perdi de propósito — disse ele, esmagando a sensação de que fora vingada, antes que esta pudesse respirar pela primeira vez.

— Muito obrigada — corrigi, tirando as minhas pernas de debaixo das dele.

Pousando a caneca, Kisten inclinou-se para a frente e tomou as minhas mãos nas dele.

— Para, Rachel. De que outra forma poderia arranjar uma desculpa para vir aqui, todas as manhãs, durante uma semana?

Assim não podia ficar zangada com ele, por isso sorri, baixando o olhar para as nossas mãos entrelaçadas, as minhas pálidas e magras entre os seus dedos bronzeados e masculinos. Era agradável vê-las ali, juntas, daquela forma. Durante os últimos quatro meses, ele não me enchera de atenções, mas estivera presente e disponível sempre que o desejo atingia qualquer um de nós.

Estava incrivelmente atarefado a gerir os negócios de Piscary, agora que o mestre vampiro morto-vivo se encontrava na prisão — graças a mim — e eu estava ocupada com a minha parte da agência de detetives que formara com Ivy, a Encantamentos Vampíricos. Consequentemente, Kisten e eu partilhávamos breves instantes espontâneos e intensos que eu considerava, ao mesmo tempo, muitíssimo satisfatórios e curiosamente libertadores. As nossas conversas breves e praticamente diárias, enquanto bebíamos café ou jantávamos, eram mais agradáveis e reconfortantes do que um fim de semana comprido de mochila às costas nas Adirondacks a fugir de guerreiros de fim de semana, animalomens e a matar mosquitos.

Kisten não sentia ciúmes do tempo que eu dedicava à minha carreira e eu sentia-me aliviada por ele saciar a sua sede de sangue noutra lado; tratava-se de uma parte dele que ia ignorar até descobrir uma forma de lidar com ela. Avizinhavam-se problemas no nosso futuro, já que as bruxas de sangue casto e os vampiros vivos não eram conhecidos pelos seus compromissos de longo prazo. Mas eu estava farta de estar sozinha e Kisten cuidava de todas as minhas necessidades emocionais e eu cuidava de todas as suas, com exceção de uma, permitindo, contudo, que outra pessoa o fizesse sem revelar qualquer desconfiança. O nosso relacionamento era demasiado bom para ser verdade e eu perguntava-me como era possível encontrar conforto junto de um vampiro quando tal nunca me fora possível com um bruxo.

Ou com Nick, pensei, sentindo toda a expressão a desaparecer do meu rosto.

— O que foi? — perguntou Kisten, mais consciente da minha mudança de humor do que se eu tivesse pintado o rosto de azul.

Inspirei, odiando-me pela direção que tinham tomado os meus pensamentos.

— Nada — esbocei um sorriso fraco. — Estava apenas a pensar no quanto gosto de estar contigo.

— Oh! — o seu rosto, onde a barba despontava, enrugou-se num sorriso preocupado. — O que vais fazer hoje?

Recostei-me, retirando a minha mão das dele, mas pousando os pés, calçados apenas com meias, um de cada lado do seu colo para que ele não pensasse que eu me estava a afastar. Desviei o olhar para a minha mala e para o meu livro de cheques. Não estava desesperada por dinheiro, espanto dos espantos, tendo em consideração que os telefonemas em busca dos meus serviços tinham caído a pique depois de um jornal das seis, no inverno passado, me ter mostrado a ser levada de rojo, rua abaixo, por um demónio. Tendo aceitado o conselho de David para tirar alguns dias para me recompor, sabia que devia aproveitar o tempo para investigar um pouco, pôr as contas em dia, limpar a casa de banho ou fazer algo construtivo.

Mas, depois, o meu olhar cruzou-se com o de Kisten e a única ideia que me veio à mente foi... ah, nada construtiva. Os seus olhos não estavam calmos. Havia neles um ligeiro aumento das pupilas, uma ligeira diminuição do azul. Com o olhar preso no meu, Kisten pegou num dos meus pés, pousou-o no colo e começou a massajá-lo. A intensidade que dedicava àquela ação aumentou quando pressentiu a aceleração da minha pulsação e a sua massagem assumiu um ritmo que falava de... possibilidades.

Senti-me ficar sem fôlego. Não havia nos seus olhos qualquer sinal de sede de sangue, apenas um desejo que me apertou o estômago e fez formigar a minha cicatriz do demónio.

— Preciso de... lavar a roupa? — disse eu, arqueando as sobrancelhas.

— A roupa — os seus olhos nunca se afastaram dos meus, enquanto as mãos abandonavam os meus pés e começavam a subir lentamente. Deslizando, pressionando, sugerindo. — Parece-me envolver água e sabão. Hum. Pode ser escorregadio. E caótico. Acho que tenho uma barra de sabão algures. Queres ajuda?

Hum, hum, pensei, a minha mente percorrendo as formas como ele me podia “ajudar” e a melhor maneira de tirar Ivy de casa durante algumas horas.

Lendo — bem... a minha disponibilidade talvez seja uma palavra demasiado fraca — o meu entusiasmo no sorriso convidativo que lhe dirigi, Kisten estendeu os braços e puxou a minha cadeira, aos saltos e a arrANHAR o chão, fazendo-a contornar o canto da mesa, aproximando-a da sua graças

à sua força de vampiro vivo. Abri as pernas, colocando um joelho de cada lado do seu corpo e ele inclinou-se para a frente, o azul dos seus olhos desaparecendo numa fita estreita.

Com a tensão a subir, encostei os lábios à sua orelha rasgada. O odor a cabedal e seda abateu-se sobre mim e eu fechei os olhos em antecipação.

— Tens as capas? — sussurrei.

Senti-o acenar, mas estava mais interessada nos movimentos dos seus lábios. Kisten segurou o meu maxilar com uma mão e inclinou o meu rosto para o seu.

— Sempre — disse ele. — Sempre e para sempre contigo.

Oh, Deus, pensei, prestes a derreter. Kisten usava capas nos afiados dentes caninos para se impedir de me rasgar a pele num momento de paixão. Por norma, tais subterfúgios eram usados pelos vampiros vivos adolescentes, que ainda não tinham controlo sobre si mesmos, e Kisten arriscava-se a ser seriamente gozado se alguém descobrisse que ele as usava quando dormíamos juntos. Uma tal decisão tivera a sua origem no respeito que ele sentia pela minha vontade de não partilhar com ele o meu sangue e da ameaça de Ivy, que prometera espetar-lhe duas estacas no coração caso ele tomasse o meu sangue. Kisten alegava ser possível unir alguém a um vampiro sem que essa pessoa se tornasse um espetro do vampiro, mas tudo o que vira até então dizia o contrário. O meu medo permanecia. Bem como as capas nos dentes dele.

Inspirei, inalando profundamente as feromonas vampíricas, pedindo-lhes que me acalmassem, desejando que a promessa titilante que zumbia na cicatriz do demónio corresse através do meu corpo. Mas Kisten ficou rígido e afastou-se.

— Ivy? — sussurrei, sentindo a preocupação encher os meus olhos quando o olhar dele se tornou distante.

— Asas de *pixy* — disse ele, empurrando a minha cadeira.

— Matalina — disse eu, enviando o meu olhar para a passagem aberta entre a cozinha e o corredor.

Ouviu-se um baque distante.

— Jenks? — questionou a voz abafada de Ivy a partir do seu quarto.

Fiquei de queixo caído. Ela ouvira as asas de Matalina através da porta fechada? Ótimo. Simplesmente espetacular! Nesse caso também tinha ouvido a nossa conversa.

— É Matalina! — gritei, não querendo que ela sáísse do quarto de rompante, pensando tratar-se de Jenks.

Mas era demasiado tarde e eu ergui-me, desajeitadamente, quando a porta do quarto dela se abriu com um estrondo. Matalina voou para a cozinha um segundo antes de Ivy ter cambaleado até ela, estacando de forma

repentina e pouco digna, apoiando-se com uma mão na ombreira da passagem aberta.

Ivy envergava apenas a camisa de dormir minúscula, o robe de seda preta quase nada fazendo por esconder o corpo alto e esguio, de membros firmes e ágeis devido à prática de artes marciais. O cabelo liso e negro, emaranhado do sono, envolvia-lhe o rosto oval de forma descuidada. Tinha-o cortado não há muito e ainda me surpreendia vê-lo a abanar logo abaixo das orelhas. O corte fazia com que o longo pescoço parecesse ainda mais comprido, a única cicatriz aí existente, uma linha suave, agora ténue devido à cirurgia plástica. De olhos muito abertos, por ter sido arrancada de repente da cama, os olhos castanhos, ligeiramente amendoados pareciam maiores do que o normal e os lábios finos tinham-se afastado para revelar os dentes pequenos.

De cabeça inclinada, Kisten girou na cadeira. Quando a viu quase despida, o seu sorriso aumentou.

Fazendo uma careta perante a sua entrada pouco digna, Ivy endireitou-se, tentando reencontrar o normal controlo férreo sobre as suas emoções. As faces pálidas estavam coradas e ela recusava-se a cruzar o seu olhar com o meu, enquanto fechava o robe num movimento abrupto.

— Matalina — disse ela, a voz ainda pastosa do sono. — O Jenks está bem? Está disposto a falar connosco?

— Deus, espero que sim — disse Kisten, secamente, virando a cadeira de forma que não ficasse de costas para Ivy.

A *pixy*, agitada, esvoaçou para se empoleirar no balcão da ilha que ocupava o centro da cozinha. Um rasto brilhante de centelhas prateadas soltava-se dela, caindo lentamente e desenhando um raio de Sol temporário, prova clara do seu estado de agitação. Já conhecia a sua resposta, mas não pude evitar a desilusão quando ela abanou a cabeça, as asas aquietando-se. Os seus olhos belos abriram-se muito e ela torceu o tecido do seu vestido de seda.

— Por favor — disse ela, a voz revelando uma dose assustadoramente elevada de preocupação. — O Jenks não virá ter convosco. Estou tão assustada, Rachel. Ele não pode ir sozinho. Não regressará se for sozinho!

De súbito, senti-me muitíssimo mais preocupada.

— Ir onde? — perguntei, aproximando-me.

Ivy também se aproximou, pelo que nos amontoámos à frente dela, sentindo-nos inúteis quando a mulher minúscula, capaz de afastar seis fadas, começou a chorar. Sempre cavalheiro, Kisten rasgou um lenço de papel e entregou-lhe um pedaço do tamanho da cabeça de um dedo. Matalina podia tê-lo usado como toalha da loiça.

— É o Jax — disse Matalina, sustentando a respiração entre soluços. Jax era o seu filho mais velho.

O meu receio tornou-se mais premente.

— Ele está no apartamento do Nick — disse eu. — Levo-a lá de carro. Matalina abanou a cabeça.

— Ele não está lá. Partiu com Nick durante o Solstício de inverno.

Endireitei-me abruptamente, sentindo-me como se tivesse levado um murro no estômago.

— O Nick esteve na cidade? — gaguejei. — Durante o Solstício? Ele nem ligou!

Olhei para Ivy, chocada. Aquele maldito bastardo humano! Tinha vindo à cidade, limpo o apartamento e partido; tal como Jenks disse que ele ia fazer. E eu que pensava que ele gostava de mim. Eu estava ferida e meio morta de hipotermia e ele limitara-se a partir? Enquanto eu espumava, o sentimento de traição e confusão que eu pensara ter esquecido há muito regressou, provocando-me dores de cabeça.

— Recebemos uma chamada esta manhã — dizia Matalina, ignorando o meu estado, embora Kisten e Ivy tivessem trocado um olhar cúmplice. — Achamos que ele está no Michigan.

— No Michigan! — balbuciei. — Que Viragem está ele a fazer no Michigan?

Ivy aproximou-se um pouco, ficando quase entre mim e Matalina.

— Disse que pensam. Não têm a certeza?

A *pixy* virou para Ivy o rosto marcado pelas lágrimas, parecendo tão trágica e forte como um anjo em sofrimento.

— O Nick disse ao Jax que estavam no Michigan, mas eles mudaram-no de sítio. Jax não sabe ao certo.

Eles mudaram-no?

— Quem é que o mudou de sítio? — perguntei, inclinando-me para ela. — Eles estão em apuros?

Os olhos da mulher minúscula estavam tão assustados!

— Nunca vi o Jenks tão furioso. O Nick pediu ao Jax para o ajudar no seu trabalho, mas algo correu mal. Agora o Nick está ferido e o Jax não consegue voltar para casa. Faz frio lá em cima; estou tão preocupada.

Olhei de relance para Ivy, os seus olhos escuros devido ao aumento das pupilas, os lábios apertados numa linha fina e furiosa. Trabalho? Nick limpava artefactos de museu e restaurava livros antigos. Para que tipo de trabalho necessitaria Nick de um *pixy*? No Michigan? Na primavera, uma altura em que a maioria dos *pixies* que vivem em tais latitudes mal saiu da hibernação?

Os meus pensamentos consideraram a casualidade confiante de Nick,

a sua aversão a tudo o que use distintivo, a sua mente diabolicamente rápida e a sua tendência singular para deitar a mão a quase tudo, em qualquer altura. Tinha-o conhecido nas lutas de ratazanas de Cincinnati, em que ele estava a participar, tendo sido transformado numa ratazana depois de ter “levado emprestado” um livro de um vampiro.

Ele regressara a Cincinnati e partira com Jax, sem me dizer que estava na cidade. Porquê levar Jax com ele?

Senti o rosto a ficar quente e os joelhos a tremer. Os *pixies* tinham outras dotes para além da jardinagem. *Merda. O Nick era um ladrão.*

Apoiando-me pesadamente no balcão, fitei Kisten e Ivy, lendo na expressão do seu rosto que ela sempre soubera, mas que compreendera que eu ficaria furiosa com ela caso não o descobrisse por mim mesma. Deus, eu era tão parva! Estava mesmo à minha frente e eu não me permitira vê-lo.

Abri a boca, saltando quando Kisten me deu uma cotovelada nas costas. Os olhos dele saltaram para Matalina. A pobre mulher não sabia. Fechei a boca, sentindo-me gelada.

— Matalina — disse, suavemente. — Há alguma forma de descobrir onde é que eles estão? Talvez o Jax consiga encontrar um jornal ou algo assim.

— O Jax não sabe ler — sussurrou ela, escondendo a cabeça nas mãos e deixando cair as asas. — Nenhum de nós sabe — disse ela, chorando —, a não ser Jenks. Ele teve de aprender para poder trabalhar na SI.

Senti-me tão inútil, incapaz de fazer o que quer que fosse. Como é que se dá um abraço a alguém com dez centímetros de altura? Como é que lhe dizemos que o filho mais velho foi enganado por um ladrão? Um ladrão em quem eu tinha confiado?

— Estou tão assustada — disse a minúscula *pixy*, a voz abafada. — O Jenks vai atrás dele. Vai viajar para norte. Não vai regressar. É demasiado longe. Não vai conseguir encontrar comida suficiente, o frio é demasiado intenso e corre o risco de não encontrar um local seguro para passar a noite — Matalina deixou cair as mãos, a infelicidade e o sofrimento estampados nas suas pequenas feições enchendo-me de medo.

— Onde é que ele está? — perguntei, a raiva que sentia crescer dentro de mim, afastando o medo.

— Não sei — Matalina fungou, ao mesmo tempo que fitava o lenço rasgado que tinha na mão. — Jax disse que estava frio e que toda a gente estava a fazer *fudge*. Há uma grande ponte verde e muita água.

Abanei a cabeça, impaciente.

— Não é o Jax. O Jenks.

A expressão esperançosa de Matalina fazia com que parecesse mais bela do que todos os anjos de Deus.

— Vai falar com ele? — perguntou, estremeando.

Inspirando lentamente, olhei de relance para Ivy.

— Ele já amou o suficiente — disse. — Vou falar com esse idiota e ele vai ouvir-me. Depois, iremos os dois.

Ivy endireitou-se, os braços rígidos de cada um dos lados do corpo, enquanto recuava dois passos. Os olhos dela estavam muito abertos e o rosto cuidadosamente vazio de qualquer expressão.

— Rachel... — começou Kisten, o tom de aviso na sua voz puxando para ele a minha atenção.

Matalina ergueu-se uns oito centímetros no ar, o rosto iluminado ainda que as lágrimas continuassem a cair.

— Ele ficaria furioso se soubesse que vim em busca da vossa ajuda. N-não lhe diga que vo-la pedi.

Ignorando Kisten, inspirei, determinada.

— Diga-me onde é que ele vai estar, que eu descubro-o. Ele não vai fazer isto sozinho. Não quero saber se ele fala comigo ou não, irei com ele.

Três

O CAFÉ NA MINHA CANECA ESTAVA FRIO, ALGO DE QUE NÃO ME LEMBREI ATÉ A ter levado aos lábios. Forte e amargo, o seu sabor arrancou-me uma careta, um instante antes de ter deixado que o líquido deslizesse pela minha garganta. Estremecendo, mantive uma outra gota na língua. Um arrepio suave deslizou pela minha pele, enquanto procurava a linha que atravessava o cemitério e pousava o lápis na mesa da cozinha.

— Das velas ardidias à rotação do planeta — murmurei desajeitadamente, mantendo a gota de café na língua. — É com a fricção que tudo termina e começa — revirando os olhos, juntei as mãos num estalo audível, dizendo ao mesmo tempo — *Consimilis*.

Deus me ajude, era tão absurdo, mas as palavras ajudavam-me a recordar os movimentos dos dedos e os dois termos verdadeiramente responsáveis pelo feitiço.

— De frio a quente, no interior aprisionado — terminei, ao mesmo tempo que fazia o gesto tornaria o café que tinha na boca o objeto focal da magia das linhas Ley e que esta não aquecia... digamos... o aquário do *Sr. Peixe*. — *Calefacio* — disse eu, sorrindo perante o fluxo familiar da energia das linhas através do meu corpo.

Realizei um esforço consciente para permitir a passagem do que eu acreditava ser a quantidade certa de poder através de mim para excitar as moléculas da água e aquecer o café.

— Excelente — murmurei quando a caneca começou a fumar.

Os meus dedos envolveram a porcelana quente e eu libertei por completo a linha. *Muito melhor*, pensei enquanto me preparava para beber um gole, mas recuei, tocando no lábio, quando descobri o café demasiado quente. Ceri disse que o controlo chegaria com a prática, mas eu ainda estava à espera.

Pousei a caneca, afastando os mapas de Ivy da minha metade da mesa.

Os piscos cantavam, ruidosos, e eu semicerrei os olhos, tentando ler na luz fraca do fim da tarde, cujo céu se enchia de nuvens de chuva, e folheando as páginas dos livros que Kisten me emprestara. Teria de sair dentro de cerca de meia-hora para me cruzar, acidentalmente, com Jenks e estava a ficar ansiosa.

Ivy estava com uma das suas crises de mau humor e Kisten levava-a para longe pouco depois de Matalina ter partido, para que ela não desse comigo em doida, durante toda a tarde. Em breve descobriria qual era o seu problema e talvez Kisten o conseguisse resolver por mim.

As minhas costas estalaram quando me endireitei, arqueando as costas e inspirando profundamente. Afastei os dedos das folhas escurecidas pela luz do fim da tarde, sentindo o formigueiro da separação rasgar através de mim como um choque estático invertido. Os livros de Kist eram, de facto, textos demoníacos. Depressa me acostumei à sensação entorpecedora das suas páginas, atraída a explorá-las quando compreendi que todas as maldições misturavam magia da terra e magia das linhas Ley, utilizando-as a ambas para gerar mais do que a soma de ambas as partes. Tratava-se de uma leitura fascinante, mesmo que o meu latim fosse uma verdadeira lavagem para porcos, e só agora me começava a lembrar que devia temer aquele tipo de coisas. Não era bem o que eu estava à espera.

Claro que me deparara com os feitiços asquerosos destinados a virar do avesso o cão barulhento do vizinho, a fazer contorcer em agonia a professora da quarta classe ou a invocar uma bola de fogo infernal e a lançá-la contra o carro do tipo que segue colado à nossa traseira, mas também encontrara feitiços mais suaves. Feitiços em que não via qualquer mal, feitiços que faziam as mesmas coisas que muitos dos meus legais feitiços de terra faziam. E isso era o que mais me assustava.

Sentindo-me deslizar para um estado de espírito introspetivo, virei a página e descobri uma maldição destinada a encerrar uma pessoa numa espessa camada de ar, tornando os seus movimentos mais lentos, como se a pessoa estivesse mergulhada em melação. Suponho que fosse possível utilizar uma tal maldição para ganhar vantagem num combate e matar o adversário com um golpe na cabeça ou uma facada, mas mancharia a alma de uma pessoa se fosse utilizado para tornar o adversário mais lento, permitindo a colocação de umas algemas? Quanto mais lia, mais difícil era responder à pergunta. Eu presumira que as maldições demoníacas eram inerentemente negras, mas a verdade é que não via ali qualquer mal.

Ainda mais preocupante era o poder potencial de todas elas. A maldição descrita perante os meus olhos não correspondia à ilusão de melação que as bruxas negras das linhas Ley usavam para provocar pesadelos às pessoas, no decurso dos quais eram incapazes de fugir de algo ou de aju-

dar um ente querido. Mas também não era um feitiço de terra, que tinha de ser laboriosamente preparado e dirigido a uma pessoa específica, que provocava reações mais lentas, mas não a imobilidade quase completa. A maldição demoníaca pegava na rápida implementação e no largo espectro de aplicação de um encantamento das linhas Ley e prendia-os num conjunto de amuletos “polarizados” concedendo-lhes, por este meio, a realidade e permanência da magia de terra. Era uma mistura das duas. Era real. Era magia demoníaca e eu era uma das duas únicas pessoas simultaneamente capazes de andar sob o Sol e de a ativar.

— Obrigada, Trent — murmurei enquanto virava a página, um formigueiro nas pontas dos dedos. — O teu pai era um doce.

Contudo, não me estava a queixar. Não deveria ter sobrevivido até à puberdade. A anomalia genética que me afligia matava todas as bruxas que com ela nasciam antes de completarem dois anos. Acredito piamente que o pai de Trent Kalamack não sabia que a mesma coisa que me estava a matar tornava possível ativar a magia demoníaca, tendo assim contornado uma salvaguarda genética. Tudo o que sabia era que a filha do seu amigo estava a morrer de uma doença antiga e que possuía o conhecimento e a tecnologia — ainda que ilegal — para me salvar a vida.

Pelo que o fizera. E deixava-me algo preocupada que o único bruxo, além de mim, a quem o pai de Trent salvara a vida, estivesse, agora, a sofrer um verdadeiro inferno, como familiar do demónio Algaliarept na eternidade.

Fui assaltada por um sentimento de culpa, rapidamente esmagado. Tinha pedido a Lee que não me entregasse a Al. Tinha-lhe suplicado que nos levasse da eternidade quando teve essa possibilidade. Mas nã-ã-ã-ão! O bruxo mau da Costa Oeste achava que sabia tudo e agora estava a pagar pelo seu erro com a própria vida. Era ele ou eu e eu gostava do meu lar.

Uma aragem fresca soprou através da janela aberta, trazendo consigo a promessa de chuva e agitando as cortinas. Olhei de relance para o livro à minha frente e virei mais uma página, deparando-me com uma maldição para arrancar a inteligência a alguém até esta ficar com o cérebro de uma minhoca. Pestanejando, fechei o livro. Está bem, era fácil perceber que alguns daqueles feitiços eram negros, mas existiriam maldições brancas?

A verdade é que eu sabia que a magia de terra era poderosa, mas conceder-lhe a rapidez e versatilidade da magia das linhas Ley era assustador. E a mistura dos dois ramos da magia estava presente em todas as maldições. Nas poucas horas em que ali estivera sentada, descobrira maldições que transformavam massa em energia das linhas e vice-versa, o que permitia tornar, de facto, as coisas grandes pequenas e as pequenas grandes, não apenas transmitir a ilusão de uma mudança de tamanho, como acontecia

com a magia das linhas Ley; como a maldição envolvia uma poção gerada através da magia de terra, a mudança era real... real do género “capaz de gerar descendência”.

Nervosa, afastei-me da mesa. Enquanto os meus dedos martelavam a madeira antiga a um ritmo acelerado, olhei de relance para o relógio. Eram quase seis horas. Não conseguia continuar ali sentada. O tempo estava a mudar e eu queria embrenhar-me nele.

Erguendo-me repentinamente, arranquei o livro da mesa e fui-me ajoelhar junto da ilha no centro da cozinha para o arrumar na prateleira de baixo. Não queria guardar aqueles livros junto dos que faziam parte da minha normal biblioteca, mas também não desejava, de maneira nenhuma, guardá-los debaixo da minha almofada. De sobrolho franzido, mudei de lugar um livro de cozinha para servir de tampão entre os meus livros de feitiços e os volumes demoníacos. Era supersticiosa. Façam queixa!

Os dois últimos livros deslizaram para os respetivos lugares e endireitei-me, limpando as mãos às calças de ganga, enquanto os fitava, tão lindos, entre o exemplar de *Como Cozinhar Biscoitos Caseiros* que eu surripiara à minha mãe e a cópia de *Bruxas a Sério Comem Quiches* que eu recebera de um amigo secreto, numa troca de prendas de Natal na SI há três anos. Podem imaginar qual dos dois era o mais usado.

Agarrando na minha mala, dirigi-me para a porta, os saltos das botas ruidosos enquanto eu percorria o corredor, passava pelo quarto de Ivy e pelo meu, bem como pelas casas de banho e entrava no santuário. Os bancos tinham há muito sido retirados, tudo o que restava era o contorno esbatido de uma cruz enorme sobre o local onde se erguera outrora o altar. As janelas de vitral estendiam-se desde a altura do joelho até ao cimo das paredes com mais de três metros e meio de altura. O teto de vigas expostas estava envolto nas sombras do início do crepúsculo enublado e eu seria capaz de usar as minhas cuecas como chapéu de sol se pudesse voltar a ouvir ali as gargalhadas sussurradas de pequenos *pixies* a planearem as suas traquinices.

A grande divisão ocupava metade do espaço aquecido da igreja e estava vazia com exceção da minha secretária repleta de plantas, sobre o palco pela altura do tornozelo onde estivera instalado o altar, e o pequeno piano de cauda de Ivy, logo à entrada. Só a ouvira a tocar uma vez, os dedos longos arrancando das teclas uma profunda emoção que raramente via no seu rosto.

Agarrei as chaves que estavam sobre a secretária, ao passar, e estas tilintaram alegremente enquanto eu avançava até à entrada obscurecida. Semicerrando os olhos, tirei o casaco e o boné de cabedal vermelho do cabide que se encontrava ao lado das portas duplas de carvalho com dez cen-

tímetros de espessura. No último instante agarrei no chapéu de chuva de Ivy, com o seu punho de ébano antes de abrir a porta. Não havia qualquer fechadura — apenas uma barra que se podia baixar pelo lado de dentro —, mas ninguém deste lado das linhas Ley se atreveria a roubar de um vampiro Tamwood.

A porta fechou-se atrás de mim com um baque surdo e eu desci rapidamente os degraus até ao passeio estalado. A tarde de primavera estava fragrante, a humidade da tempestade que se aproximava alterara a pressão no ar, fazendo cantar os piscos e correr o sangue. Podia sentir o cheiro da chuva e imaginar o ribombar distante de um trovão. Adorava as tempestades de primavera e sorri às jovens folhas verdes que se agitavam na brisa que se começava a levantar.

Os meus passos apressaram-se quando vi o meu carro, aninhado sob o telheiro minúsculo: um descapotável vermelho com dois lugares à frente e dois lugares inutilizáveis atrás. Do outro lado da rua, um pouco mais abaixo, o nosso vizinho, Keasley, erguia-se no limiar do seu alpendre, a coluna vergada pela artrite e a cabeça erguida, provando o vento que mudava. Ergueu uma mão ossuda quando lhe acenei, fazendo-me saber que estava tudo bem com ele. Podia ouvir os gritos de crianças pequenas invisíveis, que respondiam à mudança na pressão atmosférica com menos controlo do que eu.

Por toda a rua, as pessoas começavam a sair das suas casas de classe média, as cabeças erguidas e os olhos fixos no céu. Era a primeira chuva quente da estação e apenas três dias depois da lua nova. A SI ia ter uma noite atribulada, a tentar refrear os ímpetos.

Já não era um problema meu, pensei alegremente, enquanto me instalava atrás do volante do carro, demorando-me a baixar a capota para poder sentir o vento no cabelo. Sim, ia chover, mas só daí a algumas horas.

Com o atrevido boné vermelho na cabeça e envergando um elegante casaco de cabedal para me proteger do vento, conduzi através de Hollows a velocidade moderada, esperando até ter atravessado a ponte e entrado na interestadual antes de carregar no acelerador. O vento húmido que me fustigava o rosto trazia até mim todos os cheiros, mais nítidos e fortes do que tinham sido durante meses, e o roncar dos pneus, dos motores e do vento, que abafavam tudo o resto, parecia-me a própria liberdade. Dei por mim a chegar aos cento e trinta, quando vi um carro-patrolha parado junto a um dos acessos. Tinha estampado o emblema do Departamento Federal Inderland e, acenando alegremente, desacelerei recebendo em resposta uma piscadela das luzes. Todos os agentes do DFI, controlado pelos humanos, conheciam o meu carro; caramba, tinham sido eles a oferecer-mo. O DFI não me mandaria parar, mas a SI, formada por Inderlanders fá-lo-ia, por

mera pirraça, só porque eu tinha abandonado a sua inútil força policial de dimensão nacional.

Prendi uma madeixa de cabelo atrás da orelha e olhei para trás, desconfiada. Só tinha aquele carro há alguns meses, mas os lacaios da SI que faziam serviço na rua já o conheciam todos de vista, aproveitando todas as oportunidades para me ajudar a perder pontos na carta. E não era justo! Ignorara um sinal vermelho, há um mês, mas fizera-o por uma boa razão. . . além disso, às cinco da manhã, não estava mais ninguém no cruzamento além do polícia. Ainda não sei de onde é que ele saiu. . . talvez da mala do meu carro? E da vez em que me mandaram encostar por seguir em excesso de velocidade na interestadual 75, estava atrasada para uma reunião. Além disso, não ia assim *tão* mais depressa que todos os outros condutores.

— Carro parvo — murmurei, com ternura, embora não trocasse o meu pequeno íman de multas por nada neste mundo. Ele não tinha culpa de que a SI aproveitasse todas as oportunidades para tornar a minha vida miserável.

Mas estava a ouvir *Walkie Talkie Man* no máximo, os Steriogram a cantar tão depressa que só um vampiro seria capaz de os acompanhar e o pequeno ponteiro branco não tardou a aproximar-se, mais uma vez, dos cento e trinta, arrastando consigo o meu estado de espírito. Até descobri um tipo giro, de mota, com que namoriscar enquanto me dirigia para Edgemont, onde Jenks tinha a sua missão.

O cessar do vento, quando saí da interestadual foi quase um choque e, quando o ribombar de um trovão verdadeiro se fez ouvir sobre mim, encostei à berma para fechar a capota. Levantei a cabeça quando o tipo da mota passou por mim, num zumbido, a mão erguida em saudação. O meu pequeno sorriso manteve-se um instante, depois desapareceu.

Se não conseguisse que Jenks falasse comigo, ia matar o pequeno idiota.

Inspirando fundo, pus o telemóvel apenas para vibrar, desliguei a música e embrenhei-me no trânsito. Atravessei uma passagem de nível, espreitando para a escuridão que se aproximava e reparando que o ritmo dos peões e das bicicletas tinha mudado de descansado para intenso, devido à crescente ameaça de chuva. Encontrava-me num bairro de negócios, uma das antigas zonas industriais da cidade onde tinha sido gasto uma enorme quantia para transformar alguns dos seus edifícios num centro comercial temático e em parques destinados a atrair as normais lojas e edifícios de apartamentos. Fez-me pensar no apartamento da “Sra. Bryant”, pelo que franzi o sobrolho.

Passei pela morada que me tinham dado, para avaliar o comprido edifício de vários andares. Tendo em consideração a decoração e as caixas de

correio acessíveis de carro, calculei que se tratasse de uma antiga fábrica transformada em edifício de apartamentos, uns mais comerciais e outros mais finos. Não vira Jenks, mas isso não seria de estranhar se ele estivesse a seguir alguém. Matalina disse que ele aceitara um caso de traição para fazer dinheiro para comprar um bilhete de avião.

Tinha a testa franzida de preocupação quando dobrei a esquina e, por sorte, consegui um lugar junto ao passeio, em frente a um café, puxei o travão de mão, num movimento repentino e desengatei a mudança. Os *pixies* não podiam viajar de avião, a alteração da pressão atmosférica gerava neles todo o tipo de problemas. Jenks perdera a racionalidade. Não era de admirar que Matalina tivesse ido ter comigo.

Agarrando na mala, coordenei os meus movimentos com o trânsito que passava e saí do carro. Olhei rapidamente para as nuvens cada vez mais baixas e peguei no chapéu de chuva de Ivy. O cheiro a café quase me arrastou para o interior da loja, mas avancei respeitosamente para o lado oposto. Olhei de relance e deslizei para um beco ao lado do edifício em causa, avançando nas minhas botas feitas por vampiros, de maneira a tornar os meus passos silenciosos.

O cheiro a lixo e urina de cão era forte, pelo que torci o nariz e apertei o casaco contra o corpo, procurando um local onde me pudesse esconder, enquanto vigiava a porta da frente. Tinha chegado cedo. Se o conseguisse apanhar antes de ele entrar, seria ainda melhor. Mas estaquei quando ouvi o som familiar provocado pelo movimento de umas asas.

Com o rosto imóvel numa expressão séria, perscrutei a passagem estreita e descobri um *pixy*, envergando um *body* preto, a limpar um vidro sujo de terra e caganitas de pássaro, para conseguir espreitar para o interior de uma janela nas águas furtadas.

Um sentimento de vergonha prendeu-me a voz. Deus, tinha sido tão parva. Não o culpava por ter partido, por ter pensado que eu não confiava nele. A feia verdade era que não confiara. Por altura do último Solstício, tinha descoberto que Trent Kalamack era um elfo e conseguir que o rico filho da mãe não me matasse por saber que, afinal, os elfos não estavam extintos, tornara necessária uma boa chantagem. Descobrir que tipo de Inderlander era Trent tornara-se o Santo Graal da comunidade *pixy* e eu sabia que a tentação de dar com a língua nos dentes seria demasiada para Jenks. Ainda assim, merecia mais do que as minhas mentiras por omissão e eu temia que ele não me escutasse, mesmo agora.

Jenks pairava, concentrado no que se estava a passar no interior. As suas asas de libelinha eram invisíveis graças à sua calma e nem uma centelha de pó de *pixy* se libertava dele. Parecia confiante, com a sua fita vermelha em redor da testa. Tratava-se de uma forma de proteção, não fosse

invadir acidentalmente o território de um *pixy* rival ou de uma fada, uma promessa de rápida partida sem qualquer tentativa de caça furtiva.

Nervosa, reuni a minha coragem, olhando de relance para a parede do beco antes de me encostar e tentar parecer relaxada.

— Então, ela está a trair o marido? — perguntei.

— Não — disse Jenks, os olhos fixos no outro lado do vidro. — Está a ter aulas de ginástica para o poder surpreender no vigésimo quinto aniversário de casamento. Ele não a merece, o sacana desconfiado.

Depois saltou, recuando dois metros e quase batendo no edifício adjacente.

— Tu! — gritou, libertando pó de *pixy* que pairava como raios de Sol. — Que raio estás a fazer aqui?

Desencostei-me da parede e dei um passo em frente.

— Jenks...

Este desceu, veloz como uma pedra, ficando a pairar à minha frente, o dedo esticado, enquanto o pó de *pixy* se libertava dele e caía lentamente sobre ambos. A raiva marcava-lhe as feições minúsculas tornando-o soturno e ameaçador.

— Ela disse-te! — guinchou, o maxilar tenso e o rosto vermelho sobre o curto cabelo louro.

Recuei, alarmada.

— Jenks, ela está apenas preocupada...

— Para o diabo com as duas — rosnou. — Vou-me pôr a andar daqui.

Jenks girou, as asas, um borrão vermelho. Irritada, acedi a uma linha. A energia fluiu, atingindo o ponto de equilíbrio no mesmo tempo que uma bolha demora a rebentar.

— *Rhombus* — disse, de súbito, imaginando um círculo. Um lençol dourado zumbiu e ganhou forma, de tal forma espesso que as paredes que rodeavam o beco ficaram esborratadas. Cambaleei, perdendo o equilíbrio devido ao facto de não ter tido tempo para fingir, sequer, que estava a desenhar um círculo no ar.

Jenks estacou a uns meros dois centímetros e meio do círculo.

— Sua bruxa parva e idiota! — guinchou, parecendo desejar dizer algo pior. — Deixa-me sair. Devia dar cabo do teu carro. Devia deixar ovos de lesma nos teus chinelos! Devia... devia...

De mãos nas ancas, coloquei-me mesmo à sua frente.

— Sim, devias, mas primeiro vais ouvir-me! — os olhos dele abriram-se e eu inclinei-me para a frente, até o obrigar a recuar. — O que se passa contigo, Jenks? Isto não pode ser só por eu não te ter dito o que é o Trent!

O rosto de Jenks perdeu toda a sua surpresa. Os seus olhos pouosa-

ram-se nas minhas ligaduras e nas nódoas negras do meu pescoço, descendo de seguida para o meu amuleto contra a dor. Necessitando, aparentemente de grande força de vontade, os seus olhos estreitaram-se com uma raiva antiga.

— Exatamente — disse, pairando dois centímetros e meio à frente do meu nariz. — É sobre o facto de me teres mentido! Sobre o facto de não me confiares informações. É sobre o facto de espezinhares a nossa parceria!

Até que enfim, pensei. *Até que enfim*. Cerrei o maxilar, os olhos quase vesgos, tão próximo ele se encontrava.

— Deus do céu! Se te disser o que ele é, ficas feliz?

— Cala-te! — gritou ele. — Já não quero saber e não preciso da tua ajuda. Quebra o círculo para eu poder ir para bem longe de ti ou enfio-te algo onde não devia, bruxa.

— Seu idiota — exclamei, cada vez mais irritada. — Como queiras! — furiosa, toquei com um pé no círculo. Inspirei, silvando, quando a energia regressou a mim. Na rua ao fundo do beco, as pessoas que passavam iam-nos deitando olhares curiosos. — Foge! — disse eu, gesticulando como uma louca, sem me importar com o que eles pensavam. — Vai-te embora, não passas de uma covarde bola de ranho de aranha. Passei os últimos cinco meses a tentar pedir-te desculpa, mas estás tão preocupado com os teus malditos sentimentos feridos que nem sequer ouves. Acho que gostas de ser menosprezado. Acho que te sentes seguro nessa tua tacanha mentalidade *pixy*. Acho que encontras prazer nessa treta do «pobre *pixyzinho* que ninguém leva a sério» em que te fechas. E quando eu acreditei em ti, tiveste medo e fugiste, ao primeiro sinal de que terias de fazer jus às tuas palavras!

A boca de Jenks pendia, aberta, e ele estava, lentamente, a perder altitude. Vendo-o confuso, avancei, pensando que talvez o tivesse conseguido abalar o suficiente para se libertar.

— Vai-te embora — continuei, sentindo que as pernas começavam a tremer. — Enfia-te naquela cavezinha malcheirosa e esconde-te. Mas a Matalina e os teus filhos vão voltar para o jardim. Por mim até podes enfiar uma cereja no cu e fazer compota, mas eu preciso deles. Não consigo afastar as malditas fadas para salvar os dentes-de-leão e preciso daquele jardim, tanto como preciso de apoio numa noite de lua cheia. E as tuas queixas e lamentos já não significam nada porque eu tenho estado a tentar pedir desculpas e tudo o que tu fizeste foi cagar para mim. Bem, já não vou pedir mais desculpas!

Jenks continuava a pairar no ar, as asas assumindo uma tonalidade mais clara de vermelho. Parecia não saber o que fazer com as mãos, que remexiam na fita vermelha e tocavam na espada.

— Vou à procura do Jax e do Nick — disse eu, sentindo a raiva a des-

vanecer-se. Tinha dito o que queria e tudo o que restava era ouvir o que ele pensava. — Vens comigo ou não?

Jenks subiu no ar.

— A minha ida a norte não tem nada que ver contigo — disse ele, com a voz tensa.

— O tanas é que não tem — disse eu, ouvindo a primeira gota de chuva cair pesadamente sobre o contentor do lixo mais próximo. — Ele pode ser teu filho, mas foi o meu antigo namorado que o meteu em sarilhos. O Nick mentiu-te. Mentiu-me. E eu vou lá para lhe dar um pontapé no traseiro capaz de o atirar para a eternidade — até eu me apercebi do meu tom obstinado e Jenks dirigiu-me um sorriso malandro.

— Cuidado — disse ele, em tom provocador. — Alguém pode pensar que ainda gostas dele.

— Não gosto nada — disse eu, sentindo o início de uma dor de cabeça. — Mas ele está em apuros e não posso permitir que o matem, seja quem for.

Uma expressão amarga e malandra regressou ao rosto de Jenks e ele esvoaçou até à ponta de uma tábuca que emergia de uma lata.

— Hum, hum — disse, malicioso, as mãos nas ancas. — Qual é a verdadeira razão para ires?

— Acabei de ta dizer — rosnei, escondendo a mão mordida quando ele olhou para ela.

Jenks abanou a cabeça para cima e para baixo.

— Blá, blá, blá — disse, traçando com a mão um gesto para que me despachasse. — Eu sei porque é que vais, mas quero ouvir-te dizê-lo.

Espumei, sem acreditar naquilo.

— Porque estou absolutamente furiosa! — disse eu, sob a chuva que agora caía abundantemente. Se tivéssemos de prolongar aquela conversa durante muito mais tempo, íamos ficar ensopados. — Ele disse que ia voltar e voltou, o tempo suficiente para limpar o apartamento e se pôr a andar. Sem se despedir, sem sequer um «foi bom, querida, mas tenho de ir». Preciso de lhe dizer, cara a cara, que ele me tratou como merda e que já não o amo.

As minúsculas sobranceiras de Jenks ergueram-se e eu desejei que ele fosse maior para lhe poder arrancar aquele sorriso da cara.

— Isto é uma daquelas coisas de mulher, não é? — perguntou, e eu ri.

— Ouve — disse eu. — Vou buscar o Jax e tirar o triste traseiro do Nick do aperto em que se encontra. Vens comigo ou vais perder o tempo com estes casos de traição para receber uns trocos que vais gastar num bilhete para fazeres uma viagem de avião que te vai deixar hospitalizado durante três dias? — abrandei, pensando que aquela era uma oportunidade para apelar ao seu amor por Matalina, sem que ele voasse para longe. — A Matalina está assustada, Jenks. Tem medo de que não regresse se fores sozinho.

O rosto dele esvaziou-se de qualquer emoção e, por um instante, pensei que tinha ido longe demais.

— Posso fazer isto sozinho — disse ele, furioso. — Não preciso da tua ajuda.

Os meus pensamentos prenderam-se na sua duvidosa fonte de comida e nas frias noites no Norte. Podia nevar no Michigan, em maio. Jenks sabia-o.

— Sabes bem que não — disse eu. Cruzei os braços e fitei-o. — Tal como eu não teria sido capaz de sobreviver às fadas assassinas o ano passado sem a tua ajuda.

Os lábios de Jenks apertaram-se. Inspirou para me dizer qualquer coisa. Ergueu uma mão, de dedo esticado. Eu abri os olhos, numa expressão trocista. Lentamente, a mão dele desceu. Ainda de pé sobre a tábua, Jenks baixou as asas.

— Tu vais?

Lutei por esconder a onda de esperança que me invadia.

— Sim — respondi. — Mas para equilibrar as coisas, preciso de um especialista em segurança e reconhecimento, alguém a quem possa confiar a retaguarda. Ivy não pode fazê-lo. Não pode deixar Cincinnati.

As asas de Jenks zumbiram, agitando-se, depois pararam.

— Magoaste-me muito, Rachel.

Senti o peito apertado pela culpa.

— Eu sei — sussurrei. — E lamento. Não mereço a tua ajuda, mas estou a pedir-ta.

Ergui a cabeça, implorando-lhe com os olhos. Pela primeira vez, o rosto de Jenks revelava a dor que eu lhe causara e o meu coração partiu-se de novo.

— Vou pensar nisso — murmurou ele, levantando voo.

Dei um passo hesitante atrás dele.

— Parto amanhã. Ao início da tarde.

Com as asas a matraquear, Jenks esvoaçou até mim. Quase ergui uma mão, para que ele pousasse nela, mas ficaria demasiado magoada, se ele a recusasse.

— Suponho que seja cedo para uma bruxa — disse ele. O ruído das suas asas tornou-se mais agudo, até me doerem os olhos. — Está bem. Irei contigo, mas não vou voltar para a empresa. Será caso único.

Senti a garganta apertada e tentei engolir o nó que se tinha formado. Ele regressaria. Sabia-o tão bem como eu. Queria gritar um «Sim!» exuberante. Queria festejar até todos ficarem a olhar para mim, mas o que fiz foi sorrir-lhe, inquieta.

— Está bem — disse, tão aliviada que quase chorava.

Pestanejando sem parar, segui-o até à saída do beco. Embora antigamente Jenks se tivesse aconchegado debaixo do meu chapéu, ainda era pedir demasiado.

— Podes ir ter comigo à igreja, hoje, depois da meia-noite? — perguntei. — Tenho alguns encantamentos a preparar antes de partir.

Deixámos o beco juntos, a escuridão menos cerrada fazendo com que eu sentisse que tinha acabado de sair de um buraco negro. Estávamos ambos em terreno incerto; os padrões eram familiares, mas os nervos ainda estavam à flor da pele.

— Posso fazer isso — disse Jenks, apreensivo, fitando a chuva.

— Ótimo. Ótimo — escutei o som dos meus passos no passeio, os movimentos fazendo estremecer a minha coluna. — Ainda tens a tua metade do conjunto de telefones que me ofereceste? — conseguia ouvir a hesitação na minha voz e perguntei-me se Jenks também o conseguiria. Tinha guardado o telefone que ele me dera por altura do Solstício. Raios, quase lhe fizera um altar.

Abri o chapéu de chuva de Ivy e Jenks voou para baixo dele. Cinco meses antes, ter-se-ia sentado no meu ombro, mas estava grata mesmo por aquele pequeno sinal de confiança.

— O David levou-mo — disse ele, rígido, mantendo-se na ponta distante.

— Ótimo — repeti, sentindo-me uma idiota. — Podes trazê-lo contigo?

— É um bocado grande para o enfiar no bolso, mas cá me hei de arranjar — fora uma observação sarcástica e mordaz, mas ele começava a parecer-se mais com o Jenks que eu conhecia.

Olhei para ele de relance, constatando que deixava atrás de si apenas um ligeiríssimo rasto de centelhas prateadas. O meu carro estava mesmo à minha frente e eu perguntei-me se ele se ofenderia caso me oferecesse para o levar a casa de carro.

— «Cobarde bola de ranho de aranha»? — disse Jenks, quando abri a porta do carro e ele voou veloz para o seu interior.

Engolindo em seco, fitei o passeio do outro lado e as pessoas que corriam em busca de abrigo, agora que as nuvens se tinham aberto e começava a chover a sério. Jenks estava de volta. Conseguira trazê-lo de volta. Não era perfeito, mas era um princípio. Com a respiração irregular, fechei o chapéu de chuva e entrei para o carro.

— Dá-me um desconto — disse, enquanto punha o carro a trabalhar e ligava o ar no máximo para o manter quente. — Estava sem tempo.

Quatro

ERGUI O *TOP* DE RENDA PRETA, PENSATIVA. SUSPIRANDO, DECIDI NÃO OPTAR por ele, dobrando-o e enfiando-o na terceira gaveta a contar de baixo. Claro que me ficava bem, mas tratava-se de uma missão de salvamento, não de umas miniférias. Optando antes pela camisa de algodão de manga curta cor de pêssego, pousei-a sobre as calças de ganga que já colocara na mala de viagem que a minha mãe me oferecera como prenda de fim de curso. Ela insistia que não tinha sido uma dica, mas eu continuava com sérias dúvidas.

Avançando até à gaveta de cima, agarrei em meias e cuecas para uma semana. A igreja estava vazia, pois Ivy tinha saído para ir buscar Jenks e a sua prole. A chuva batia agradavelmente na minha pequena janela de vitral, mantida aberta graças a um lápis, molhando o parapeito, mas pouco mais que isso. Do jardim escuro, ergueu-se o guincho de um sapo. Fundia-se bem com o *jazz* suave que chegava da sala de estar.

No fundo do armário descobri a camisola de gola alta vermelha que tinha posto de lado na semana anterior. Sacudi-a para a libertar do cabide, dobrei-a cuidadosamente e juntei-a ao resto da roupa. Acrescentei um par de calções de corrida e a minha *T-shirt* preta preferida, com a palavra *STAFFE*, que me tinha sido dada quando tratara da segurança do concerto de Takata no último inverno. As temperaturas podiam atingir os 26° C com a mesma facilidade com que caíam para os 2° C. Suspirei, conformada. Chuva noturna, sapos a cantar, *jazz* e Jenks de regresso a casa. As coisas não podiam ficar muito melhores.

Ergui a cabeça quando ouvi o ranger da porta da frente.

— Sou eu — ouvi a voz de Kisten.

Mas estavam prestes a ficar.

— Cá dentro — respondi, dando dois passos em direção ao corredor, uma mão na moldura da porta, enquanto me inclinava para o exterior.

As luzes no santuário estavam baixas e a esguia silhueta dele era misteriosa e atraente; Kisten sacudia a água da chuva do seu impermeável comprido.

Voltei para o interior do quarto e fechei a gaveta da roupa interior mesmo antes de Kisten se juntar a mim, os seus passos suaves e seguros emitindo um som distinto no chão de madeira. O cheiro a piza e o perfume de outra pessoa pairavam à sua volta e, tendo em consideração o cabelo cuidadosamente penteado, as faces barbeadas, as calças de fato dispendiosas e a camisa de seda, soube que viera direto do trabalho. Gostava do aspeto de gestor de restaurante respeitável e financeiramente bem-sucedido de Kisten, tanto quanto gostava do seu aspeto mais rude de mauzão. Kisten desempenhava com mestria qualquer um dos papéis.

— Olá, querida — disse ele, aplicando com toda a força o sotaque britânico, para me fazer sorrir. Trazia nas mãos um saco de compras de papel, salpicado de chuva, com o cimo enrolado. Avancei silenciosamente, os pés enfiados nuns ténis, tendo de me esticar para lhe dar um abraço. Os meus dedos brincaram com as pontas molhadas do cabelo dele, enquanto me afastava, e Kisten sorriu, apreciando a provocação.

— Olá — disse, levando a mão ao saco. — É o que te pedi?

Acenando, Kisten entregou-me o saco, que pousei na cama, abrindo-o e espreitando para o seu interior. Tal como tinha pedido, continha um par de calças de fato de treino e uma suave camisola de flanela.

Kisten fitou o saco, sendo óbvio que estava curioso quanto aos meus motivos, mas tudo o que disse foi:

— A Ivy saiu?

— Ela foi buscar o Jenks, por causa da chuva — pensativa, abri a gaveta inferior da cómoda e tirei mais uma *T-shirt* para levar. — Sentiu tantas saudades dele quanto eu — terminei, baixinho.

Com um aspeto cansado, Kisten sentou-se à cabeceira da cama, enrolando o cimo do saco de papel com os dedos compridos e fechando-o. Baixei a tampa da mala, mas não a fechei. Não era costume dele deixar o Piscary's em pleno horário de expediente. Era óbvio que algo o estava a perturbar. Endireitei-me, de braços cruzados e fiquei à espera.

— Acho que não devias ir — disse, num tom de voz sério.

Fiquei de boca aberta, a surpresa transformando-se em raiva quando juntei as coisas.

— É por causa do Nick? — perguntei, virando-me para a cómoda, em busca do espantosamente dispendioso frasquinho de perfume que impedia que o meu odor natural se misturasse com o de um vampiro. — Kisten, já o esqueci. Dá-me algum crédito.

— Não é por isso. A Ivy...

— A Ivy! — fiquei rígida e fitei o corredor vazio. — O que se passa com ela? O Piscary está...

O movimento lento da sua cabeça dizia-me que não, pelo que relaxei ligeiramente.

— Ele têm-na deixado em paz. Mas ela depende mais de ti do que pensas. Se fores, as coisas podem mudar.

Perturbada, enfiei o frasco de perfume num saco com fecho de correr e coloquei-o numa das bolsas do meu estojo de maquilhagem.

— Só vou estar fora durante uma semana, talvez duas. Convenhamos, não sou o delfim dela.

— Não. És a amiga. E isso é mais importante para ela do que qualquer outra coisa, neste momento.

De braços cruzados, encostei-me à cómoda.

— A responsabilidade não é minha; tenho a minha própria vida — protestei. — Pelos deuses, partilhamos a renda. Não somos casadas!

Os olhos de Kisten estavam escuros sob a luz fraca do meu candeeiro de cabeceira, o sobrolho estava franzido em sinal de preocupação.

— Tomas café com ela todos os dias, quando ela acorda. Estás do outro lado do corredor, quando ela cerra os cortinados antes de adormecer. Isso pode não ter grande significado para ti, mas para ela é tudo. És a sua primeira amiga de verdade em... Raios, acho que já lá vão mais de dez anos.

— Tu és amigo dela — disse eu. — E a Skimmer?

— A única amiga que não está atrás do seu sangue — corrigiu ele, os olhos tristes. — É diferente.

— Bem, que se lixe tudo isso — ripostei, pegando no meu desirmanado brinco preferido, mas não sabendo o que fazer com ele. Irritada, deitei-o fora. — A Ivy não me disse nada sobre não ir.

— Rachel... — Kisten levantou-se e aproximou-se de mim, agarrando-me pelos cotovelos. Os dedos dele estavam quentes e eu senti-os apertar e relaxar. Na sala de estar, a música *jazz* erguia-se e descia. — Ela não o fará.

Baixei a cabeça, frustrada.

— Nunca, nem por uma vez, lhe disse que seria algo mais do que aquilo que somos agora — disse eu. — Não partilhamos cama, sangue ou qualquer outra coisa! Não lhe pertença e mantê-la inteira não faz parte do meu trabalho. De qualquer forma, porque é que recai tudo em cima de mim? Tu conhece-la há mais tempo do que eu.

— Eu conheço o passado dela. Tu não. Ela recorre mais a ti porque ignoras aquilo que ela já foi — ele inspirou, hesitantemente, antes de continuar. — Foi mau, Rachel. O Piscary transformou-a numa amante feroz e selvagem, incapaz de separar o sangue da luxúria ou do amor. Ela sobrevi-

veu tornando-se em algo que odiava, aceitando um padrão de autoabuso através do qual tentava agradar a todos os que acreditava amar.

Eu não queria ouvir aquilo, mas, quando me tentei afastar, Kisten segurou-me com mais força.

— Agora está melhor — disse, os olhos azuis implorando-me que o ouvisse. — Precisou de muito tempo para quebrar o padrão e ainda mais tempo para começar a sentir-se bem consigo mesma. Nunca a vi tão feliz e, gostes ou não, és responsável por isso. Ela adora a Skimmer, mas essa mulher é uma grande parte daquilo que Ivy já foi, de como lá chegou, e se partires...

Cerrei o maxilar e fiquei rígida, não gostando do rumo que a conversa estava a tomar.

— *Não sou* a protetora da Ivy — ripostei, sentindo o estômago apertado. — Não me ofereci para isto, Kisten!

Mas ele limitou-se a sorrir, um sorriso suave, repleto de compreensão e de arrependimento. Eu gostava da Ivy — gostava dela, respeitava-a e desejava ter metade da sua força de vontade —, mas não queria que ninguém dependesse assim tanto de mim. Raios, quase não era capaz de tomar conta de mim mesma, quanto mais de uma vampira poderosa e mentalmente abusada.

— Ela não te pedirá mais do que o que podes dar — disse ele. — Em especial se precisar do que tens. Mas tu mudaste-te para aqui com ela e, ainda mais revelador, ficaste quando a vossa relação começou a evoluir.

— Desculpa? — perguntei, tentando afastar-me. Ele não me largava, pelo que me agitei, num movimento brusco, recuando dois passos.

A expressão de Kisten tinha algo de acusatória.

— Ela pediu-te que fosses o seu delfim — disse ele.

— E eu disse não!

— Mas perdoaste-a por te ter tentado forçar e não voltaste a pensar nisso.

Aquilo eram tretas. Kisten já ouvira tudo aquilo. Porque é que estava a criar uma tamanha tempestade?

— Só porque fui eu que saltei para as costas dela e lhe respirei ao ouvido, durante um treino de combate! — disse eu. — Levei-a longe demais e a culpa não foi dela. Além disso, ela temia que, se não me tornasse seu delfim, Piscary me matasse.

Kisten acenou e o seu estado calmo ajudou a dissipar a minha raiva.

— Era uma situação em que nenhuma das duas podia ganhar — disse ele baixinho. — E ambas lidaram com ela o melhor que puderam, mas a questão essencial é que saltaste para cima dela sabendo o que tal ato podia desencadear.

Inspirei, preparando-me para protestar, depois virei as costas, irritada.
— Foi um erro e não achei que estivesse certo ir-me embora porque *eu* tinha cometido um erro.

— Porque não? — insistiu ele. — As pessoas estão constantemente a virar as costas a outras porque alguém cometeu um erro.

Assustada, tentei passar por ele. Tinha de sair dali.

— Rachel — disse ele, mais alto, puxando-me com rudeza para si. — Porque é que não te foste embora nessa altura? Ninguém teria pensado menos de ti.

Inspirei fundo, depois deixei que as palavras se libertassem.

— Porque ela é minha amiga — disse, de olhos presos ao chão, mantendo a voz baixa para que não tremesse. — Foi por isso. E não seria justo partir por causa do meu erro porque ela... ela depende de mim.

Deixei cair os ombros e Kisten diminui a força com que me agarrava, puxando-me, ao mesmo tempo, para mais perto de si.

— Raios, Kist — disse eu, encostando o rosto à camisa dele e inalando o seu perfume. — Mal sou capaz de cuidar de mim mesma. Não a posso salvar também a ela.

— Ninguém disse que tinhas de o fazer — contrapôs, a sua voz ribombando através de mim. — E ninguém disse que as coisas se iam manter assim. Ajudar a manter-te viva e livre, apesar dessa cicatriz, faz com que a Ivy se sinta útil, sinta que está a tornar o mundo um lugar melhor. Tens ideia de como é difícil para um vampiro encontrar algo assim? Ela apoia-se mais em ti do que em mim porque se sente responsável por ti e porque tu estás em dívida para com ela.

Mais essa, pensei, recordando o quão vulnerável o estatuto de não reclamada, com uma cicatriz de vampiro, me deixava. Mas a dívida que tinha para com Ivy não fora determinante na minha decisão de não partir. Nick dissera que eu estava à procura de desculpas para continuar numa situação que não era segura, que eu queria que ela me mordesse. Não podia acreditar em tal coisa. Era apenas amizade. Não era?

A mão de Kisten no meu cabelo era reconfortante e eu envolvi a cintura dele com os braços, encontrando conforto no seu toque.

— Se partires — disse ele —, levarás contigo a força dela.

— Eu não queria nada disto — disse eu. Como é que me tornara a sua pedra-íman? A sua salvadora. Tudo o que queria era ser a sua amiga.

— Eu sei — a respiração dele agitou-me o cabelo. — Ficas?

Engoli em seco, não querendo mover-me.

— Não posso — disse e ele afastou-me, suavemente, até ser capaz de ver o meu rosto. — O Jenks precisa de mim. É apenas uma viagem rápida. Oitocentos quilómetros. O Nick e o Jax não se podem ter metido assim em

tantos sarilhos. O mais certo é que só precisem de dinheiro para pagar a fiança. Eu vou voltar.

O rosto de Kisten estava enrugado, a sua graça elegante marcada pela tristeza. O carinho que sentia por mim e por Ivy estavam misturados e tornavam-se, de alguma forma, belos.

— Ela é uma rapariga crescida. Vai ficar bem. É apenas um dia de carro.

Kisten inspirou fundo, preparando-se para acrescentar mais alguma coisa, depois parou, saltitando de um pé para o outro ao mesmo tempo que mudava de ideias. Regressando à cama, abriu o saco de papel onde guardara o fato de treino e fitou o interior.

— Já agora, para que é que queres isto? É um disfarce? Ou é para te lembrares de mim?

Feliz com a mudança de assunto, virei-me com as botas de combate na mão e pousei-as na cama.

— Para me lembrar de ti?

As orelhas assumiram um ligeiro tom avermelhado.

— Sim. Pensei que as quisesses pôr debaixo da almofada ou algo assim. Seria como se eu lá estivesse contigo.

Tirando o saco das mãos dele, espreitei para o seu interior, curiosa.

— Já vestiste estas roupas?

Ele passou a mão pelo queixo macio, em sinal de desconforto.

— Hum, só uma vez. Não transpirei nem nada. Já namorei com uma rapariga que gostava de dormir com uma das minhas camisas. Dizia que era como se eu a estivesse a abraçar toda a noite. Pensei que fosse, hum, coisa de mulheres.

O meu sorriso alargou-se.

— Estás a dizer, assim? — sentindo-me malandra, tirei a camisola do saco e vesti-a por cima do meu *top*. Envolvendo o tronco com os braços, agitei-me para trás e para a frente, os olhos fechados e a respiração ofegante. De pouco me importava que o facto de cheirar tão bem se devesse a milhares de anos de evolução com o intuito de tornar mais fácil encontrarem presas.

— Sua bruxa malvada — sussurrou Kisten. O calor súbito da voz dele, fez-me abrir os olhos. Ele inspirou lentamente, fazendo acompanhar o gesto com todo o seu corpo. — Oh, Deus, cheiras bem!

— Sim? Então e agora? — sorrindo, saltei, abrindo e fechando os braços, sabendo que a mistura dos nossos cheiros o deixaria um pouco louco.

Como esperado, os olhos de Kisten dilataram-se com uma súbita sede de sangue, tornando-se negros.

— Rachel — disse ele, com a voz tensa. — Não.

Com um risinho, escapei à mão que estendia para mim.

— Espera! Espera! — arquejei. — Posso tornar as coisas ainda piores.

— Para — disse Kisten, a voz baixa e controlada. Havia nela um toque de ameaça e, quando ele voltou a estender a mão na minha direção, guinchei, correndo para o fundo da cama.

Kisten seguiu-me com a rapidez de um vampiro e eu bati com as costas na parede, num baque surdo que me cortou a respiração, quando ele me prendeu.

De olhos semicerrados e a sorrir, remexi-me e contorci-me, apreciando o facto de ser capaz de o provocar. Depois de uma mera demonstração de resistência, parei, permitindo-lhe encontrar a minha boca.

Fiquei sem fôlego, libertando o ar com um gemido lento, enquanto me encostava a ele, os braços enfiados entre nós. A forma como me agarrava os ombros era firme e dominante. Possessiva. Mas eu sabia que ele me libertaria, caso eu me tentasse libertar de verdade. O *jazz* suave ajudava ao meu estado de espírito.

Os dedos dele apertaram-me e libertaram-me, os seus lábios realizaram um movimento descendente, até a sua boca me tocar no queixo, seguindo a linha do maxilar até à cavidade atrás sob a minha orelha. Senti o coração a bater com força e inclinei a cabeça. Emitindo um som surpreendido, senti-me ficar sem fôlego quando o formigueiro na minha cicatriz aumentou de intensidade. Com a rapidez e o choque súbito de uma bandeira que se agita ao vento, fui varrida por uma onda de calor, que me encheu as veias e nelas se instalou com um latejar insistente, exigindo que eu desse natural continuidade à sensação.

Kisten sentiu-o e, quando a sua respiração acelerou, puxei os braços de entre os nossos corpos, lançando os dedos para a curva do seu pescoço. Fechei os olhos ao sentir a sua fome, o seu desejo, juntar-se ao meu, tornando-o ainda mais forte. Deixei escapar um gemido quando os seus lábios tocaram suavemente na minha velha cicatriz. O meu corpo rebelou-se perante a onda de paixão e os meus joelhos cederam. Ele estava preparado e segurou-me com firmeza. Eu queria aquilo. Deus, como o queria. Devia ter vestido algo dele há séculos.

— Rachel — sussurrou ele, a respiração rouca e carregada de desejo.

— O que foi? — arquejei, o sangue a zumbir através de mim, embora os seus lábios já não estivessem na minha cicatriz.

— Nunca mais... vistas algo meu. Não consigo...

Estaquei. Sem compreender. Tentei libertar-me, mas ele segurou-me com força. Os meus olhos saltaram primeiro para os olhos dele, constatando que estavam perdidos e negros, depois para a sua boca. Kisten não tinha as capas nos dentes. *Merda, tinha-o levado longe demais.*

— Não te consigo largar — disse ele, sem mover os lábios.

A adrenalina correu através de mim e uma conta de suor perlou-lhe a testa. *Merda, merda, merda. Estava em apuros.* O meu olhar saltou para o brilho de uma presa no canto da boca dele. No espaço de poucos segundos, a fonte de desejo passara do sexo para o sangue. Maldição, os dez segundos seguintes iam ser deveras complicados.

— Acho que te consigo largar, se não tiveres medo — disse ele, uma mistura de sede de sangue e medo na voz.

Não conseguia afastar o olhar dos seus olhos negros. *Não* conseguia olhar para qualquer outra coisa além dos seus olhos. Enquanto Kisten ia libertando, inconscientemente, feromonas no ar, a minha cicatriz de vampiro lançava através de mim, ao ritmo acelerado da minha pulsação, onda após onda de paixão e senti um aperto no estômago.

Com a mente a correr veloz, obriguei a minha respiração a abrandar e a tornar-se mais calma. O medo fá-lo-ia perder por completo o controlo. Conseguira acalmar Ivy, uma vez, e sabia que, se ele ainda conseguia falar, as minhas hipóteses ainda não eram más.

— Escuta — disse eu, o êxtase libertado pela minha cicatriz de vampiro mesclando-se com o medo numa combinação surreal. Sabia bem. Era deveras entusiasmante, a excitação de saltar de paraquedas e ter relações sexuais ao mesmo tempo e eu sabia que, se permitisse que ele me mordesse, a sensação triplicaria. Mas eu ia largá-lo e afastá-lo. — Vou fechar os olhos, porque confio em ti — disse-lhe.

— Rachel?

A sua voz era suave e suplicante. Ele desejava realmente largar-me. Maldição, a culpa era minha. A tensão estava a provocar-me dores de cabeça, mas fechei os olhos aos círculos negros em que se tinham transformado os olhos dele. Tornava o medo dez vezes mais difícil de ultrapassar, mas eu confiava nele. Podia usar uma linha para o lançar contra a parede — e, se as coisas chegassem a esse ponto, fá-lo-ia —, mas isso mudaria a nossa relação por completo e eu amava-o. Tratava-se de um amor calmo e hesitante, com a assustadora promessa de poder crescer se eu não fizesse nenhuma asneira. Além disso, eu queria um amor baseado na confiança, não em quem era mais forte.

— Kisten — disse eu, obrigando o meu maxilar a descerrar-se. — Vou largar-te e tu vais largar os meus ombros e recuar. Pronto?

Podia ouvir a respiração dele, rouca e insistente. Esta tocou em algo dentro de mim e ambos estremecemos.

Saberia tão bem deixar que ele me mordesse, sentir os dentes dele a afundar-se na minha carne, puxando-me para ele, a dor transformada em prazer, queimando como fogo e tirando-me o fôlego, levando-me a extre-

mos inimagináveis de êxtase. Seria incrível, a melhor coisa que alguma vez sentira. Mudaria a minha vida para sempre. *E não ia acontecer.* Apesar de todo o prazer prometido, eu sabia que escondia uma realidade igualmente hedionda. E tinha medo.

— Agora, Kisten — disse eu, de olhos ainda fechados, obrigando os meus dedos a mover-se.

As minhas mãos caíram dele e ele recuou. Abri repentinamente os olhos. Ele tinha as costas viradas para mim e apoiava-se, com uma mão, no poste aos pés da cama, que me dava pela cintura. A sua mão livre tremia. Ergui um braço na sua direção, depois hesitei.

— Kisten, lamento — disse com a voz a tremer e ele abanou a cabeça.

— Também eu — a sua voz rouca correu através de mim como água através da areia, deixando para trás uma sensação quente e trémula. — Faz-me um favor e não tornes a fazer isto.

— Podes crer.

Cruzando os braços à frente do corpo, tirei a camisola dele e deixei-a cair sobre a cama. O formigueiro que sentia no pescoço desvaneceu-se, deixando-me a tremer e com o coração partido. Eu já sabia que a mistura dos nossos odores seria um potente afrodisíaco que atuaria sobre a sua sede de sangue, mas não sabia o quão potente se revelaria nem o quão rápido se instalaria. Eu continuava a cometer erros. Já estávamos naquilo há quase um ano e eu *continuava* a cometer erros.

Kisten ergueu a cabeça e foi sem surpresa que ouvi a porta da frente a abrir. Passados três segundos, seis feixes de prata e ouro passaram pela porta do meu quarto, esvoaçando à altura da minha cabeça. Passados mais dois segundos, voltaram para trás.

— Olá, menina Morgan! — disse uma voz aguda e uma rapariga *pixy* estacou em frente à minha porta, fitando o interior, com o vestido a abanar em volta dos tornozelos. Tinha o rosto corado e o cabelo claro agitava-se na aragem provocada pelas suas asas. Ouviu-se um estrondo vindo da sala e ela partiu veloz, gritando tão alto que a minha cabeça latejou. A música rugiu mais alto, depois silenciou-se por inteiro.

Dei um passo em direção à porta, parando de repente quando Matalina se imobilizou à minha frente.

— Desculpe, Rachel — disse a bela mulher *pixy*, parecendo perturbada. — Vou já tratar disto. Levá-los-ei para o tronco, no exterior, assim que parar de chover.

Alisando as pontas enrugadas das ligaduras que me envolviam os nós dos dedos, tentei afastar o que restava do assomo de paixão desenfreada e medo de Kisten. Ele não se movera, sendo óbvio que continuava a tentar recuperar o controlo sobre si mesmo.

— Não se preocupe — disse eu. — Não tive tempo de tornar a igreja à prova de *pixy*.

Ouviu-se mais um estrondo, desta feita vindo da cozinha. Uma mão cheia de *pixies* voou pelo corredor, todos a falar ao mesmo tempo, e Matalina seguiu-os, ordenando-lhes que se mantivessem fora dos armários.

A minha preocupação adensou-se quando Ivy passou por nós, a passos largos. Levava Jenks ao ombro e este dirigiu-me um olhar hesitante e um aceno de reconhecimento. Ivy viu Kisten e recuou, o cabelo, agora mais curto, oscilando. O olhar dela pousou-se na camisola sobre a cama, depois em mim, apercebendo-se da ligeira culpa e do tremor nas minhas mãos. De narinas abertas, cheirou as feromonas vampíricas e o medo, compreendendo em poucos segundos o que tinha acontecido. Encolhi os ombros, impotente.

— Voltámos — disse ela, secamente, depois prosseguiu até à cozinha; o ruído dos seus passos, até então ausente, e a ligeira tensão no seu corpo eram os únicos sinais de que ela sabia que eu tinha levado Kisten longe demais.

Kisten continuava a não olhar para mim, mas a tensão dos meus ombros diminuiu quando me apercebi que o azul regressava aos seus olhos.

— Estás bem? — perguntei e ele dirigiu-me um pequeno sorriso de lábios apertados.

— Não te devia ter dado um fato de treino já usado — disse ele, pegando na camisola e guardando-a no saco. — Talvez seja melhor que o laves.

Peguei no saco que ele me estendia, envergonhada. Ele seguiu-me para o corredor, virando para a cozinha, enquanto eu virava em sentido oposto para ligar a máquina de lavar. O cheiro forte do detergente fez-me cócegas no nariz; deitei uma medida cheia, depois acrescentei um pouco mais. Fechei a tampa e deixei-me ficar, as mãos apoiadas na máquina de lavar, enquanto esta enchia, de cabeça baixa. O meu olhar pousou-se na minha mão mordida. Por vezes, chegava a pensar se não seria a bruxa mais idiota alguma vez nascida. Endireitando-me, forcei o meu rosto a assumir uma expressão alegre e dirigiu-me para a cozinha, antecipando já o olhar trocista de Ivy.

Incapaz de olhar quem quer que fosse diretamente, dirigiu-me imediatamente para a cafeteira em busca de uma caneca atrás da qual me pudesse esconder. Todos os pequenos *pixies* deviam estar na sala de estar e o som das suas brincadeiras misturava-se com o suave cair da chuva do outro lado da janela da cozinha aberta. Ivy dirigiu-me um olhar duro antes de voltar a sua atenção, mais uma vez, para os *emails*, sentada em frente ao computador, fora do caminho, no canto. Jenks estava no parapeito, de costas para

mim, fitando o jardim e Kisten estava sentado na minha cadeira, as pernas esticadas a espreitar para lá do canto da mesa. Ninguém falava.

— Hei, hum, Kist — gaguejei e ele ergueu a cabeça. — Encontrei um feitiço que me permite transformar em lobisomem nos livros que me deste.

Kisten parecia ter reencontrado a compostura e, embora eu continuasse tensa como uma mola de pressão, os olhos dele estavam apenas cansados.

— A sério? — disse ele.

Encorajada, tirei o livro e pousei-o à frente dele.

Jenks esvoaçou até nós, quase pousando no meu ombro, mas optando, no último minuto, pelo de Kisten. Olhou para baixo de relance, as asas imobilizando-se imediatamente antes de virar o rosto para mim.

— Isso não é...?

— Sim — interrompi. — É magia demoníaca. Mas vê. Não tenho de matar nada.

Kisten suspirou, o seu olhar pousando-se na expressão séria de Ivy antes de se afastar do livro.

— Consegues fazer magia demoníaca? — perguntou.

Acenei e prendi um caracol atrás da orelha. Não lhe queria dizer porquê e, embora Kisten fosse demasiado cavalheiresco para mo perguntar quando outros podiam ouvir, Jenks era outra história. Com um matraquear das asas, levou as mãos à cintura e franziu o sobrolho, fitando-me com a sua melhor pose de Peter Pan.

— Porque é que tu consegues fazer magia demoníaca e mais ninguém consegue? — perguntou.

— Não sou a única — respondi, tensa; altura em que o ressoar metálico do sino que eu e Ivy usávamos por campainha reverberou através do ar húmido.

Ivy e Kisten endireitaram-se e eu disse:

— O mais certo é ser Ceri. Pedi-lhe que viesse até aqui para me dar uma ajuda com os feitiços, esta noite.

— Os teus feitiços *demoníacos*? — disse Jenks, mordaz, e eu franzi o sobrolho, sem qualquer vontade de discutir.

— Eu abro-lhe a porta — disse Kisten, enquanto se levantava. — Tenho de ir. Tenho... um compromisso.

A voz dele estava tensa e eu recuei, sentindo-me miserável quando vi a fome que crescia dentro dele. Raios, esta noite Kisten estava a ter alguma dificuldade em manter-se equilibrado. Eu *nunca* mais lhe ia fazer aquilo.

Kisten estendeu, lentamente, os braços na minha direção e eu não me movi quando ele pousou as mãos, suavemente, nos meus ombros e me deu um beijo apressado.

— Ligo-te depois de fecharmos. Vais estar acordada?

Acenei.

— Kisten, lamento — sussurrei, e ele dirigiu-me um sorriso antes de se afastar com passos lentos e comedidos. Excitá-lo daquela forma, não sendo capaz de saciar a sua fome, não era justo.

Jenks aterrou na mesa ao meu lado, as asas a matraquear para me chamar a atenção.

— Rachel, isto é magia demoníaca — repetiu, incapaz de esconder a preocupação com aquela atitude beligerante.

— Foi por isso que pedi à Ceri que viesse ver — disse eu. — Tenho tudo sob controlo.

— Mas é magia demoníaca! Ivy, diz-lhe que está a ser parva.

— Ela sabe que está a ser parva — Ivy desligou o computador com alguns cliques. — Não vês o que fez ao Kist?

Cruzei os braços.

— Está bem, é magia demoníaca. Mas isso não implica, necessariamente, que seja negra. Podemos ouvir o que a Ceri tem a dizer antes de decidirmos o que quer que seja?

Decidirmos. Sim, nós decidirmos. Éramos «nós» outra vez e ia continuar assim, raios.

Num movimento repentino, Ivy levantou-se, nas suas calças de ganga pretas e camisola de malha justa, e esticou-se em direção ao teto. De seguida, agarrou na mala e gritou:

— Espera, Kist!

Jenks e eu fitámo-la.

— Vais com ele? — perguntei pelos dois.

O olhar de Ivy, carregado de desaprovação, foi dirigido a mim.

— Quero garantir que ninguém se aproveita dele e que ele não acaba por se odiar a si mesmo quando o Sol nascer. — Ivy vestiu o casaco e pôs no rosto os óculos de sol, embora já estivesse escuro na rua. — Se me tivesses feito uma destas, ter-te-ia prendido contra a parede e dado uma dentada. O Kist é um cavalheiro. Não o mereces.

Fiquei sem fôlego perante a recordação das minhas costas presas contra a parede e dos lábios de Kisten no meu pescoço. Uma ferroadada de desejo recordado deslizou do meu pescoço para a minha virilha. Ivy susteve a respiração, como se a tivesse esbofeteado, os seus sentidos apurados assimilando o meu estado com a mesma facilidade com que eu via as centelhas que se libertavam de Jenks.

— Lamento — disse eu, embora a minha pele continuasse a formigar. — Não estava a pensar.

— Foi por isso que te dei aquele maldito livro — disse ela, com a voz tensa. — Para que não tivesses de pensar.

— O que é que ela fez? — perguntou Jenks, mas Ivy saiu da cozinha, os saltos batendo ruidosamente no chão. — Que livro? Aquele sobre namorar com vampiros? Pelas cuecas da Sininho, ainda o tens? — acrescentou.

— Depois, trago piza — gritou Ivy, invisível, a partir do corredor.

— O que é que fizeste, Rache? — perguntou Jenks, o vento provocado pelas suas asas arrefecendo-me o rosto.

— Vesti uma camisola do Kisten e pus-me a saltitar — disse, envergonhada.

O pequeno *pixy* fungou, voando para o parapeito da janela e olhando para a chuva.

— Se continuares a fazer dessas as pessoas ainda vão pensar que queres ser mordida.

— Pois — murmurei, bebendo um gole do café que começava a arrefecer e encostando-me ao balcão da ilha. Continuava a cometer erros. Depois recordei o que Quen me dissera certa vez. *Se o fizeres uma vez, é um erro. Se o fizeres duas vezes, deixa de o ser.*

Cinco

ERGUI OS OLHOS QUANDO AS VOZES BAIXAS NO SANTUÁRIO DERAM LUGAR A passos rápidos e Ceri espreitou, hesitante, através da passagem para a cozinha. Tirando o capuz contra a chuva, sorriu, claramente feliz por ver que Jenks e eu voltáramos a falar.

— Jenks, quanto ao Trent... — disse eu, vendo que as suas asas tinham assumido uma excitada tonalidade vermelha.

Jenks sabia que o que quer que Trent fosse, Ceri também o era.

— Conseguirei descobri-lo sozinho — disse, concentrando-se em Ceri. — Fecha a boca.

Fechei a boca.

Levantei-me e estendi os braços para abraçar Ceri. Eu não era uma pessoa muito dada a demonstrações de afeto, mas Ceri era. Tinha sido familiar de Al até eu lha ter roubado, no último momento, entre a sua reforma e a minha tentativa de instalação. Olhando de relance para o meu pescoço e para as ligaduras que me cobriam os nós dos dedos apertou os lábios num gesto de desaprovação, mas, felizmente, nada disse. O seu corpo, pequeno e quase etéreo, aproximou-se do meu; podia sentir o frio do crucifixo de prata talhada à mão que Ivy lhe dera através da minha camisola. O abraço foi rápido, mas sincero e Ceri sorria quando me afastou, mantendo-me à distância de um braço. Usava cabelo, fino e louro, solto e esvoaçante; o queixo era pequeno e o nariz delicado; era deveras orgulhosa, irritava-se com facilidade, mas o seu trato era calmo desde que não a desafiassem.

Ela tirou a gabardina e pousou-a nas costas da cadeira de Ivy, o autoproclamado “trono” da sala. Al vestira-a de acordo com o seu estatuto terreno, enquanto ela estivera ao seu serviço — tratando-a como a sua escrava/criada/aquecedora de cama preferida, bem como um adorno — e, ainda que agora usasse calças de ganga e uma camisola nos habituais tons

de púrpura, dourado e preto, em vez do vestido apertado de seda e ouro resplandecentes, a pose estava lá.

— Obrigada por teres vindo — disse eu, verdadeiramente feliz por a ver. — Queres um chá?

— Não, obrigada — num gesto elegante, Ceri estendeu a mão fina para que Jenks pudesse aterrar nela. — É bom ver-te de regresso ao lugar onde podes ajudar as pessoas que mais precisam de ti, mestre *pixy* — disse-lhe ela e eu podia jurar que ele ficou vermelho como um tomate.

— Olá, Ceri — disse ele. — Pareces descansada. Dormiste bem, esta noite?

O seu rosto em forma de coração assumiu uma expressão astuta, pois ela sabia bem que Jenks estava a tentar decifrar que tipo de Inderlander ela era através dos seus padrões de sono.

— Ainda não dormi esta tarde — disse ela, agitando suavemente os dedos até Jenks ter levantado voo. O olhar dela viajou até ao livro aberto sobre a mesa. — É isto?

Senti um arrepio de adrenalina percorrer o meu corpo.

— Um deles. É demoníaco?

Prendendo o longo cabelo claro atrás de uma orelha, Ceri inclinou-se para uma análise mais próxima.

— Oh, sim!

De súbito, sentia-me muito mais nervosa e pousei a caneca no balcão, enquanto o meu estômago dava voltas.

— Incluí alguns feitiços que talvez estivesse disposta a tentar. Importavas-te de lhes dar uma olhadela e me dizeres o que achas?

As feições delicadas de Ceri brilharam de prazer.

— Adoraria.

Exalei de alívio.

— Obrigada — limpando as mãos às calças de ganga, apontei para a maldição que permitia ao seu utilizador transformar-se num lobo. — Este. Que te parece? Achas que o conseguiria fazer bem?

As pontas do seu cabelo extremamente liso tocaram nas páginas manchadas e amareladas, quando ela se curvou sobre o livro. Franzindo o sobrolho, Ceri pegou nas pontas e afastou-as. Jenks esvoaçou para a mesa, quando ela franziu o sobrolho, e pousou sobre o saleiro. Da sala de estar chegou um estrondo seguido por um coro de guinchos de *pixies* e ele suspirou.

— Volto já — disse ele, partindo a zumbir.

— Já fiz este antes — disse Ceri, os dedos a pairar sobre as letras.

— O que é que faz? — perguntou, sentindo-me de novo nervosa. — Quer dizer, transformar-me-ia num lobo a sério ou só me pareceria com um?

Ceri endireitou-se, o olhar saltando para o corredor, enquanto a voz irritada de Jenks chegava até nós, provocando-me dores nos olhos.

— Trata-se de uma normal maldição de metamorfose, da mesma classe das utilizadas por Al. Manténs a tua inteligência e personalidade, tal como quando mudas de forma graças a um feitiço de terra. A diferença reside no facto de a fusão entre ti e o lobo atingir o nível celular. Se fosses dois, podias ter cachorrinhos com o QI de uma bruxa, caso permanecesses sob a forma de um lobo durante toda a gestação.

Fiquei de queixo caído. Estendi a mão para tocar na página, depois recuei.

— Oh!

Com um interesse banal, percorreu com o dedo a lista de ingredientes, todos eles em latim.

— Isto não te transformará num animalomem, mas foi assim que os lobisomens começaram — disse ela, em tom de conversa. — Há cerca de seis milénios esteve na moda os demónios atormentarem as mulheres humanas, obrigando-as, como forma de pagamento de um desejo desencadeado pela vaidade, a deitarem-se com um demónio transformado em lobo. O resultado era, invariavelmente, uma criança humana capaz de se transformar.

Os meus olhos saltaram para ela, mas ela não se apercebeu do meu receio. Deus, que... nojento. É trágico, tanto para a mulher como para a criança. A vergonha de ter negociado com um demónio jamais desapareceria, para sempre ligada ao amor por uma criança. Perguntara-me muitas vezes qual seria a origem dos animalomens, já que não tinham vindo da eternidade como as bruxas e os elfos.

— Queres que to faça? — perguntou Ceri, os olhos verdes plácidos.

Saltei, recuperando a atenção.

— Não há mal em usá-lo?

Abanando a cabeça, Ceri procurou debaixo do balcão o meu caldeirão de cobre para feitiços.

— Não me importo. Seria capaz de o preparar a dormir. Fazer maldições é a função de um familiar. Demorarei apenas uns trinta minutos — aparentemente sem se aperceber do meu espanto, levou o livro de maldições para o balcão da ilha. — Os demónios não são mais poderosos do que as bruxas — disse ela. — Mas estão dispostos a tudo, por isso parecem ser mais fortes.

— Mas o Al transforma-se tão depressa e em tantas coisas — protestei, apoiando-me no balcão.

Por entre o matraquear das suas pequenas botas, Ceri virou as costas a um dos meus armários, trazendo na mão um molho de acónito. Tratava-se

de uma planta tóxica quando consumida em grandes doses e eu senti um toque de preocupação.

— O Al é um demónio superior — disse ela. — O mais provável é que fosses capaz de derrotar um demónio de superfície inferior com o que tens no teu armário dos feitiços, muito embora, com preparação suficiente, um demónio de superfície possa ser tão poderoso quanto o Al.

Estaria ela a dizer que eu podia vencer Al com a minha magia? Não acreditava nisso nem por um segundo.

Com uma graciosidade atenta, Ceri acendeu a lata de gel combustível com uma vela fina que tinha, por sua vez, acendido no fogão a gás. O forno servia como “lareira”, já que tinha sempre o piloto aceso, e gerava um início estável para qualquer feitiço.

— Ceri — protestei. — Posso fazer isto.

— Senta-te — disse-me ela. — Ou observa. Quero ser útil — ela sorriu sem mostrar os dentes, a tristeza a toldar-lhe os olhos límpidos. — Onde guardas as velas abençoadas?

— Hum, junto das colheres de prata grandes — disse eu, apontando. *Não é o que faz toda a gente?*

Jenks entrou a voar, espalhando centelhas douradas devido ao seu estado de agitação.

— Desculpa pelo candeeiro — murmurou. — Amanhã vão lavar as janelas todas, por dentro e por fora.

— Não faz mal. Era da Ivy — disse eu, pensando que, se quisessem, podiam partir todos os candeeiros da casa. Era mais do que bom tê-los de volta, isso era certo.

— O Al é um farmacêutico ambulante — disse Ceri, folheando até ao índice para consultar qualquer coisa e Jenks emitiu um soluço de surpresa. — É por isso que os demónios querem familiares experientes. Os familiares preparam as maldições, os demónios ativam-nas, ingerem-nas e reservam-nas até as invocarem com recurso à magia das linhas Ley.

Começando a compreender, retirei outro livro demoníaco da prateleira e comecei a folheá-lo, apercebendo-me dos padrões da magia de Al.

— Então sempre que ele se metamorfoseia ou faz um encantamento...

— Ou viaja através das linhas, usa uma maldição ou feitiço. Provavelmente feito por mim — terminou Ceri, semicerrando os olhos ao mesmo tempo que pegava numa das canetas de Ivy e mudava algo no texto, murmurando uma palavra em latim para tornar a alteração permanente. — Viajar por entre as linhas enche a alma de escuridão, razão pela qual ficam tão furiosos quando são invocados. Al concordou em pagar o preço por te ter levado através das linhas da primeira vez e quer informação para compensar a mancha.

Fitei a cicatriz circular no meu pulso. Tinha uma segunda cicatriz na parte debaixo do pé, feita por Newt, o demónio a quem tinha comprado a viagem para casa quando me descobri presa na eternidade. Nervosa, escondi aquele pé atrás do outro. Não contara a Ceri porque ela temia Newt. Que se sentisse aterrorizada pelo demónio, claramente louco, e não por Al, deixava-me tão feliz por dentro. Nunca mais ia viajar através das linhas.

— Cedes-me uma madeixa do teu cabelo? — perguntou Ceri, surpreendendo-me.

Pegando na tesoura, noventa e nove vírgula oito por cento prata, que me tinha custado uma pequena fortuna e que Ceri me estendia, cortei uma madeixa, do tamanho de um fio de esparguete, da nuca.

— Estou a simplificar as coisas — disse ela, quando lha entreguei. — Deves ter reparado que ele tem algumas formas e feitiços de que gosta mais.

— O nobre britânico de casaco verde — disse eu, e o rosto de Ceri assumiu um delicado tom rosa. Perguntei-me qual seria a história por detrás *daquele* feitiço, mas não me atrevi a perguntar.

— Passei três anos sem fazer outra coisa senão criar essa maldição — disse ela, os dedos movendo-se mais lentamente.

De uma das conchas, ergueu-se o matraquear das asas de Jenks, exigindo a nossa atenção.

— Três anos?

— Ela tem mil anos — disse eu e os olhos de Jenks arregalaram-se.

Ceri riu perante o seu desconcerto.

— Não se trata da minha normal esperança de vida — disse ela. — Agora estou a envelhecer, tal como tu.

As asas de Jenks transformaram-se num borrão de movimento, depois pararam.

— Posso viver até vinte anos — disse ele e eu ouvi a frustração na sua voz. — E tu?

Ceri virou para mim os seus olhos verdes, em busca de direção. O facto de os elfos não estarem completamente extintos era um segredo que eu lhe pedira que mantivesse e, ainda que conhecer a sua esperança de vida não fosse suficiente para o revelar, podia ser usado como mais uma peça para chegar à verdade. Acenei e ela fechou os olhos, num lento pestanejar de compreensão.

— Cerca de cento e sessenta — disse ela, calmamente. — Tal como uma bruxa.

Olhei para um e para o outro, inquieta, enquanto Jenks lutava por esconder uma emoção desconhecida. Eu não sabia quanto tempo os elfos viviam e, enquanto observava Ceri tecer o meu cabelo numa elaborada cor-

rente que se prendia a si mesma, perguntei-me que idade teriam os pais de Trent quando o geraram. Uma bruxa era fértil durante cerca de cem anos, com um desfasamento de vinte anos no início e quarenta no fim. Há cerca de dois anos que não tinha o período, já que as coisas, basicamente, se desligavam a menos que houvesse um candidato adequado. E, por muito que eu gostasse de Kisten, ele não era um bruxo, pelo que não ativava as hormonas corretas. Tendo em conta que os elfos tinham a sua origem na eternidade, estava disposta a apostar que a sua fisiologia era mais próxima da das bruxas do que da dos humanos.

Como se pressentisse a tensão de Jenks, Matalina entrou na cozinha, trazendo a reboque três filhas e um pequeno de voo instável.

— Jenks, querido — disse ela, dirigindo-me um olhar de desculpas. — A chuva já acalmou. Vou levar toda a gente lá para fora, para que a Rachel e a Ivy possam ter alguma paz.

A mão de Jenks desceu para o punho da espada.

— Primeiro quero fazer uma verificação quarto a quarto.

— Não — ela esvoaçou para mais perto e depositou-lhe no rosto um beijo leve. Parecia feliz e satisfeita; adorava vê-la assim. — Tu ficas aqui. Os selos não foram violados.

Dobrei o lábio inferior e prendi-o entre os dentes. Jenks não ia gostar do meu próximo passo.

— Na verdade, Matalina, gostava que ficasses aqui, se pudesses.

Jenks ergueu-se no ar, subitamente preocupado quando se juntou a ela, de alguma forma capazes de não se atrapalhar mutuamente ainda que pairassem lado a lado.

— Porquê? — perguntou, num tom monocórdico.

— Hum... — olhei de relance para Ceri que murmurava em latim e gesticulava sobre o meu anel de cabelo, no centro de um pentáculo do tamanho de um prato que traçara com sal sobre o balcão. Foquei, rígida de preocupação; atar o cabelo estabelecia uma ligação inquebrável com o dador. O anel de cabelo retorcido desapareceu com um estalo, substituído por uma pilha de cinza. Aparentemente não havia problema nisso, já que ela sorriu, varrendo cuidadosamente a cinza e o sal para um recipiente para feitiços com o tamanho de um copo de *shot*.

— Rachel... — inquiriu Jenks e eu afastei os olhos de Ceri; esta tocara numa linha e o seu cabelo esvoaçava numa brisa que eu não sentia.

— Ela pode ter uma palavra a dizer quanto ao feitiço seguinte — disse eu. Nervosa, aproximei de mim o livro demoníaco e abri-o na página assinalada por um mercador de seda que Ivy comprara em saldos na semana anterior.

Jenks pairou uns dois centímetros e meio acima do texto e Matalina

deu uma série de instruções rígidas às filhas. Com um pequeno choramingas a reboque, elas saíram disparadas da cozinha.

— Ceri — chamei cuidadosamente, não desejando interrompê-la. — Este pode fazer-se?

O elfo pestanejou, como se estivesse a sair de um transe. Acenando, puxou as mangas até aos cotovelos e atravessou a divisão até ao local onde eu mantinha um recipiente com quarenta litros de água salgada para a dissolução de amuletos usados. Enquanto a observava, surpreendida, ela mergulhou as mãos no líquido, voltando a erguer os braços a pingar. Lancei-lhe uma toalha da louça, perguntando-me se deveria iniciar uma prática semelhante. Com delicados movimentos dos dedos, ela secou as mãos enquanto se aproximava, para espreitar para o livro de feitiços sobre a mesa. Os olhos dela abriram-se perante o encantamento que eu encontrara, destinado a tornar grandes as coisas pequenas.

— Para... — começou ela, o seu olhar saltando para Jenks.

Acenei.

— É seguro?

Ela mordeu os lábios, um belo franzir do sobrolho marcando-lhe o rosto angular e delicado.

— Terias de o modificar, recorrendo a algo para suplementar a massa óssea. Talvez fosse necessário alterar o metabolismo, para não queimar tão depressa. E depois, há que ter em conta as asas.

— Uau! — exclamou Jenks, voando em direção ao teto. — Nem pensar! Não vão fazer nada a este pequeno *pixy*! Nem pensar. De maneira nenhuma!

Ignorando-o, observei Matalina que inspirava fundo, lentamente, as mãos unidas à sua frente. Virei-me para Ceri.

— Pode ser feito?

— Oh, sim — respondeu ela. — Consiste, em grande parte, em magia das linhas Ley e possui os ingredientes para a parte do feitiço que consiste em magia de terra. O mais difícil será desenvolver as maldições suplementares para o afinar de forma a limitar o desconforto. Mas consigo fazê-lo.

— Não! — guinchou Jenks. — *Augmen*. Sei o que é. Significa grande. Não vou ficar grande. Podem esquecê-lo! Gosto de quem sou e não poderei fazer o meu trabalho se for grande.

Ele recuara até o local onde Matalina se encontrava, sobre o balcão, as asas inusitadamente quietas, e eu gesticulei impotente.

— Jenks — insisti. — Pelo menos, ouve-me.

— Não — a voz dele não era mais que um guincho, enquanto ele apontava para mim. — És uma bruxa esquisita, perdida e louca! Não vou fazer isto!

Endireitei-me ao ouvir o som da porta de trás a abrir. As cortinas agitaram-se e reconheci os passos de Ivy. O cheiro a piza misturou-se com o rico odor do jardim molhado e Ivy penetrou na cozinha, parecendo-se com uma fantasia de adolescente, o sensual casaco de cabedal molhado e a caixa quadrada da piza equilibrada numa mão. Com o cabelo curto a balançar, pousou a caixa sobre a mesa, ruidosamente, ao mesmo tempo que assimilava o ambiente da sala, com uma expressão séria e calma. Passou a gabardina de Ceri para uma cadeira diferente e a tensão aumentou mais um pouco.

— Se fores grande — disse, enquanto Ivy ia buscar um prato para ela —, não terás de te preocupar com alterações de temperatura. Pode nevar lá em cima, Jenks.

— Não.

Ivy abriu a tampa da caixa e tirou uma fatia, colocando-a cuidadosamente no prato e recuando para o seu canto da cozinha.

— Queres fazer o Jenks grande? — perguntou. — As bruxas conseguem fazer isso?

— Hum... — gaguejei, não querendo entrar na questão do porquê de o meu sangue servir para ativar magia demoníaca.

— *Ela* pode — disse Ceri, pondo um fim à questão.

— E a comida não será um problema — acrescentei, atabalhoadamente, para manter o tema da conversa centrado em Jenks e não em mim.

Jenks irritou-se, apesar da mão suave que Matalina pousou no seu braço.

— Nunca tive qualquer problema em alimentar a minha família — disse.

— Não insinuei que tivesses — o cheiro a piza estava a deixar-me o estômago apertado, pelo que me sentei. — Mas estamos a falar em viajar quase oitocentos quilómetros, se eles estiverem onde julgo que estão, e não quero ter de parar de hora a hora para combateres as fadas que residem nos parques à beira da estrada, para poderes comer. Água com açúcar e manteiga de amendoim não serão suficientes e tu sabes disso.

Jenks voltou a inspirar fundo, preparando-se para protestar. Ivy comeu a piza, afundando-se na cadeira e pousando os pés na mesa, ao lado do teclado, enquanto o seu olhar saltava entre mim e Jenks.

Prendi um caracol ruivo atrás da orelha, esperando não estar a levar longe demais a nossa delicada relação de trabalho.

— Além disso podes ficar a saber como vive o outro lado — disse eu. — Não terias de ficar à espera que alguém abra uma porta para entrar ou que alguém use o telefone. Raios, podias conduzir...

As suas asas transformaram-se num borrão de movimento e Matalina pareceu assustada.

— Ouve — disse, sentindo-me desconfortável. — Porque é que não discutes a questão com a Matalina?

— Não preciso de discutir a questão — disse Jenks, com a voz tensa. — Não o vou fazer.

Os meus ombros abateram-se, mas tive demasiado medo de insistir.

— Como queiras — disse, em tom amargo. — Se me dão licença, tenho de ir ver da roupa.

Dissimulando a minha preocupação com uma raiva fingida, saí da cozinha em passos rápidos, os ténis a gemer no linóleo e depois no chão de madeira, enquanto me dirigia para a casa de banho. Batendo com as portas de esmalte branco com mais força do que o necessário, passei o fato de treino de Kisten para a máquina de secar. Afinal Jenks não precisaria delas, mas não as ia devolver já.

Virei o botão do comando para a posição de secar, carreguei no botão e ouvi o secador começar a trabalhar. Abrindo os braços até ficarem alinhados pelos ombros, apoiei-me na máquina. As temperaturas baixas deixariam Jenks muitíssimo limitado depois do pôr-do-sol. Mais um mês e não teria qualquer importância, mas, em maio, podia fazer muito frio no Michigan.

Empurrei o corpo para longe da máquina de secar, resignando-me com o facto de ter de lidar com aquilo. A escolha era dele. Determinada, regresssei à cozinha, obrigando a testa a perder o seu franzido.

— Por favor, Jenks — ouvi Ivy implorar, mesmo antes de ter dobrado a esquina, a emoção incomum na sua voz obrigando-me a parar. Ela nunca permitia que as suas emoções se revelassem daquela forma. — A Rachel precisa de alguém que funcione como um tampão entre ela e qualquer vampiro com que se depare fora de Cincinnati — sussurrou, sem saber que eu a podia ouvir. — Aqui todos os vampiros sabem que os matarei duas vezes se lhe tocarem, mas uma vez fora da minha influência, a cicatriz por reclamar torná-la-á uma presa fácil. Não posso ir com ela. O Piscary... — Ela inspirou fundo, abalada. — Ficaria realmente zangado se eu sáisse do seu raio de influência. Deus, Jenks, isto está prestes a dar cabo de mim. Não posso ir com ela. Tens de ir tu. E tens de ser grande, caso contrário ninguém te levará a sério.

Senti o rosto gelado e levei uma mão à cicatriz que tinha no pescoço. *Bolas, tinha-me esquecido dela.*

— Não preciso de ser grande para a proteger — disse ele e eu acenei.

— Sei disso — continuou Ivy — e ela sabe disso, mas um vampiro sedento de sangue não quererá saber. E poderá não ser apenas um.

Com as entranhas a tremer recuei lentamente. Os meus dedos tatearam em busca da maçaneta da porta da casa de banho, que puxei, fe-

chando a porta com estrondo, como se tivesse acabado de sair. De seguida dirigi-me para a cozinha, onde entrei de rompante, sem olhar para quem quer que fosse. Ceri estava de pé, junto ao meu caldeirão para feitiços mais pequenos, com uma lanceta na mão; o que desejava era óbvio. Ivy fingia ler o *email* e Jenks erguia-se com uma expressão horrorizada estampada no rosto. Matalina estava ao seu lado.

— Bem, parece-me que iremos parar de hora a hora.

Jenks engoliu em seco.

— Fá-lo-ei.

— A sério, Jenks — disse, tentando esconder o sentimento de culpa.

— Não faz mal. Não tens de fazer isto.

Jenks ergueu-se no ar, esvoaçando, colocando as mãos na cintura quando se aproximou do meu rosto.

— Vou fazer isto, portanto cala-te de uma vez e diz obrigada!

Sentindo-me miserável e vulnerável, sussurrei:

— Obrigada.

As suas asas matraqueavam enquanto ele esvoaçava, trémulo, para junto de Matalina, com um pequeno suspiro. Ela agarrou-o, o belo rosto de anjo parecendo assustado quando o fez girar, de forma que ficasse de costas para mim, e começaram a falar, as suas palavras demasiado agudas e rápidas, para que as conseguisse distinguir.

Com o silêncio estudado de um escravo, Ceri aproximou-se para pousar ao meu lado o caldeirão com a poção que me permitiria transformar em lobo. Junto a ela pousou a lanceta com um pequeno clique e recuou. Ainda perturbada, abri atabalhoadamente a lâmina esterilizada e olhei de relance para a poção. Parecia uma bebida energética de cereja, no caldeirão de cobre em miniatura.

— Obrigada — murmurei. Branca ou não, a utilização de magia demoníaca não era aquilo por que eu queria ser conhecida. O picar da lâmina foi como uma descarga elétrica e eu massajei o dedo. Três gotas do meu sangue pingaram no caldeirão e o cheiro a âmbar queimado ergueu-se, prendendo-se-me na garganta, quando o meu sangue ativou o feitiço demoníaco. *Que maravilha, não?*

Senti um tremor no estômago e fitei a poção.

— Não será invocada fora de tempo? — perguntei, e Ceri abanou a cabeça. Pegando no pesado volume, colocou-o à minha frente.

— Aqui — disse ela, apontando. — Está é a palavra de invocação. Não funcionará se não estiveres ligada a uma linha ou se não tiveres, dentro de ti, energia da eternidade suficiente para provocar a mudança. Já vi o que consegues conter e é suficiente. Esta — disse apontando para o fundo da página — é a palavra para voltar à forma original. Sugiro que não a uses se

não estiveres ligada a uma linha. Ela servirá para acrescentar massa e não para a remover, pelo que é difícil saber a quantidade de energia que terás de bloquear para compensar o desequilíbrio. É mais fácil fazê-lo estando ligada a uma linha e deixando que a energia se equilibre a si mesma. A água salgada não quebra a magia demoníaca, por isso não te esqueças da contramaldição.

Nervosa, as minhas mãos deslizaram sobre o pequeno caldeirão de cobre. Aquela quantidade de poção seria suficiente para sete feitiços de terra, mas a magia das linhas Ley correspondia, por norma, a um feitiço por utilização. Voltei a olhar para a palavra de invocação. *Lupus*. Era bastante simples.

— Não funcionará se não estiver dentro de ti — disse Ceri, parecendo irritada.

Jenks esvoaçou para mais perto, pairando sobre as páginas. O seu olhar afastou-se das letras e fixou-se em mim.

— Como é que ela vai dizer a palavra que a vai transformar de volta, se for uma loba? — perguntou ele e senti que um relâmpago de angústia ardia através de mim, até ter compreendido que deveria funcionar como um qualquer feitiço das linhas Ley que requeria apenas que se pensasse com força suficiente na palavra de invocação. Ainda que gritar a palavra acrescentasse, sem dúvida, uma boa dose de força.

Os olhos verdes de Ceri estreitaram-se.

— Dizer a palavra mentalmente será suficiente — disse. — Queres que guarde a poção num pentagrama para a manter fresca ou vais tomá-la já?

Ergui o caldeirão para feitiços, tentando alisar a testa para que, pelo menos, não parecesse nervosa. Tratava-se apenas de uma elaborada poção de disfarce, uma poção que me deixaria peluda e com grandes dentes. Se tivesse sorte, jamais teria de a invocar. Senti a atenção de Ivy presa em mim e, sob os olhares de todos, bebi-a.

Tentei não a provar, mas a qualidade arenosa da cinza e o gosto amargo a papel de prata, clorofila e sal repuxou-me os lábios.

— Oh, Deus — disse, enquanto Ivy pegava numa segunda fatia de piza. — Isso sabe mesmo mal.

Dirigi-me ao recipiente de dissolução e mergulhei nele o caldeirão para feitiços vazio antes de o colocar no lava-loiça. A poção ardia através de mim e eu tentei, em vão, refrear um arrepio.

— Estás bem? — perguntou Ivy, enquanto eu tremia e o caldeirão chocalhava contra o lava-loiça antes de o largar.

— Ótima — disse, com a voz rouca.

Acabara de ingerir um feitiço demoníaco. Voluntariamente. Hoje es-

tava fina e, amanhã, estaria a bordo de um autocarro de excursão, a visitar as melhores partes do inferno.

Ceri escondeu um sorriso e eu franzi o sobrolho.

— Que é?! — gritei, mas ela limitou-se a sorrir ainda mais.

— Era isso que Al dizia sempre que tomava as suas poções.

— Maravilha — rosnei, indo sentar-me à mesa e puxando a piza para mais perto. Sabia bem que era a ansiedade que me estava a deixar irritável, pelo que tentei suavizar o rosto e fazer de conta que isso não me incomodava.

— Vês, Matalina? — insistiu Jenks, voando para se colocar junto dela, no parapeito da janela, ao lado do meu peixe Beta. — Está tudo bem. A Rachel ingeriu uma poção demoníaca e está bem. Assim será mais fácil e não morrerei de frio. Ficarei apenas do tamanho dela. Vai correr bem, Mattie. Prometo.

Matalina ergueu-se no ar, numa coluna de centelhas prateadas. Contorceu as mãos e fitou-nos a todos por um momento, o seu receio era óbvio e partia-me o coração. Num instante desapareceu, saindo para a chuva através do buraco para *pixy* na rede que tapava a janela.

De pé no parapeito da janela, Jenks deixou cair as asas. Senti um assomo de culpa, depois refreei-o. Jenks iria, comigo ou sem mim, e se fosse grande teria mais hipóteses de regressar inteiro. Mas ela estava tão transtornada que era difícil não sentir que a culpa era minha.

— Muito bem — disse eu, incapaz de sentir o gosto da piza que acabara de morder. — O que é que fazemos primeiro para o Jenks?

Os ombros finos de Ceri relaxaram e ela agarrou no crucifixo com o que era, obviamente, um gesto inconsciente de contentamento.

— A maldição dele terá de ser feita à medida. Talvez seja melhor traçarmos um círculo. Vai ser difícil.

Seis

O CHEIRO FORTE A TINTA PARA O CABELO DE BAIXA QUALIDADE NÃO COMBINAVA bem com o sensual perfume do cabedal e da seda. A mistura era atravessada por um cheiro almiscarado a incenso que me enchia a cada lenta inspiração, mantendo os meus músculos soltos e relaxados. *Kisten*. Senti uma comichão no nariz e afastei a manta do rosto, aconchegando-me mais contra o som do seu coração a bater. Senti-o mudar de posição e uma parte sonolenta de mim recordou-se de que estávamos na sala de estar, no sofá, deitados para o mesmo lado. A minha cabeça estava encaixada sob o queixo dele e o seu braço envolvia a minha cintura, quente e seguro.

— Rachel? — sussurrou ele, tão suavemente que o meu cabelo quase não se moveu.

— Hum? — balbuciei, sem me querer mover.

Durante os últimos onze meses, tinha-me apercebido de que a sede de sangue de um vampiro variava com os estados de espírito, dependendo do *stress*, do temperamento, da educação e de quanto a tinham saciado da última vez. Tinha ido viver com Ivy num estado de absoluta idiotice. Ainda para mais, na altura ela encontrava-se no extremo mais alto da escala do arrepiante, pressionada por Piscary para me transformar num brinquedo ou matar, uma tensão aumentada pelo sentimento de culpa que sentia perante o seu desejo de sangue e pelo facto de se tentar abster dele. Três anos de abstinência geravam um vampiro deveras ansioso. Não queria saber o que Ivy tinha sido antes de optar pela fome forçada para se tentar recriar. Tudo o que sabia era que se tornara muito mais fácil viver com ela agora, que estava a “tratar do assunto”, ainda que ela se odiasse e se sentisse uma falhada sempre que sucumbia.

Acabara por descobrir que *Kisten* se encontrava no extremo oposto, com um temperamento relaxado e sem quaisquer problemas em satisfazer a sua sede de sangue. E, embora não me sentisse confortável a dormir a

sesta no mesmo quarto que Ivy, podia enroscar-me com Kisten, desde que ele tivesse tratado do assunto de antemão. *E que eu não me pusesse a saltar com uma camisola dele vestida*, pensei amargamente.

— Rachel, querida — disse ele, mais alto, com um toque de súplica. Senti os seus músculos a ficarem tensos e a respiração a acelerar. — Acho que a Ceri está pronta para que atives o feitiço do Jenks e, por muito que gostasse de te tirar sangue, talvez seja melhor que o faças sozinha.

Os meus olhos abriram-se de repente e fitei os aparelhos eletrónicos de Ivy.

— Já o terminou? — disse eu e Kisten gemeu quando o meu cotovelo fez pressão contra o estômago dele, ao sentar.

Os meus pés, enfiados numas meias, tocaram no chão e os meus olhos voaram para o relógio na televisão. *Já passava do meio-dia?*

— Adormeci! — exclamei, vendo os nossos pratos, repletos de côdeas de piza sobre a mesa de centro. — Kist — queixei-me —, não era suposto deixares-me adormecer!

Ele deixou-se ficar reclinado no sofá de camurça cinzenta de Ivy, o cabelo desgrenhado e um brilho satisfeito e sonolento nos olhos.

— Desculpa — disse com um bocejo, sem parecer minimamente arrependido.

— Raios. Era suposto estar a ajudar a Ceri — já era suficientemente mau que ela estivesse a fazer os feitiços por mim. Estar a dormir enquanto ela o fazia era simplesmente rude.

Kisten ergueu um ombro e deixou-o cair.

— Ela disse que te deixasse dormir.

Dirigindo-lhe um suspiro exasperado endireitei as calças de ganga. Odiava adormecer vestida. Pelo menos, tinha tomado banho antes do jantar, pensando que seria justo livrar-me do cheiro que restava do facto de ter usado a camisola dele.

— Ceri? — disse, arrastando os pés até à cozinha. Por amor de Deus, àquela hora, já queria ter a carrinha adaptada para servir de autocaravana que pedira emprestada a Kisten cheia e a caminho.

Ceri estava sentada, com os cotovelos pousados na antiga mesa de Ivy. Ao seu lado estava a caixa de piza, vazia com exceção de uma única fatia e de uma embalagem de *dip* de alho incólume. O seu cabelo longo e esvoaçante era a única coisa que se movia, flutuando na aragem fria que entrava pela janela. A cozinha estava mais limpa do que eu alguma vez conseguira quando fazia os meus feitiços: os caldeirões de cobre estavam cuidadosamente empilhados no lava-loiça, sob os meus pés podia sentir o sal com o qual ela traçara um círculo e havia alguns utensílios de magias das linhas Ley e ervas de magia de terra espalhados pela cozinha. O livro demoníaco

estava aberto no centro do balcão e a vela roxa que eu acendera no último Halloween pingava enquanto eu a olhava.

O Sol do início da tarde era um feixe brilhante de luz que entrava pela janela. Para lá das cortinas esvoaçantes, os *pixies* guinchavam e brincavam, destruindo a toca das fadas, no freixo, com um entusiasmo selvagem. Jenks estava sentado na mesa, encostado à chávena de chá meio vazia de Ceri.

— Ceri — disse, estendendo uma mão para lhe tocar no ombro.

A cabeça dela ergueu-se de súbito.

— *O di immortals*, Gally — disse, obviamente ainda a dormir. — As minhas desculpas! A maldição está pronta. Vou já tratar do chá.

Jenks ergueu-se no ar com um ruidoso bater de asas e a minha atenção saltou dele para ela.

— Ceri? — repeti, assustada. *Ela chamava Gally a Algaliarept?*

A jovem ficou rígida, depois deixou cair a cabeça nas mãos, mais uma vez.

— Deus me ajude, Rachel — disse, as palavras abafadas. — Por um momento...

A minha mão deslizou do ombro dela. Ceri tinha pensado que estava de novo com Al.

— Lamento — disse, sentindo-me ainda mais culpada. — Adormeci e o Kisten não me acordou. Estás bem?

Ela virou-se, um ligeiro sorriso no rosto em forma de coração. Os olhos verdes estavam cansados. Tinha a certeza de que não dormia desde a tarde anterior e parecia prestes a desfalecer.

— Estou ótima — disse, com a voz fraca, sendo óbvio que não estava.

Envergonhada, sentei-me à frente dela.

— Jesus, Ceri, eu podia ter feito qualquer coisa.

— Estou ótima — repetiu, os olhos fixos no fio de fumo que se erguia, em volutas, da vela. — O Jenks ajudou-me com as plantas. É um grande conhecedor.

Erguendo as sobrancelhas, observei enquanto Jenks alisava o casaco de seda verde que usava para cuidar do jardim.

— Achas que vou tomar uma poção sem saber o que está lá dentro? — perguntou.

— O Jenks ajudou-te a fazê-lo? — inquiri.

Ceri encolheu os ombros.

— Não importa quem o faz, desde que sejas tu a ativá-lo — com um sorriso cansado no rosto pálido, Ceri acenou na direção da poção e da lanceta.

Movendo-me lentamente, ergui-me e dirigi-me para o feitiço de Jenks. O estalo do selo de segurança da lanceta a partir fez-se ouvir, sonoro.

— Usa o indicador — aconselhou Ceri. — Acrescentará ao feitiço a força da tua vontade.

Fazia diferença? Perguntei-me, sentindo-me tonta, e não era apenas pela falta de sono, enquanto picava o dedo para obter três gotas do meu sangue. Kisten agitou-se, na sala de estar, quando estas pingaram no caldeirão para feitiços e o cheiro a âmbar queimado se ergueu no ar. As asas de Jenks transformaram-se num borrão de movimento e eu sustive a respiração, esperando que acontecesse qualquer coisa. Não aconteceu nada. Mas eu também não pronunciara as “palavras mágicas”.

— Feito — disse Ceri, afundando-se na cadeira.

Os meus olhos fixaram-se na figura esguia de Kisten, quando ele entrou na cozinha, descalço e com as roupas em desalinho.

— Boa tarde, minhas senhoras — disse, puxando a caixa da piza para si e passando a última, e rígida, fatia de piza para um prato. Não era o primeiro tipo a ter uma escova de dentes no meu lava-loiça, mas era o primeiro a mantê-la lá durante tanto tempo, e eu gostava de o ver ali, em desalinho, a camisa fora das calças, com um ar satisfeito e confortável.

— Café? — perguntei e ele acenou, tornando-se óbvio que ainda não estava completamente funcional quando arrastou o prato da mesa e se dirigiu para o corredor, coçando os pelos que começavam a despontar na linha do maxilar.

Saltei quando Kisten bateu à porta do quarto de Ivy e gritou:

— Ivy! Acorda! Tens aqui o pequeno-almoço. A Rachel está de saída e é melhor que te despaches se quiseres ver o Jenks a mudar.

Lá se ia o café, a torrada, o sumo e a flor, pensei, ouvindo a voz de Ivy erguer-se, irritada, antes de Kisten fechar a porta e interromper as suas queixas. Ceri parecia impressionada e eu abanei a cabeça para lhe dar a entender que não valia a pena explicar. Fui limpar a cafeteira, fechando a água até esta não ser mais do que um fio quando Kisten fechou a porta da minha casa de banho e abriu o chuveiro.

— Então, vamos fazer isto, Jenks? — perguntei, enquanto fazia girar a água no interior da cafeteira.

Com as asas a assumir um tom azulado, Jenks aterrou junto do recipiente, o tamanho de um copo de *shot*, onde se encontrava a poção.

— Eu bebo-o?

Ceri acenou.

— Uma vez dentro de ti, a Rachel invocá-lo-á. Até lá, nada acontecerá.

— Todo? — perguntei, de olhos muito abertos. — Isto são o quê? Quatro litros em termos *pixies*?

Jenks encolheu os ombros.

— Bebo uma quantidade igual de água com açúcar ao pequeno-almo-

ço — disse ele e franzi o sobrolho. Se bebia assim tanto, o mais certo era que tivéssemos de parar de hora a hora, na mesma.

Os meus dedos lutaram por abrir o saco do café e o odor dos grãos escuros atingiu-me, espesso e reconfortante. Calculei a quantidade que precisava, colocando-a no filtro novo e, depois, acrescentei um pouco mais, enquanto observava sub-repticiamente Jenks que procrastinava. Por fim, o *pixy* arrastou as botas sobre o balcão e retirou do recipiente uma pequena dose, fazendo uso de um copo minúsculo. Virou de uma vez o copo que pingava, fazendo uma careta quando o baixou.

Liguei a cafeteira e encostei-me ao balcão, cruzando os braços.

— A que é que sabe? — perguntei, recordando a poção demoníaca que já tinha ingerido. Tinha a esperança de que ele não dissesse que sabia ao meu sangue.

— Hum — Jenks tirou mais um copo cheio. — Tem o mesmo sabor do jardim no outono, depois de as pessoas andarem a queimar as folhas.

Cinzas mortas? Pensei. *Mas que bom.*

Erguendo o queixo, bebei, depois virou-se para mim.

— Por amor da Sininho, não vão ficar aí a olhar para mim, pois não? Sorrindo, afastei-me do balcão.

— Posso fazer-te um chá? — perguntei a Ceri, não querendo que parecesse que o estava a observar, mas também não querendo sair. E se ele tivesse uma reação alérgica ou algo assim?

Com um movimento quase impercetível, Ceri endireitou-se; a minha oferta parecia ter iniciado todo um novo conjunto de comportamentos.

— Sim, obrigada — disse ela, cuidadosamente.

Regressei ao lava-loiça e enchi a chaleira, encolhendo-me quando Jenks arrotou e rosnou, baixinho. O som da água a correr pareceu revitalizar Ceri, que se levantou, percorrendo a cozinha e arrumando as coisas.

— Posso fazer isso — protestei, e ela fitou os meus olhos que deslizavam para o relógio por cima do lava-loiça. *Raios, estava a ficar tarde.*

— E eu também — disse ela. — Tens um longo caminho pela frente e tudo o que eu tenho que para fazer é... — ela fitou tristemente a cozinha. — Não tenho nada para fazer além de dormir. Eu é que te devia agradecer. Foi muito excitante criar um feitiço tão complexo. É um dos meus melhores esforços.

O seu orgulho era óbvio e, depois de ter acendido o lume sob a chaleira, encostei-me ao balcão, observando Jenks a arrotar as letras do abecedário. Será que os seus talentos não tinham fim? A curiosidade acabou por me levar a formular a pergunta.

— Como é que era ser familiar dele?

Ceri pareceu ficar sonolenta enquanto se erguia ao sol, junto ao lava-loiça, e lavava a sua chávena.

— Ele é dominador e cruel — disse baixinho, a cabeça baixa e os olhos fixos nas mãos esguias —, mas as minhas origens tornavam-me única. Ele gostava de me exhibir, por isso mantinha-me bem. Quando me tornei dócil, passou a conceder-me favores e cortesias que a maioria ignorava.

Os meus pensamentos regressaram ao embaraço que ela revelara ao falar da aparência preferida de Al, o nobre britânico. Tinham estado juntos durante mil anos e eram inúmeros os casos de cativas que se apaixonavam pelos seus captores. *Além disso, aquela alcunha...* Tentei cruzar o meu olhar com o dela, mas ela evitou-o.

— Já volto — disse Jenks, batendo no estômago. — Esta coisa faz-nos mijar como um sapo.

Encolhi-me quando ele levantou voo e passou pesadamente por Ceri, saindo pelo buraco para *pixies* na rede que cobria a janela. Um olhar de relance para o recipiente para feitiços fez-me erguer as sobrancelhas. Estava meio vazio. *Maldição, aquele homem conseguia emborcar mais depressa do que um estudante universitário.*

— Fazia entre trinta e cinquenta maldições por dia — continuou Ceri, pegando no pano que estava no lava-loiça e limpando o sal da ilha —, além de lhe aquecer a cama e pôr comida na mesa. A cada sete dias, ia trabalhar comigo para o laboratório, fazendo crescer o meu conhecimento. Esta maldição... — de olhar distante, tocou no balcão ao lado do que restava da poção. — Esta ter-nos-ia feito passar todo um dia juntos, avançando lentamente para que ele me pudesse explicar as complexidades envolvidas na mistura de maldições. Em dias como esse... quase me sentia bem comigo mesma.

Envolvendo a cintura com os braços, senti-me gelar perante o toque de saudade na sua voz. Ela quase parecia lamentar o facto de já não estar a trabalhar para um demónio. De olhar distante, tirou a água a ferver do lume e despejou-a para um pequeno bule.

Jenks regressou, sem qualquer comentário, instalando-se perante a poção com o seu copo minúsculo. Senti os pelos na parte de trás do pescoço a eriçar e Ivy entrou na cozinha, com um restolhar suave, as mãos atarefadas a prender a camisa dentro das calças. Sem cruzar o seu olhar com o de qualquer de nós, arrastou os pés até à cafeteira e encheu duas canecas, enquanto as últimas gotas pingavam para a base quente e crepitavam. Ergui os olhos, surpreendida, quando ela pousou uma caneca ao meu lado, num gesto hesitante.

As palavras de Kisten ecoaram nos meus pensamentos, enquanto a via sentar-se junto ao computador, lendo a tensão nos seus ombros quando

ela carregou no botão de ligar e clicou no atalho para o seu *email*. O que ele dissera sobre ela depender de mim mais do que dele porque eu não conhecia o seu passado fez revolver o meu estômago. Fitei-a enquanto ela se sentava na extremidade mais distante da cozinha, afastada, mas ainda parte do grupo. O seu rosto perfeito estava calmo e imóvel, não revelando nada do seu passado selvagem. Senti-me atravessar por um arrepio ao pensar no que poderia encontrar-se sob aquela face, naquilo em que se poderia tornar se eu a deixasse. Exatamente quão mau tinha sido?

Ivy ergueu os olhos do monitor, fitando-me por baixo da franja curta. Baixei o olhar. *Deus do céu. Seria apenas por alguns dias.*

— Obrigada pelo café — disse, envolvendo a cerâmica quente com os dedos e entrelaçando-os, ao mesmo tempo que refreava as minhas emoções. Tinha de ir. Nick e Jax precisavam de ajuda. Voltaria.

Ivy não disse nada, o seu rosto não revelando qualquer emoção. As janelas de novos *mails* sucederam-se e ela começou a percorrê-los.

Nervosa, virei-me para Ceri.

— Agradeço-te muito — disse, pensando na longa viagem que me esperava. — Se não fosse pela tua ajuda, nem sequer teria tentado. Só estou contente por não serem feitiços negros — acrescentei. Branca ou não, a realização de magia negra não era algo por que eu quisesse ficar conhecida.

No lugar onde se encontrava, ao sol, Ceri ficou rígida.

— Hum, Rachel? — disse ela, e o meu coração pareceu saltar um batimento.

Ergui lentamente a cabeça e senti a boca a ficar seca. Jenks parou, com o copo a meio caminho da boca. Os seus olhos cruzaram-se com os meus, as asas completamente imóveis.

— É um encantamento negro? — perguntei, a minha voz um guincho no final.

— Bem, é magia demoníaca... — disse ela, como se pedisse desculpas. — São todos negros — os seus olhos saltavam entre mim e Jenks, espantados. — Pensei que sabias.

Sete

INSPIREI, HESITANTE, E LEVEI A MÃO AO BALCÃO. *ERA NEGRO? EU TOMARA UM feitiço negro? Isto estava a ficar cada vez melhor. Porque raio é que ela não me dissera nada?*

— Nem pensar! — Jenks ergueu-se num floreado de centelhas cor de cobre. — Esquece, Ivy, esquece! Não vou fazer isto!

Enquanto Ivy rosnava a Jenks que este o faria, caso contrário ela enfiá-lo-ia de cu pelo buraco da fechadura, cambaleei até à mesa e deixei-me afundar na cadeira. Ceri era estranha, parecia tão inocente como a Joana d'Arc, mas aceitava a magia negra como se passasse todas as quartas-feiras sentada aos pés de Lúcifer a pintar-lhe as unhas. *Eram todos negros e ela não via nada de errado nisso?* Agora que pensava nisso, a Joana d'Arc ouvia vozes que lhe diziam para matar pessoas.

— Rachel...

A mão de Ceri no meu ombro fez-me erguer a cabeça e fitei-a.

— Eu, hum... — balbuciei. — Esperava que fossem negros, mas tu não parecias ter qualquer problema a fazê-los, por isso... — fitei o que restava da poção de Jenks, perguntando-me se, desistindo agora, ele ficaria bem.

— Ele precisa desta maldição — Ceri sentou-se graciosamente, de tal forma que eu não conseguia ver Jenks e Ivy que discutiam na extremidade oposta da mesa. — E a mancha provocada por uma ou duas é negligenciável.

Matalina voou através do buraco para *pixies* na rede que cobria a janela, arrastada por um dos guinchos agudos de Jenks, trazendo consigo o cheiro da tarde de primavera. O seu vestido amarelo ondulava, belo, em redor dos calcanhares, quando ela estacou, a expressão inquisitiva enquanto tentava compreender o que se estava a passar. Eu parecia não conseguir inspirar ar suficiente. *Negligenciável? Será que ela não compreendia?*

— E se só os usar para o bem? — tentei. — Manchar-me-ão a alma se eu só fizer o bem com eles?

As asas de Matalina pararam e ela desceu os quase oito centímetros que a separavam da mesa tão depressa que perdeu o equilíbrio e caiu, dobrando uma asa para trás. Ceri exalou num sinal óbvio de exasperação.

— Estás a quebrar consideravelmente as leis da natureza através destas maldições — censurou ela, com os olhos verdes fixos em mim —, muito mais do que com a utilização de magia de terra ou magia das linhas Ley sozinhas. Não importa se são usadas para o bem ou para o mal, a mancha sobre a tua alma é igual. Se interferes com os livros da natureza, pagas um preço.

Os meus olhos saltaram dela para Matalina e Jenks. A pequena mulher *pixy* voltara a erguer-se e pousara uma mão no ombro de Jenks que, por sua vez, se encontrava dobrado sobre os joelhos. Ao que parecia, estava a hiperventilar e o pó de *pixy*, que começava a assumir uma tonalidade vermelha, libertava-se dele formando uma poça que escorria para o chão. Rodopiava sob a corrente de ar da janela e teria sido uma bela imagem, se eu não soubesse que tal significava que ele se encontrava muitíssimo tenso.

Os lábios de Ivy desenhavam uma linha fina. Não compreendia porque é que ela estava a discutir com ele. Não esperava que ele se submetesse àquilo tratando-se de uma maldição negra. *Raios, Ceri tinha-lhes chamado sempre maldições; eu é que não a ouvira.*

— Mas eu não quero que a minha alma fique negra — quase chorei. — Ainda agora me livrei da aura de Al.

As delicadas feições de Ceri assumiram uma expressão irritada e ela ergueu-se.

— Então, livra-te das manchas.

Jenks ergueu a cabeça, os seus olhos parecendo assustados.

— A Rachel *não* é uma bruxa negra! — gritou, e eu fiquei espantada com a sua ardente lealdade. — Ela não as vai atirar para as costas de um inocente!

— Nunca disse que o devia fazer — disse Ceri, com rudeza.

— Ceri — disse eu hesitante, enquanto ouvia Matalina que tentava acalmar o marido. — Não existe outra forma de nos livrarmos do desequilíbrio de realidade além de o passarmos para outra pessoa?

Claramente consciente de que Jenks estava pronto para se atirar a ela, Ceri foi, calmamente, preparar o seu chá.

— Não. Uma vez criada a mancha a única forma de te veres livre dela é passá-la para outra pessoa. Mas não estou a sugerir que a entregues a um inocente. As pessoas aceitá-la-ão voluntariamente se adoçares o negócio.

Não gostava da forma como aquilo soava.

— Porque é que alguém aceitaria, voluntariamente, manchar a sua alma com a minha escuridão? — perguntei e o elfo suspirou, tornando visível a sua tentativa de reprimir a irritação. O tato não fazia parte do seu reportório, apesar da sua gentileza e enorme boa vontade.

— Liga-a a algo que a pessoa queira, Rachel — disse ela. — Um feitiço ou uma tarefa. Informação.

Os meus olhos abriram-se quando compreendi.

— Como um demónio — disse, e ela acenou.

Oh, Deus. Doía-me o estômago. A única forma de me ver livre daquelas manchas seria induzir alguém a ficar com elas. Como um demónio.

Ceri erguia-se junto ao meu lava-loiça; o sol da manhã envolvia-a, fazendo com que se parecesse com uma princesa de calças de ganga e camisola azul e dourada.

— É uma boa opção — disse ela, soprando o chá para o fazer arrefecer mais depressa. — O meu desequilíbrio é demasiado grande para que me consiga ver livre dele dessa forma, mas talvez se eu percorresse a eternidade e libertasse pessoas raptadas, que ainda estivessem em posse das suas almas, talvez elas aceitassem ficar com cem anos do meu desequilíbrio em troca de uma oportunidade de se verem livres da eternidade.

— Ceri — protestei, assustada, e ela ergueu a mão num gesto reconfortante.

— Não vou à eternidade — disse ela. — Mas se alguma vez surgir a oportunidade de ajudar a libertar alguém, dizes-me?

Ivy agitou-se e Jenks interrompeu-a com um acalorado:

— A Rachel não vai à eternidade.

— Ele tem razão — disse eu, levantando-me e sentindo os joelhos fracos. — Não posso pedir a ninguém que fique com as manchas que acrescentar à minha alma. Esquece — os meus dedos rodearam o que restava da poção de Jenks e dirigi-me para o recipiente de dissolução. — *Não sou* uma bruxa negra.

Matalina suspirou de alívio e até Jenks relaxou, pousando os pés no centro da poça de centelhas douradas sobre a mesa, apenas para se erguer de novo no ar quando Ceri bateu com a mão no balcão.

— Vais-me ouvir e vais-me ouvir com atenção! — gritou, chocando-me e fazendo Ivy saltar. — Não sou má por ter mil anos de manchas de demónio na alma! — exclamou ela; as pontas do cabelo tremiam e o rosto estava vermelho. — Sempre que perturbas a realidade, a natureza é obrigada a reequilibrá-la. As manchas negras na tua alma não são sinónimo de maldade, são uma promessa de que a vais compensar pelo que fizeste. É uma marca, não uma sentença de morte. E podes ver-te livre delas a qualquer altura.

— Ceri, desculpa — murmurei, mas ela não estava a ouvir.

— És uma bruxa ignorante, tola e estúpida — murmurou e eu encolhi-me, apertando os dedos em redor do caldeirão de cobre para feitiços e sentindo a raiva que se libertava dela como um chicote. — Estás a querer dizer que, por carregar comigo o fedor da magia demoníaca, sou uma pessoa má?

— Não... — tentei dizer.

— Que Deus não mostrará qualquer misericórdia? — disse ela, os olhos verdes a faiscar. — Que por ter cometido um erro, por medo, que levou a outros mil, vou arder no inferno?

— Não. Ceri... — dei um passo em frente.

— A minha alma está negra — disse ela, o seu medo visível nas faces subitamente pálidas. — Nunca serei capaz de me ver livre de todas as manchas antes de morrer. Sofrerei por isso, mas não será por ser uma pessoa má, mas por ter sido uma pessoa assustada.

— É por isso que não quero fazer isto — supliquei.

Ela inspirou, como se só agora compreendesse que tinha estado a gritar. Fechando os olhos, pareceu recuperar a compostura. A raiva tinha sido reduzida a um lento ferver no fundo dos seus olhos verdes, quando os abriu. A sua normalmente dócil compostura fazia com que fosse difícil recordar que ela já fizera parte da realeza e estivera habituada a comandar.

Ivy deu um cauteloso gole no café, os olhos nunca se afastando de Ceri. Kisten fechou a água do chuveiro e o silêncio que se seguiu parecia sonoro.

— Lamento — disse Ceri, de cabeça baixa, um lençol de cabelo a esconder-lhe o rosto. — Não devia ter levantado a voz.

Pousei o caldeirão de cobre sobre a mesa.

— Não te preocupes com isso — disse eu. — Como bem disseste, não passo de um bruxa ignorante.

O seu sorriso era amarelo e revelava um ligeiro embaraço.

— Não, não és. Não podes saber o que nunca te disseram — Ceri deslizou as mãos pelas calças de ganga, acalmando-se. — Talvez esteja mais preocupada do que gostaria de admitir com o pagamento que tenho de fazer — concedeu. — Ver-te tão preocupada com uma ou duas maldições, quando a minha alma carrega vários milhões, fez-me... — corou delicadamente e eu perguntei-me se as suas orelhas não seriam ligeiramente pontiagudas. — Fui deveras injusta para contigo.

A voz de Ceri tinha adquirido uma cadência nobre. Atrás de mim, ouvi Ivy cruzar as pernas.

— Esquece isso — disse, sentindo-me gelada.

— Rachel — Ceri escondeu a tremura das mãos entrelaçando os dedos. — A mancha que estas duas maldições acarretam é tão pequena

quando comparada com os benefícios que delas podem advir: a viagem de Jenks em segurança para ajudar o filho, tu poderes usar uma maldição demoníaca para te transformares e manteres o título de alfa do David, que mereces. Seria um crime maior permitir que tais coisas ficassem por fazer ou deixá-las escapar do que aceitar, de boa vontade, o preço de as ter.

Ela tocou no caldeirão que continha o que restava da poção e eu fitei-a, sentindo-me enjoada. Não ia pedir a Jenks que bebesse o resto.

— Tudo o que tem valor ou força tem um preço — continuou ela. — Deixar que o Jax e o Nick continuem a sofrer porque sentiste medo faz com que pareças... desmesuradamente tímida.

Cobarde seria uma palavra melhor, pensei, olhando para Jenks e sentindo-me doente, sabendo que tinha dentro de mim uma maldição à espera de ser usada... e que tinha sido eu a fazê-la.

— Assumo a mancha da minha maldição — disse Jenks, abruptamente, o rosto determinado.

Da mesa, ergueu-se o minúsculo soluço de Matalina e eu vi o medo nas suas feições juvenis. Ela amava Jenks mais do que a própria vida.

— Não — disse eu. — Só tens alguns anos para te veres livre dela. Além disso, a ideia foi minha e o feitiço é meu. A maldição é minha. Eu fico com ela.

Jenks levantou voo, colocando-se mesmo à frente do meu rosto, as asas vermelhas e o rosto sério.

— Cala-te! — gritou e eu recuei, para o conseguir ver com nitidez. — É o meu filho! Eu fico com a maldição. Eu pago o preço.

Ouviu-se o som da porta da minha casa de banho a abrir e Kisten entrou na cozinha, a camisa solta e um sorriso de esguelha. Tinha o cabelo penteado para trás e a barba rala, húmida, refletia a luz do Sol. Estava com ótimo aspeto e sabia-o. Mas a sua confiança foi quebrada quando se apercebeu da infelicidade de Ivy, sentada ao computador; da óbvia aflição de Jenks e Matalina; do meu indubitável medo, realçado pelo facto de ter os braços apertados em redor do corpo; e da expressão exasperada de Ceri que, uma vez mais, se via na posição de tentar convencer os plebeus de que sabia o que era melhor para eles.

— O que é que perdi? — perguntou ele, aproximando-se da cafeteira e deitando o que restava do café para uma das minhas canecas de tamanho gigante.

Ivy empurrou a cadeira para longe da mesa, com uma expressão solene.

— São maldições demoníacas. Vão deixar uma marca na alma de Rachel. O Jenks está com dúvidas.

— Não estou nada! — gritou o pequeno *pixy*. — Mas mais depressa

beijo o traseiro de uma fada do que deixo que a Rachel pague o preço pela minha maldição.

Kisten prendeu lentamente a camisa nas calças e deu um gole no café. Os seus olhos percorriam toda a cozinha e ele inspirava profundamente, absorvendo os odores na sala e usando-os para avaliar a situação.

— Jenks — protestei, emitindo de seguida um som de derrota quando ele voou até ao que restava da poção e a bebeu, a garganta movendo-se ao ritmo dos seus goles. Matalina deixou-se cair sobre a mesa, as asas imóveis. Ela era um pequeno ponto luminoso, parecendo mais só do que alguma vez a vira, enquanto observava o marido a pôr a vida em perigo pela minha segurança e a do seu filho.

A cozinha estava em silêncio, com exceção do som dos pequenos *pixies* no jardim, quando Jenks deixou cair o minúsculo copo de *pixy* no caldeirão para feitiços com um clangor surdo.

— Suponho que esteja resolvido — disse eu, recompondo-me e inclinando-me de forma que pudesse olhar de relance para o relógio por cima do lava-loiça. Não gostava daquilo. De todo.

Com uma expressão que parecia indicar que estava a tentar, desesperadamente, não chorar, Matalina esfregou as asas uma na outra, emitindo assim um assobio penetrante. Passados três segundos toda a família de Jenks penetrou na cozinha a partir do corredor. Traziam consigo o cheiro forte das cinzas e percebi que tinha entrado pela chaminé.

— Lá fora! — gritou Jenks. — Disse que podiam ver a partir da porta!

Num furacão saído de um pesadelo da Disney, a sua prole instalou-se no cimo da moldura da porta. Os seus guinchos arranhavam o interior do meu crânio, enquanto se empurravam uns aos outros, lutando pelo melhor local. Ivy e Kisten encolheram-se visivelmente, e Jenks emitiu um novo assobio de aviso. Os pequenos instalaram-se, obedientemente, sussurrando quase fora do meu campo auditivo. Ivy praguejou baixinho, o rosto assumindo uma expressão soturna. Gracioso no seu corpo esguio, Kisten atravessou a cozinha para se colocar ao lado dela, despejando metade do café na caneca dela, numa tentativa de a pacificar. Ivy nunca estava no seu melhor pelo menos até ao pôr-do-sol.

— Muito bem, Jenks — disse eu, pensando que realizar voluntariamente uma maldição demoníaca era espantosamente estúpido e que jamais me veria livre daquilo se me matasse. O que diria a minha mãe? — Pronto?

Os *pixies* que enchiam a moldura da porta guincharam e Matalina esvoaçou até ele, o belo rosto pálido.

— Tem cuidado, querido — sussurrou ela e eu afastei o olhar quando eles trocaram um último abraço, erguendo-se os dois lentamente numa nuvem de centelhas douradas antes de se separarem.

Matalina foi pousar no parapeito, movendo as asas em gestos nervosos que emitiam raios de luz resplandecente. Aquilo estava a matá-la e eu senti-me culpada, ainda que aquela fosse, muito provavelmente, a melhor forma de garantir a segurança de Jenks.

Erguendo-se ao lado de Matalina, ao sol, Ceri acenou confiante. Kisten pousou uma mão no ombro de Ivy, num gesto de apoio. Inspirando, aproximei-me da mesa, instalando-me, nervosa, no local costumeiro e puxando para o meu colo o livro de feitiços demoníacos. Era pesado e o sangue zumbiu nas minhas pernas, quase como se estivesse a tentar tocar nas páginas. *Oh, aí está um belo pensamento.*

— O que é que vai acontecer? — perguntou Jenks, contorcendo-se ao aterrar no balcão da ilha, e eu virei-me de lado, na cadeira, para o conseguir ver.

Lambi os lábios e olhei para o texto. Estava escrito em latim, mas Ceri e eu tínhamo-lo estudado enquanto comíamos a piza antes de eu ter adormecido.

— A versão Magia Demoníaca para Totós, por favor — acrescentou ele e senti nascer-me no rosto um pequeno sorriso.

— Toco na linha e digo as palavras de invocação — disse. — Para te devolver a forma original, digo-as outra vez. Tal como no encantamento para me transformar em lobo.

— Só isso?

Jenks tinha os olhos muito abertos e Ceri fungou.

— Pediste a versão resumida — disse ela, retirando as coisas que se encontravam sobre o balcão da ilha e colocando-as no lava-loiça. — Tive de fazer uma quantidade horrenda de trabalho de preparação para o tornar assim tão fácil, mestre *pixy*.

As asas dele baixaram.

— Desculpa.

Ivy aproximou os braços do corpo e franziu o sobrolho; a sua agressividade era, sem dúvida, um escape para a preocupação.

— Podemos andar com isto? — perguntou, e eu voltei a inclinar a cabeça sobre o texto.

Exalando, estendi a minha consciência para lá das paredes de contraplacado da cozinha, para lá dos canteiros que já sentiam a leve presença dos *pixies*, até à pequena e pouco usada linha Ley que atravessava o cemitério. Tocando-lhe com um dedo do meu pensamento, reprimi um estremecimento perante o choque da ligação. Tempos houvera em que o fluxo da força a penetrar em mim era algo lento e sedativo. Já não era assim.

O fluxo de energia correu através de mim, chocando contra os limites do meu corpo numa sensação desconfortável. Instalou-se no meu *chi*,

com o calor e a satisfação do chocolate quente. Podia recolher mais energia e acumulá-la na minha cabeça para a usar mais tarde, mas não precisava dela, por isso permiti que a pesada e ressonante onda de energia encontrasse uma saída do meu corpo e regressasse à linha. Eu era uma rede através da qual a linha Ley corria, fluindo livremente com exceção do pouco que eu lhe retirava.

Tudo aconteceu no tempo de duas batidas de coração, ergui a cabeça e os meus olhos fecharam-se. O meu cabelo esvoaçava no vento que parecia soprar sempre na eternidade e eu passei uma mão pelos caracóis para os tentar domar. Agradei a Deus por ser de dia e eu não poder ver sequer uma sombra da eternidade se não me erguesse mesmo no centro de uma linha. O que não era o caso.

— Odeio quando ela usa as linhas — sussurrou Ivy a Kisten, no canto da cozinha. — Alguma vez viste coisa mais estranha?

— Devias ver a cara que ela faz quando...

— Cala-te, Kist! — exclamei, os meus olhos abrindo-se de súbito e vendo-o a sorrir para mim.

Erguendo-se com uma chávena de chá pendurada num dedo e o sol a jorrar em seu redor, Ceri tentava manter um ar sério, mas o sorrisinho que exibia estragava tudo.

— Vai doer? — perguntou Jenks, libertando pó de *pixy* dourado num fluxo constante.

Pensei na dor dilacerante que sentira quando me transformara em *vi-son* e estremeci.

— Fecha os olhos e conta a partir de dez — disse eu. — Lançarei o feitiço quando chegares ao zero.

Jenks inspirou fundo, as pestanas escuras batendo nas faces. O movimento das suas asas foi-se tornando mais lento enquanto ele se instalava no centro do balcão da ilha, desimpedido.

— Dez... nove... — começou ele, com voz firme.

Pousando o livro na mesa, levantei-me. Sentindo-me leve e surreal devido à linha que corria através de mim, estendi um braço e coloquei uma mão sobre ele. Os meus joelhos tremiam e esperei que ninguém estivesse a reparar. *Magia demoníaca. Deus me proteja*. Inspirei fundo mais uma vez.

— *Non sum qualis eram* — disse.

— Oito...

Ivy arquejou e eu cambaleei quando Jenks foi rodeado por um remoinho de eternidade dourada que jorrara da minha mão para o envolver.

— Jenks! — gritou Matalina, voando para os utensílios de cozinha.

A minha respiração foi arrancada de mim. Cambaleando, estendi uma mão para trás, procurando algo onde me apoiar. Arquejei quando uma tor-

rente de energia das linhas chocou contra mim e tentei afastar as mãos que me procuravam agarrar. A minha cabeça parecia estar a expandir e gritei quando a energia explodiu de mim e se lançou sobre Jenks com um estalo que tinha de ser audível.

Caí, descobrindo-me no chão da cozinha, os braços de Ivy sob os meus ombros, ajudando-me a deitar. Não conseguia respirar. Lutei para me lembrar de como se faziam trabalhar os pulmões, ouvi o chocalhar dos utensílios de cozinha, seguido por um gemido e um baque.

— Santa mãe da Sininho — disse uma nova voz, algo masculina. — Estou a morrer. Estou a morrer. Matalina! O meu coração não está a bater!

Inspirei uma vez, depois outra, erguendo-me nas mãos de Ivy. Senti calor, depois frio. E não conseguia ver com clareza. Olhando para lá do limite do balcão, descobri Kisten ao lado de Ceri, imóvel, como que incapaz de decidir o que fazer. Afastei de mim as mãos de Ivy e sentei-me, ao compreender o que me tinha derrubado. Não fora a força da linha que canalizara, mas a quantia descomunal de “intenção de pagar” que acabara de cair sobre a minha alma. Era eu quem a tinha, não Jenks, e ia ficar assim.

Com o coração a bater violentamente, levantei-me, ficando de queixo caído quando vi Jenks sentado no balcão da ilha.

— Oh... meu... Deus... — sussurrei.

Jenks virou-se para mim, os olhos muito abertos e assustados. Com o rosto angular sério, fitou o teto, o peito a subir e a descer enquanto ele hiperventilava. Ceri estava junto ao lava-loiça, resplandecente. A meu lado, Ivy olhava fixamente, em choque. Kisten não estava muito melhor. Matalina estava lavada em lágrimas e os pequenos *pixies* voavam de um lado para o outro. Alguém ficou preso no meu cabelo, trazendo-me de volta à realidade.

— Todos os que tenham menos de quinze anos... fora da cozinha! — gritei. — Alguém que me traga um saco de papel. Ivy, vai buscar uma toalha para o Jenks. Até parece que nunca viste um homem nu.

Ivy afastou-se.

— Não sentado no balcão da cozinha — murmurou, enquanto saía.

Os olhos de Jenks estavam muito abertos, em pânico, quando agarrei no saco que Kisten me entregava. Abanando-o para o abrir, expirei para o seu interior.

— Toma — disse eu. — Respira para dentro disto.

— Rache? — arquejou ele, o rosto pálido e o ombro frio quando lhe toquei. Ele encolheu-se, depois permitiu que lhe encostasse o saco ao rosto. — O meu coração — disse ele, as palavras abafadas pelo saco. — Há algo de errado! Rache, transforma-me outra vez! Estou a morrer!

Sorrindo, segurei o saco, enquanto ele se deixava ficar sentado no balcão, completamente nu e a hiperventilar.

— Ele bate lentamente — disse eu. — E não tens de respirar tão depressa. Ablanda — disse, tentando acalmá-lo. — Fecha os olhos. Inspira. Conta até três. Deixa sair o ar. Conta até quatro.

— O tanas — disse ele, dobrando-se sobre si mesmo e começando a tremer. — Da última vez que me disseste para fechar os olhos e contar a partir de dez, olha o que me aconteceu!

Ivy regressou, pousando a primeira toalha no colo dele e cobrindo-lhe os ombros com a segunda. Ele estava a acalmar-se, os olhos percorrendo a cozinha, saltando do teto para a abertura que dava acesso ao corredor. Ficou sem fôlego ao ver o jardim através da janela.

— Ai, caramba — sussurrou e eu afastei o saco. Podia não se parecer com Jenks, mas soava como ele.

— Melhor? — perguntei, recuando um passo.

Ele acenou e, enquanto ele ficava sentado no balcão e se concentrava na respiração, nós ficámos de boca aberta, fitando o *pixy* de um metro e noventa e três. Numa palavra, ele era... caramba!

Jenks dissera que tinha dezoito anos e era esse o seu aspeto. Uns dezoito anos deveras atléticos, de olhos grandes e inocentes, rosto jovem e suave e um tufo de cabelo louro e encaracolado, completamente desgrenhado e a precisar de um corte. As asas tinham desaparecido, deixando apenas os ombros largos e os músculos bem definidos que as tinham suportado. A sua cintura era estreita e os pés que se agitavam perto do chão eram compridos e estreitos. A sua forma era perfeita e eu ergui as sobrancelhas; já lhe vira os pés antes e um deles estava terrivelmente deformado.

Analisei em silêncio o resto do seu corpo, compreendendo que todas as cicatrizes tinham desaparecido, mesmo a que resultara do aço de uma fada. Os seus abdominais incrivelmente definidos eram suaves e perfeitos, tornando-o absolutamente magro, com a suavidade do final da adolescência. Todo o seu corpo era esguio e forte. Não tinha pitada de pelo em parte alguma do corpo, para lá das sobrancelhas e do cimo da cabeça. Eu sabia. Tinha olhado.

Os seus olhos cruzaram-se com os meus, fitando-me por baixo da franja desalinhada e eu pestanejei, chocada. Ceri tinha olhos verdes, mas os olhos de Jenks eram de um verde chocante, como o das folhas jovens. Estavam apertados pela ansiedade, mas mesmo o medo que se desvanecia não podia esconder a sua juventude. Claro que tinha esposa e cinquenta e quatro filhos, mas parecia um caloiro da faculdade. Um delicioso caloiro da faculdade a tirar uma licenciatura em «Oh meu Deus, tenho de provar isto».

Jenks esfregou a cabeça no local onde esta tinha batido na armação por cima da ilha.

— Matalina? — disse ele, a cadência na sua voz familiar, mas o som estranho. Oh, Matalina — murmurou, quando ela desceu para pousar na sua mão trémula —, és linda...

— Jenks — disse ela, por entre soluços. — Estou tão orgulhosa de ti. Eu...

— Chiu — disse ele, o rosto contorcendo-se de dor quando se descobriu incapaz de lhe tocar. — Por favor, não chores, Mattie. Vai correr tudo bem. Prometo.

Os meus olhos ficaram quentes com as lágrimas por derramar, enquanto ela brincava com as pregas do vestido.

— Desculpa. Prometi a mim mesma que não ia chorar. Não quero que me vejas a chorar!

Matalina ergueu-se no ar, saindo para o corredor. Jenks tentou segui-la, provavelmente esquecendo-se que já não tinha asas. Inclinou-se para a frente e caiu de cara no chão.

— Jenks! — gritei quando ele se abateu sobre o chão num baque surdo e começou a praguejar.

— Larga! Larga-me! — exclamou ele, batendo-me, enquanto puxava as pernas para debaixo do corpo, voltando a cair. A toalha caiu e ele lutava por a manter no lugar e por se pôr de pé, tudo ao mesmo tempo. — Para o inferno com isto tudo! Porque é que não me consigo equilibrar como deve ser? — o seu rosto empalideceu e ele parou de lutar. — Bolas, tenho de fazer xixi outra vez.

Olhei, suplicante, para Kisten. O vampiro vivo deslocou-se de imediato, evitando facilmente os braços agitados de Jenks e içando-o do chão pelos ombros. Jenks era mais alto que Kisten, mas este já trabalhara como segurança.

— Vamos, Jenks — disse ele, levando-o para o corredor. — Tenho ali umas roupas para vestires. Cair é muito mais confortável quando se tem algo entre o traseiro e o tapete.

— Matalina? — chamou Jenks, em pânico, a partir do corredor, protestando enquanto Kisten o obrigava a entrar na minha casa de banho. — Hei, eu consigo andar. Só me esqueci que não tinha asas. Larga-me. Consigo fazer isto.

Saltei perante o som de Kisten a fechar a porta da casa de banho.

— Belo traseiro, Jenks — disse Ivy no novo silêncio. Abanando a cabeça, pegou na segunda toalha, que Jenks deixara para trás, dobrando-a como se precisasse de arranjar alguma coisa para fazer.

Respirei, exalando longamente.

— Aquele — disse a Ceri — só pode ser o feitiço mais fantástico que alguma vez vi.

Ceri sorriu e compreendi que ela estivera preocupada, esperando a minha aprovação.

— Maldição — disse ela, os olhos fixos na caneca de chá, corando. — Obrigada — acrescentou, modestamente. — Escrevi tudo na parte de trás, bem como as maldições suplementares envolvidas para o caso de o queres usar outra vez. A contramaldição também está incluída, como é suposto. Tudo o que tens de fazer é tocar na linha e dizer as palavras.

Contramaldição, pensei, taciturna, perguntando-me se isso significaria acrescentar mais uma mancha à minha alma ou se já a tinha tomado toda.

— Hum, obrigada, Ceri. És incrível. Jamais serei capaz de realizar um encantamento assim tão complexo. Obrigada.

Ela erguia-se em frente da janela e bebia o seu chá, parecendo satisfeita.

— Devolveste-me a minha alma, Rachel Mariana Morgan. Tornar a tua vida mais fácil é coisa de pequena monta.

Ivy emitiu um som rude e largou sobre a mesa a toalha dobrada. Não parecia saber o que fazer a seguir. *A minha alma. A minha pobre alma, maculada e negra.*

Fiquei com a boca seca, perante a enormidade do que tinha feito. Merda. Estava a brincar com as artes negras. Não, não com as artes negras — pelas quais se podia ir para a cadeia —, mas com as artes demoníacas. Nem sequer havia leis que abarcassem as pessoas que praticassem artes demoníacas. Senti-me gelada, depois quente. Não só tinha colocado uma mancha enorme na minha alma, como o tinha considerado uma coisa boa, em vez de má.

Oh, Deus, ia-me sentir mal.

— Rachel?

Deixei-me cair na cadeira, sentindo-me trémula. Ceri tinha a mão no meu ombro, mas eu quase não a sentia. Ivy estava a gritar qualquer coisa e Ceri dizia-lhe que se sentasse e ficasse quieta, que era apenas o choque retardado do equilíbrio da realidade e que eu ia ficar bem.

Bem? Pensei, pousando a cabeça na mesa, antes de cair para o lado. *Talvez.*

— *Rhombus* — murmurei, sentindo a veloz ligação com a linha e o erguer do círculo protetor à minha volta.

Ceri saltou para a frente, juntando-se a mim, antes que este acabasse de se fechar. Tinha praticado aquele feitiço das linhas Ley durante três meses e era magia branca, raios, não negra.

— Rachel! — gritou Ivy, quando um lençol tremeluzente de eternidade se ergueu entre nós.

Ergui a cabeça, decidida a não vomitar. Queria ver o que tinha feito à minha alma e, embora não conseguisse ver a minha aura, conseguia ver um reflexo dos danos no tremeluzente lençol de eternidade.

— Deus me proteja — sussurrei, sentindo o meu rosto gelar.

— Rachel, está tudo bem — Ceri estava agachada à minha frente, as mãos segurando as minhas, tentando obrigar-me a olhar para ela. — Estás a ver uma sombra artificialmente aumentada. Ainda não teve tempo de se fundir. Não é assim tão mau.

— Fundir? — perguntei, a voz a falhar. — Não quero que se funda! — a minha aura tinha tornado negro o normalmente vermelho brilho da eternidade. Escondido nele estava um cintilar dourado da minha aura, com o aspeto de uma patina envelhecida. Engoli em seco. *Não ia vomitar. Não ia vomitar.*

— Vai melhorar. Prometo.

Cruzei o meu olhar com o dela, deixando que o pânico diminuísse. Ia ficar melhor. Era Ceri quem o dizia; tinha de acreditar nela.

— Rachel! — gritou Ivy, erguendo-se impotente do outro lado do círculo. — Baixa isto!

Doía-me a cabeça e não conseguia respirar ar suficiente.

— Desculpa — murmurei, quebrando a ligação com a linha. O lençol de eternidade tremeluziu e desapareceu e eu senti uma onda varrer-me quando o meu *chi* se esvaziou. Naquele momento, não queria ter mais nada dentro de mim. Estava demasiado cheia de escuridão.

Parecendo envergonhada, Ivy forçou a tensão a abandonar os seus ombros. Pestanejou várias vezes, tentando recuperar a sua normalmente plácida compostura, embora soubesse que o que ela queria era dar-me um estalo e dizer-me que eu estava a ser estúpida ou dar-me um abraço e dizer-me que ia ficar tudo bem. Mas não conseguia fazer nenhum dos dois, pelo que se deixou ficar ali, parecendo infelicíssima.

— Tenho de ir — disse abruptamente, levantando-me.

Ceri ergueu-se, graciosamente, e saiu do meu caminho, mas Ivy tentou agarrar-me.

— Rachel, espera — protestou e eu hesitei, sentindo a visão a oscilar quando ela me agarrou no cotovelo.

Não podia ficar ali. Sentia-me como uma leprosa numa casa de inocentes, uma pária entre nobres. Estava coberta de escuridão e desta vez era toda minha.

— Jenks! — gritei, libertando-me das mãos de Ivy e dirigindo-me para o meu quarto. — Vamos embora!

— Rachel, o que é que estás a fazer?

Fui para o meu quarto, calcei os sapatos, agarrei na mala e passei por ela, dirigindo-me para o corredor.

— Precisamente o que tinha planeado — disse, ignorando os seus passos demasiado próximos atrás de mim.

— Não comeste nada — disse ela. — Ainda estás atordoada por teres invocado aquele... feitiço. Sentares-te a beber uma caneca de café não te vai matar.

Ouviu-se um estrondo vindo da minha casa de banho, seguido por uma exclamação abafada de Kisten. A porta abriu-se de repente e eu parei. Kisten estava encostado à máquina de lavar, o rosto contorcido pela dor enquanto tentava recuperar o fôlego. Jenks apoiava-se à moldura da porta, parecendo calmo no fato de treino cinzento e preto de Kisten, mas os olhos verdes revelavam o nervosismo.

— Desculpa — disse, parecendo sincero. — Eu, hum, escorreguei — percorreu com os olhos o meu aspeto desalinhado. — Pronta para ir?

Podia sentir Ivy atrás de mim.

— Toma — disse eu, entregando-lhe a minha mala de viagem. — Torna-te útil e leva isto para a carrinha.

Ele pestanejou, depois sorriu, revelando os dentes alinhados e muito brancos.

— Sim. Posso fazer isso.

Entreguei-lha e Jenks cambaleou perante o peso. A cabeça bateu na parede do corredor estreito.

— Caramba! — exclamou ele, chocando contra a parede oposta quando compensou em demasiado o desequilíbrio. — Eu estou bem! — disse rapidamente, recusando qualquer ajuda. — Estou bem. Santa mãe da Siniinho, as malditas paredes estão tão próximas! É como andar numa porcaria de um formigueiro.

Observei-o, para ter a certeza de que ia ficar bem, estendendo um braço quando ele começou a cambalear, uma vez perdido o apoio das paredes, quando se viu no espaço aberto do santuário. Os filhos estavam com ele, aumentando o ruído, enquanto gritavam palavras de encorajamento e conselho. Esperando que ele se desse ao trabalho de descer os degraus em vez de tentar saltar por cima deles, dirigi-me para a cozinha. Ivy seguia-me de perto, Kisten longo atrás, silencioso e pensativo.

— Rachel? — disse Ivy e eu estaquei na cozinha, fitando Ceri, enquanto me tentava lembrar porque é que tinha ido para ali. — Vou contigo.

— Não, não vais — *oh, sim. As minhas coisas.* Agarrei na minha mala de trazer ao ombro, com os seus usuais amuletos, depois abri a dispensa em

busca de um daqueles sacos de lona que Ivy usava quando ia às compras. — Se partires, o Piscary vai-se enfiar na tua cabeça.

— Então, o Kisten — disse ela, o desespero marcando-lhe a voz de seda cinzenta. — Não podes ir sozinha.

— Não vou sozinha. O Jenks vai comigo.

Enfiei na mala os três livros demoníacos, depois baixei-me para tirar a arma de bolas explosivas da prateleira onde a guardava, à altura dos joelhos. Não sabia o que ia precisar, mas se ia usar magia demoníaca, ia usar magia demoníaca. Senti o peito apertado e sustive a respiração para impedir as lágrimas de correr. *O que raio havia de errado comigo?*

— O Jenks quase não se aguenta de pé! — disse Ivy, enquanto eu passava a mão pelo armário dos amuletos e deitava tudo para dentro da mala.

Amuletos contra as dores, feitiços de disfarce genéricos... Sim, esses podiam fazer jeito. Estaquei, o coração a bater veloz, quando a vi tão nervosa.

— Não te estás a sentir bem — disse Ivy. — Não vou deixar que saias daqui sozinha.

— Estou ótima! — disse, tremendo. — Não vou sozinha. O Jenks vai comigo! — ergui a voz e Kisten ficou de olhos esbugalhados. — O Jenks é todo o apoio de que preciso. É todo o apoio de que *alguma vez* precisei. As únicas vezes em que faço asneira da grossa é quando ele não está comigo. E não tens o direito de questionar a sua competência!

Ivy fechou a boca de repente.

— Não era isso que eu queria dizer — acrescentou e afastei-a do caminho, saindo para o corredor. Quase deitei Jenks ao chão e compreendi que ele tinha ouvido tudo.

— Posso levar isso — disse ele, baixinho, e eu entreguei-lhe o saco com os textos demoníacos. O seu equilíbrio vacilou, mas ele não bateu com a cabeça na parede, como da última vez, e seguiu pelo corredor coxeando.

Com a respiração veloz, entrei no quarto de Ivy, ajoelhando-me no chão junto à cama dela e retirando a espada do local onde a vira escondê-la, certa vez.

— Rachel — protestou ela do corredor enquanto eu me endireitava, agarrando a terrivelmente afiada catana que se encontrava na segurança da sua bainha.

— Posso levar isto? — perguntei secamente e ela acenou. — Obrigada.

Jenks ia precisar de uma espada. Não conseguia andar sem chocar contra as coisas, e depois? Ia ficar melhor e, nessa altura, precisaria de uma espada.

Kisten e Ivy seguiam-me enquanto eu atirava a espada por cima do ombro, onde ficou pendurada, juntamente com a minha mala e avancei a passos largos pelo corredor. Tinha de estar zangada. Se não estivesse zan-

gada, cairia para o lado. A minha alma estava negra. Eu estava a usar magia demoníaca. Estava a transformar-me em tudo aquilo que temia e odiava e estava a fazê-lo para proteger alguém que me tinha mentido e deixado, para além de ter transformado o filho do meu parceiro de negócios num ladrão.

Inclinando-me para a casa de banho, ao passar, fechei o *nécessaire*. Jenks ia precisar de uma escova de dentes. Raios, ia precisar de um guarda-roupa, mas tinha de sair dali, se não me continuasse a mexer ia perceber quão profundamente me tinha afundado na merda.

— Rachel, espera — disse Ivy, depois de eu ter chegado ao *foyer*, arrancado o meu casaco de cabedal do gancho e aberto a porta. — Rachel, *para!*

Parei no primeiro degrau, a brisa primaveril agitando-me o cabelo e os pássaros a chilrear, a minha mala e a espada de Ivy pendiam-me do ombro, uma das mãos segurava o *nécessaire* e o casaco estava dobrado sobre o braço. No passeio, Jenks mexia na porta deslizante da carrinha, abrindo-a e fechando-a como se fosse um brinquedo novo. O seu cabelo brilhava ao sol e os filhos esvoaçavam em redor da sua cabeça. Com o coração a bater veloz, virei-me.

Enquadrada pela porta, Ivy parecia assombrada; o seu rosto, normalmente plácido, assumira uma expressão séria e o pânico dilatava-lhe os olhos.

— Comprei-te um portátil — disse ela, baixando os olhos quando me viu.

Oh, Deus, ela estava a dar-me um pouco da sua segurança.

— Obrigada — sussurrei, incapaz de respirar quando o aceitei. Estava envolto numa pasta de cabedal e, provavelmente, pesava um quilo e meio.

— Está registado em teu nome — disse ela, fitando-me enquanto pendurava a alça no ombro livre. — E já te adicionei ao meu sistema, por isso basta ligá-lo e clicar. Aponte uma série de números locais, das cidades por onde vais passar, que podes usar para te ligares.

— Obrigada — sussurrei. *Ela dera-me um pouco daquilo que tornava a sua vida sã.* — Ivy, vou voltar.

Fora o que Nick me dissera. Mas eu ia voltar. No meu caso não era uma mentira.

Num impulso, pousei o *nécessaire* no degrau e inclinei-me para a frente para lhe dar um abraço. Ivy ficou imóvel e rígida, depois respondeu ao meu abraço. O seu cheiro sombrio encheu os meus sentidos e eu afastei-me.

Kisten esperava silenciosamente atrás dela. Só agora, vendo Ivy à minha frente, um braço pendurado e o outro em redor da cintura, compreendi o que ele me tentara dizer. Ela não tinha medo por mim, tinha medo por si mesma, temia a possibilidade de cair nas velhas rotinas se eu não estivesse ali para lhe recordar o que ela desejava ser. *Quão mau tinha sido?*

A raiva cintilou através de mim. Maldição, isto não é justo. Sim, eu era amiga dela, mas ela podia tomar conta de si mesma!

— Ivy — disse eu —, não quero ir, mas tenho de ir.

— Então vai! — explodiu, o rosto perfeito enrugando-se de raiva e os olhos brilhando negros. — Nunca te pedi que ficasses!

Com movimentos rígidos, girou sobre si mesma com a velocidade de um vampiro e abriu a porta da igreja. Esta fechou-se atrás dela com um estrondo, deixando-me a pestanejar. Fitei a porta, pensando que aquilo não era bom sinal. Não, ela não me tinha pedido, mas Kisten tinha.

Kisten pegou no meu *nécessaire* e, juntos, descemos as escadas, os meus atacadores a dar a dar. Quando nos aproximámos da carrinha, mergulhei atabalhoadamente a mão na mala que trazia ao ombro, em busca das chaves, depois hesitei, já ao lado da porta do condutor, lembrando-me que Kisten ainda não mas tinha dado. As chaves tilintaram quando ele mas estendeu. Do interior da carrinha, erguiam-se os gritos excitados dos *pixies*.

— Mantém-la debaixo de olho? — perguntei.

— Pela honra de um escuteiro — os seus olhos azuis estavam semicerrados devido a algo mais do que o sol. — Vou tirar algum tempo de folga.

Jenks contornou a carrinha pela frente, agarrando silenciosamente no meu casaco, no *nécessaire* e na espada, esta última fazendo nascer nele um rosnido de excitação. Esperei até ouvir o deslizar da porta, depois relaxei ao ouvir a som da porta do lado do passageiro a fechar.

— Kisten — disse, sentindo uma pontada de culpa. — Ela é uma mulher crescida. Porque é que a estás a tratar como se fosse uma inválida?

Kisten estendeu os braços e segurou-me os ombros.

— Porque é. Porque o Piscary pode entrar na sua mente e obrigá-la a fazer quase qualquer coisa; e algo nela morre de cada vez que ele o faz. Porque ele a encheu com a sua própria sede de sangue, levando-a a fazer coisas que ela não quer fazer. Porque ela está a tentar gerir os negócios ilegais dele devido a um sentido de dever e a manter a sua parte da vossa agência devido a um sentido de amor.

— Sim. Foi isso que eu pensei — apertei os lábios e endireitei-me. — Nunca disse que ia ficar nesta igreja, muito menos em Cincinnati. Mantê-la inteira não faz parte do meu trabalho!

— Tens razão — disse ele, calmamente —, mas aconteceu.

— Só que não devia ter acontecido. Raios, Kisten, tudo o que queria fazer era ajudá-la!

— E ajudaste — disse ele, beijando-me a testa. — Ela vai ficar bem. Mas a Ivy não teria feito de ti a sua pedra-íman se não a tivesses deixado e tu sabe-lo.

Os meus ombros encurvaram-se. Maravilha, era mesmo daquilo que eu estava a precisar: um sentimento de culpa. A brisa agitou a franja dele e eu hesitei, fitando a porta de carvalho entre mim e Ivy.

— Quão mau foi? — sussurrei.

O rosto de Kisten perdeu toda a emoção.

— O Piscary... — ele exalou. — O Piscary manipulou-a de tal forma nos primeiros anos que os pais a mandaram para longe, para terminar os últimos dois anos do liceu, na esperança de que ele perdesse o interesse. Mas ela regressou ainda mais confusa, graças à Skimmer — os seus olhos semicerraram-se numa raiva antiga, ainda forte. — Aquela mulher podia ter salvado Ivy com o seu amor, mas era de tal forma impelida pelo desejo de sangue melhor, sexo mais escaldante, que afundou ainda mais a Ivy.

Senti-me gelada, a brisa agitava os meus caracóis. Já sabia aquilo, mas era óbvio que havia mais.

Vendo a minha inquietude, Kisten franziu o sobrolho.

— Quando ela regressou, o Piscary aproveitou-se das suas novas vulnerabilidades, aumentando a sua infelicidade ao recompensá-la por comportamentos contrários àquilo em que ela queria acreditar. A Ivy acabou por abandonar tudo para não enlouquecer, desligando-se e permitindo a Piscary fazer dela o que desejasse. Começou a magoar as pessoas que amava quando estas se encontravam mais vulneráveis e, quando elas a abandonaram, começou a aliciar inocentes.

Baixando os olhos, Kisten fitou os pés descalços. Eu sabia que ele era uma das pessoas que ela tinha magoado e podia ver que ele se sentia culpado por a ter abandonado.

— Não podias fazer nada — disse eu e ele ergueu a cabeça, os olhos repletos de raiva.

— Foi mau, Rachel — disse ele. — Eu devia ter feito qualquer coisa. Em vez disso, virei-lhe as costas e parti. Ela não mo diz, mas acho que matou pessoas para satisfazer a sua sede de sangue. Deus, espero que tenha sido por acidente.

Engoli em seco, mas ele ainda não tinha acabado.

— Durante anos, ela correu desenfreada — continuou, fitando a carrinha, mas com olhos desfocados, como se espreitasse para o passado. — Ela era uma vampira viva que funcionava como um morto-vivo, andando sob o sol, tão bela e sedutora como a morte. Foi Piscary que a fez assim e os seus crimes foram amnistiados. *Era a filha preferida.*

As últimas palavras foram pronunciadas com amargura e o olhar dele desceu sobre mim.

— Não sei o que aconteceu, mas, um dia, descobri-a no chão da minha cozinha, coberta de sangue e a chorar. Há anos que não a via, mas

acolhi-a. O Piscary deu-lhe alguma paz e, passado algum tempo, ela ficou melhor. Acho que o fez para que ela não se matasse demasiado cedo para o seu gosto. Tudo o que sei é que ela encontrou uma forma de lidar com a sede de sangue, canalizando-a de forma a misturá-la com amor. E, depois, conheceu-te e encontrou a força para dizer não a tudo.

Kisten olhou para mim, tocando-me com a mão no cabelo.

— Ela gosta de si mesma, agora. Tens razão ao pensar que ela não vai deitar tudo fora só porque não estás aqui. Só que... — ele semicerrou os olhos e o seu olhar tornou-se, uma vez mais, distante. — Foi mau, Rachel. Ficou melhor. E depois ela conheceu-te, descobriu um centro de força que Piscary não tinha sido capaz de deturpar. Só não quero vê-lo partir-se.

Eu estava a tremer por dentro e, de alguma forma, as minhas mãos descobriram as dele.

— Vou voltar.

Ele acenou, fitando os nossos dedos entrelaçados.

— Eu sei.

Senti a necessidade de me mover. Não queria saber se agora tinha origem naquilo que tinha ouvido. Baixei os olhos para as chaves.

— Obrigada por me deixares usar a carrinha.

— Não é nada de especial — disse ele, forçando um sorriso, mas os seus olhos estavam preocupados, terrivelmente preocupados. — Basta que a devolvas com o depósito cheio.

Kisten aproximou-se de mim e eu encostei-me a ele, inalando o seu cheiro uma última vez. Inclinei a cabeça e os nossos lábios tocaram-se, mas foi um beijo vazio: a minha preocupação tinha afastado qualquer paixão. *Estou a fazer isto pelo Jenks, não pelo Nick. Não devo nada ao Nick.*

— Pus algo na mala, para ti — disse Kisten e eu afastei-me.

— O que é? — perguntei, mas ele não me respondeu, dirigindo-me um sorriso antes de recuar, relutantemente. A mão dele deslizou pelo meu braço e caiu.

— Adeus, Kist — sussurrei. — É só por uns dias.

Ele acenou.

— Adeus, querida. Tem cuidado contigo.

— Tu também.

Com os pés descalços silenciosos, Kisten virou-se e regressou à igreja. A porta fechou-se com um gemido e ele desapareceu.

Sentindo-me atordoada, voltei-me e abri a porta do meu lado. Os filhos de Jenks esvoaçaram pela janela aberta e eu entrei, batendo a porta. Enfiei o portátil debaixo do banco, juntamente com a minha mala, e meti a chave na ignição. O grande motor arrancou e instalou-se num ronco lento e regular. Só então olhei para Jenks, surpreendida, uma vez mais, por o ver

ali, sentado ao meu lado, envergando o fato de treino de Kisten, com o seu cabelo espantosamente louro. *Isto era mesmo estranho.*

Tinha o cinto posto e baixou as mãos do espelho em que tinha estado a mexer.

— Pareces pequena — acabou por dizer, parecendo simultaneamente inocente e sábio.

Um sorriso repuxou os cantos dos meus lábios. Metendo a primeira, acelerei rua abaixo.

Oito

— PELO AMOR DA SININHO — MURMUROU JENKS, METENDO NA BOCA MAIS um *cheeto*. Mastigou meticulosamente e engoliu, acrescentando — O cabelo dela parece um dente-de-leão. Seria de esperar que alguém lhe tivesse dito qualquer coisa. Tem o suficiente para fazer uma colcha.

O meu olhar estava fixo no carro à nossa frente, que seguia a uns irritantes noventa quilómetros por hora, na estrada com dois sentidos onde não era permitido fazer ultrapassagens. A mulher em questão tinha cabelo branco, ainda mais frisado do que o meu. Ele tinha razão.

— Jenks — disse eu —, estás a encher de migalhas a carrinha do Kisten.

O som do celofane era ténue sobre a música: uma música deveras alegre que não combinava de todo com o meu estado de espírito.

— Desculpa — disse ele, enrolando a embalagem e atirando-a para a parte de trás.

Lambendo o laranja dos dedos, começou a percorrer os CD de Kisten. *Outra vez*. Depois entreter-se-ia com o porta-luvas; passaria cinco minutos a colocar a janela e-xa-ta-mente na altura certa; lutaria com o cinto de segurança ou faria qualquer uma das meia dúzia de coisas que não parara de fazer desde que entrara na carrinha, tecendo incessantes comentários que acho que não sabia que eu era capaz de ouvir. Tinha sido um longo dia.

Suspirei, agarrando o volante com mais força. Tínhamos deixado a interestadual há uns duzentos e cinquenta quilómetros, optando por uma estrada com uma faixa para cada sentido em vez da interestadual até Mackinaw. A floresta de pinheiros fazia pressão de ambos os lados, transformando a luz do Sol num relampejo ocasional. Começava a aproximar-se do horizonte e o vento que entrava pela minha janela era gelado, transportando consigo o cheiro da terra e das coisas a crescer. Acalmava-me de uma forma que a música não conseguia.

Vi o sinal de Floresta Nacional e travei suavemente. Tinha de sair de

trás daquela mulher. E, se voltasse a ouvir aquela música mais uma vez, ia enfiar o *T-bird* do papá pela goela de Jenks abaixo. Já para não falar no facto de o «cavalheiro com a bexiga do tamanho de uma noz» precisar, muito provavelmente, de ir outra vez à casa de banho, razão pela qual estávamos a utilizar as estradas nacionais em vez das vias rápidas. Jenks ficava histérico quando não podia fazer xixi assim que lhe vinha a vontade.

O *pixy* ergueu os olhos do porta-luvas, enquanto eu abrandava para atravessar a ponte de madeira sobre a valeta de escoamento. Já o tinha revirado três vezes, mas quem sabe? Talvez alguma coisa tivesse mudado desde a última vez que tinha arrumado os guardanapos velhos, o registo, o seguro e o lápis partido. Tive de recordar a mim mesma que Jenks era um *pixy*, não um ser humano, apesar da sua aparência e que, como tal, tinha a curiosidade de um *pixy*.

— Uma paragem? — perguntou ele, os olhos verdes muito abertos, numa expressão inocente. — Para quê?

Não olhei para ele, estacionando o carro entre duas linhas brancas esbatidas e puxando o travão de mão. À nossa frente, estendia-se o lago Huron, mas estava demasiado cansada para apreciar a vista.

— Para descansar.

A música parou, juntamente com o ruído do motor. Levando a mão debaixo do banco, senti os nós dos dedos a tocar no meu portátil novo, enquanto chegava o banco para trás. Fechando os olhos, inspirei fundo e recostei-me, as mãos ainda pousadas no volante. *Por favor, sai e vai dar uma volta, Jenks.*

Jenks estava em silêncio. Ouvi o restolhar do celofane, enquanto ele recolhia o lixo. Aquele homem não parava de comer. Estava decidida a apresentá-lo ao grande hambúrguer naquela noite. Talvez 350 gramas de carne o acalmassem.

— Queres que conduza? — perguntou, e eu abri uma pálpebra, fitando-o pelo canto do olho.

Oh, aí estava uma boa ideia. Se estivéssemos parados! Seria eu a receber as multas, não ele.

— Não — disse, deixando cair as mãos do volante e pousando-as no colo. — Estamos quase lá, só preciso de me mexer um bocado.

Com uma sapiência muito maior do que a sua idade aparente, Jenks percorreu-me com o olhar. Os seus ombros encurvaram-se e eu perguntei-me se ele se teria apercebido que me estava a irritar. Talvez houvesse um motivo para os *pixies* terem apenas dez centímetros.

— Eu também — disse, docemente, ao mesmo tempo que abria a porta, deixando entrar uma rajada de vento arrefecida pelo pôr-do-sol, a cheirar a pinheiro e água. — Tens trocos para a máquina?

Aliviada, puxei a mala para o colo e entreguei-lhe uma nota de cinco dólares. Ter-lhe-ia dado mais, mas ele não tinha onde o guardar. Precisava de uma carteira. E de um par de calças onde a guardar. Tinha corrido com ele da igreja com tamanha pressa que tudo o que tinha consigo era o telemóvel, orgulhosamente preso a uma pulseira elástica, que se mantivera deprimidamente silencioso desde a nossa partida. Tinha a esperança de que Jax voltasse a ligar, mas até ali não tínhamos tido tal sorte.

— Obrigado — disse ele, saindo do carro e tropeçando nos chinelos de meter no dedo que lhe comprara na primeira bomba onde tínhamos parado.

A carrinha abanou com o fechar da porta e ele dirigiu-se para um caixote do lixo enferrujado, que estava preso a uma árvore por uma corrente a cerca de quinze metros do parque de estacionamento. O seu equilíbrio melhorara consideravelmente, não mostrando uma atrapalhação maior do que a da maior parte das pessoas quando andam com pedaços de plástico laranja presos aos pés.

O *pixy* deitou fora o lixo e avançou para uma árvore, uma determinação alarmante nos seus passos. Inspirei fundo para chamar por ele, mas ele estacou. Abatendo-se sobre si mesmo, percorreu o parque com o olhar, optando por se dirigir para uma casa de banho de contraplacado. Tais eram as dificuldades com que se deparava um *pixy* com um metro e noventa e três no seu dia-a-dia.

Suspirei, vendo-o abrandar junto a um canteiro de lírios desgrenhados para conversar com os *pixies*. Estes zumbiam à sua volta num remoinho de centelhas douradas e prateadas, vindos de todo o parque como pirilampos determinados. Passados alguns instantes, uma nuvem de pó cintilante pairava à sua volta no ar que escurecia.

Virei o rosto, perante o som de um carro que estacionava, alguns lugares mais à frente. Do seu interior, saíram três rapazes, quais degraus de uma escada, discutindo quem tinha trocado as baterias de quem nos jogos que seguravam nas mãos. A mãe nada dizia, abrindo o porta-bagagens com um ar cansado e resolvendo os problemas com um pacote de doze pilhas AA. O pai ofereceu dinheiro e os três correram para as máquinas de venda automática aninhadas sob um abrigo rústico, empurrando-se uns aos outros para ver quem chegava primeiro. Jenks agarrou o mais pequeno, antes que este caísse sobre as flores. Tinha a sensação de que Jenks estava mais preocupado com as plantas do que com o rapaz. Sorri quando o casal se encostou ao carro, observando-os, e exalou sonoramente. Conhecia bem a sensação.

O meu sorriso dissipou-se lentamente, engolido pela melancolia. Sempre pensara ter filhos, mas, com cem anos de fertilidade pela frente,

não tinha pressa. Os meus pensamentos deslizaram para Kisten e afastei os olhos das máquinas de venda automática.

As bruxas casavam muitas vezes fora da sua espécie, em especial antes da Viragem. Havia opções perfeitamente aceitáveis: adoção, inseminação artificial, pedir emprestado o namorado da melhor amiga por uma noite. Questões de moralidade, sobre o que era certo ou errado, tendiam a não interessar quando uma pessoa se descobria apaixonada por alguém a quem não se podia dizer que não se era humano. Tinha que ver com o facto de nos escondermos entre os humanos durante os últimos cinco mil anos. Agora já não nos estávamos a esconder, mas porque é que nos haveríamos de limitar só porque a questão da segurança já não se punha? Era demasiado cedo para pensar em filhos, mas com Kisten qualquer criança teria de ser engendrada por outra pessoa.

Frustrada, saí da carrinha, o corpo dorido devido ao primeiro dia sem amuleto contra a dor, desde que fora atacada. O casal afastou-se, conversando entre si. *Com Nick também não podia ter filhos*, recordei a mim mesma, *portanto não é nada de novo*.

Esticando-me para tocar nos dedos dos pés, apesar das dores, estaquei ao compreender que pusera a questão no presente. Maldição. Não se tratava de uma escolha entre os dois. *Oh, Deus*, pensei. *Diz-me que só estava a fazer isto para ajudar o Jenks. Que não restava nada que pudesse ser reacendido*. Mas a dúvida esgueirou-se para o espaço que me separava do meu raciocínio lógico, onde se instalou, deixando-me a sentir como uma idiota.

Furiosa comigo mesma, fiz mais alguns alongamentos e, depois, perguntando-me se a minha aura já teria absorvido a escuridão, toquei numa linha e ergui um círculo. Os meus lábios curvaram-se numa expressão de repulsa. O tremeluzente lençol de eternidade ergueu-se negro e feio, a luz avermelhada do pôr-do-sol que chegava até mim por entre as árvores acrescentando uma sombra tenebrosa ao brilho negro. A tonalidade dourada da minha aura estava completamente perdida. Enojada, soltei a linha e o círculo desapareceu, deixando-me deprimida. Pior ainda, o casal perfeito chamou os filhos e, com uma inusitada pressa nas suas palavras sonoras, enfiaram toda a gente no carro e partiram com os pneus a guinchar no alcatrão.

— Sim — murmurei, enquanto fitava as luzes dos travões, que se iluminaram, vermelhas, quando se juntaram ao trânsito. — Fugam da bruxa negra.

Sentindo-me como uma leprosa, encostei-me à carrinha quente e cruzei os braços sobre o peito, recordando porque é que os meus pais me levavam sempre para cidades grandes ou locais como a Disney World quando íamos de férias. As cidades pequenas não tinham uma população Inderlan-

der de grande dimensão e os poucos que aí residiam tendiam a esconder as diferenças. A esconder *muito* as diferenças.

O *chlap-chlap* dos chinelos de Jenks foi-se tornando mais sonoro, à medida que este se ia aproximando, ao longo do passeio estalado, os *pixies* que rodopiavam à sua volta deixando-se ficar para trás, um a um, até ele ter ficado sozinho. Atrás dele, erguiam-se os contornos de duas ilhas, ambas tão grandes que pareciam a margem oposta. Bem para a esquerda, erguia-se a ponte que me tinha dado a entender que seria ali que Jax se encontrava. A ponte começava a brilhar na luz ténue do cair da noite. Era enorme, mesmo àquela distância.

— Eles não viram o Jax — disse Jenks, entregando-me um chocolate.
— Mas prometeram acolhê-lo se o virem.

Fiquei de olhos arregalados.

— A sério?

Os *pixies* era muito territoriais, mesmo entre eles, pelo que a oferta era algo surpreendente.

Jenks acenou, o meio sorriso que brilhava sob os cabelos desgrenhados roubava-lhe qualquer maldade.

— Acho que os impressionei.

— Jenks, o rei dos *pixies* — disse eu e ele riu. O som maravilhoso ressoou através de mim, aligeirando-me o humor. Lentamente, o som desvaneceu-se, deixando para trás um silêncio infeliz. — Vamos encontrá-lo, Jenks — disse eu, tocando-lhe no ombro. Ele saltou, depois dirigiu-me um sorriso nervoso. Deixei cair a mão e lembrei-me da raiva que ele sentira por eu lhe ter mentido. Não era de admirar que não quisesse que eu lhe tocasse. — Tenho a certeza de que estão em Mackinaw — acrescentei, sentindo-me infelicíssima.

De costas viradas para a água e rosto vazio de emoção, Jenks fitava o tráfego esporádico.

— Onde mais poderiam estar? — abri o invólucro e dei uma dentada no chocolate com caramelo, mais para ter algo que fazer do que por fome. A carrinha estava a irradiar calor e sabia bem inclinar-me contra o lado do motor. — O Jax disse a Matalina que estavam no Michigan — disse eu, enquanto mastigava. — Uma grande ponte verde segurada por cabos. Muita água fresca. *Fudge*. Minigolfe. Vamos encontrá-lo.

Uma dor, forte e funda, atravessou o rosto de Jenks.

— O Jax foi o primeiro filho que eu e Matalina conseguimos manter vivo durante o inverno — sussurrou, e o açúcar e as nozes que ainda tinha na boca perderam toda a doçura. — Ele era tão pequeno! Segurei-o nas minhas mãos para o manter quente, durante quatro meses, enquanto dormia. Tenho de o encontrar, Rachel.

Oh, Deus, pensei, enquanto engolia, perguntando-me se alguma vez seria capaz de amar alguém assim tão profundamente.

— Vamos encontrá-lo — disse. Sentindo-me absolutamente incapaz, estendi um braço para lhe tocar, recuando no último momento. Ele apercebeu-se e o silêncio tornou-se desconfortável.

— Estás pronto para ir? — perguntei, dobrando o papel sobre o que restava do chocolate e levando a mão ao puxador da porta. — Estamos quase lá. Vamos arranjar um quarto, procurar qualquer coisa para comer e depois vou levar-te às compras.

— Às compras? — As suas finas sobrancelhas ergueram-se e ele dirigiu-se para a frente da carrinha.

As nossas portas fecharam-se ao mesmo tempo e eu pus o cinto, sentindo-me revigorada e com uma determinação reforçada.

— Não achas que vou deixar um doce com um metro e noventa e três andar por aí com um horrendo par de calças de fato de treino, pois não?

Jenks afastou o cabelo dos olhos, o seu rosto angular revelando uma quantidade surpreendente de divertimento matreiro.

— Umhas peças de roupa interior, seria simpático.

Fungando, liguei a carrinha e engatei a marcha-atrás, desligando o leitor de CD antes que pudesse recomeçar a tocar.

— Desculpa lá isso, mas tinha de sair dali.

— Eu também — disse ele, para minha surpresa. — E não ia usar a do Kisten. O tipo é simpático e tudo isso, mas fede — ele hesitou, remexendo no colarinho. — Hei, hum, obrigado pelo que disseste lá atrás.

Franzi o sobrolho. Olhando para os dois lados, entrei na estrada.

— Quando parámos?

Com um ar inocente, ele moveu os ombros, envergonhado.

— Não, na cozinha, sob o facto de eu ser o único apoio de que alguma vez precisaste.

— Oh! — sentindo-me corar, fixei os olhos no carro à nossa frente, um *Corvette* preto, com a pintura queimada do sol, que me fazia lembrar o outro carro de Kisten. — Estava a falar a sério, Jenks. Senti a tua falta durante os últimos cinco meses. Se não voltares para nós, juro que te deixo assim.

A expressão de pânico no rosto de Jenks suavizou-se quando percebeu que eu estava a brincar.

— Pelo amor da Sininho, não te atrevas — murmurou. — Nem sequer posso pixar quem quer que seja. Agora suo em vez de largar pó, sabias? Tenho água a sair de mim, em vez de pó. O que raio hei de fazer com suor? Esfregá-lo nas pessoas, fazendo-as vomitar de nojo? Já te vi suar e não é bonito. E nem sequer quero pensar em sexo, dois corpos suados, apertados

um contra o outro daquela forma? Nojento. Isso é que é controlo de natalidade, não é de admirar que vocês só tenham uma mão-cheia de filhos.

Jenks estremeceu e eu sorri. *Era o mesmo Jenks de sempre.*

Não consegui esconder a tensão que se apoderou de mim quando ele começou a percorrer os CD e, parecendo pressenti-lo, Jenks parou, pou-sando as mãos no colo e fitando, através da janela, o céu que escurecia. Tínhamos abandonado o bosque e começávamos a ver residências e edifícios comerciais espalhados ao longo da rua, numa faixa estreita. Atrás deles estendia-se o liso lago azul, que assumia um tom acinzentado na luz que esmorecia.

— Rachel — disse ele, a voz fraca sob o peso do arrependimento. — Não sei se posso voltar.

Alarmada, olhei para ele, depois para a estrada e de novo para ele.

— Como assim, não sabes? Se é por causa do Trent...

Jenks ergueu uma mão, de sobrolho franzido.

— Não é por causa do Trent. Percebi que ele é um elfo depois de ter ajudado a Ceri ontem à noite.

Saltei e a carrinha cruzou o traço contínuo que separava as faixas. Ouvi o som de uma buzina e guinei o volante.

— Percebeste? — gaguejei, sentindo o coração a bater. — Jenks, eu queria dizer-te. A sério. Mas tive medo que desses com a língua nos dentes e...

— Não vou dizer a ninguém — disse ele, e eu pude ver que isso o estava a matar. Ter-lhe-ia granjeado um prestígio considerável no mundo *pixy*. — Se o fizesse, significaria que tinhas razão em não me dizer e não tinhas.

A voz dele era rude e eu senti uma pontada de culpa.

— Então, porquê? — perguntei, desejando que ele tivesse abordado o assunto enquanto estávamos estacionados, não enquanto eu tentava navegar pelos arredores de uma cidade estranha, iluminadas por luzes de néon.

Por um momento, ele manteve o silêncio, o rosto jovem pensativo, enquanto ordenava os seus pensamentos.

— Tenho dezoito anos — disse, por fim. — Sabes o que isso significa para um *pixy*? Estou a abrandar. Tu beliscaste-me no outono passado. A Ivy consegue agarrar-me sempre que quer.

— A Ivy tem as reações rápidas de um morto-vivo, graças a Piscary — disse eu, assustada. — Quanto a mim, tive sorte. Jenks, estás com ótimo aspeto. Não és velho.

— Rachel — disse ele por entre um suspiro. — Os meus filhos estão a sair de casa, para tratarem das suas vidas. O jardim está a começar a ficar vazio. Não me estou a queixar — apressou-se a acrescentar. — O desejo de esterilidade que consegui de ti foi uma bênção, já que os últimos três anos

de filhos na vida de um *pixy* têm uma expectativa de vida muito pequena e mataria Matalina saber que estava a ter filhos que não viveriam mais de uma semana depois da sua morte. Pequena Josefina... já voa. Vai ficar bem.

A voz dele parou, quebrando-se, e eu senti um aperto na garganta.

— Entre esse desejo e o jardim — continuou, olhando fixamente através do vidro da frente —, não estou preocupado com a possibilidade de algum dos meus filhos não sobreviver depois de eu e Matalina termos morrido e é a ti que tenho de agradecer.

— Jenks... — comecei, querendo que ele parasse.

— Cala-te — disse ele, em tom irado, as faces suaves assumindo uma tonalidade vermelha. — Não quero a tua pena — claramente furioso, pôs a mão na janela aberta. — A culpa é minha. Nunca me preocupei com isso até te ter conhecido e à Ivy. Estou velho. Não interessa qual o meu aspeto e fico furioso só de pensar que vocês as duas vão continuar à frente da maldita agência de detetives até à eternidade e eu não vou fazer parte dela. Foi por isso que não voltei. Não por não me teres dito o que era o Trent.

Não disse nada, cerrando o maxilar e sentindo-me infelicíssima. Não sabia que ele era assim tão velho. Ligando o pisca, virei à direita, seguindo a estrada ao longo da margem. À nossa frente, erguia-se a ponte enorme que ligava a península superior do Michigan à inferior, toda iluminada e cintilante.

— Não podes deixar que isso te impeça de regressar — disse, hesitante. — Eu faço magia demoníaca e a Ivy é o delfim do Piscary. — Virando o volante, encostei num motel de dois pisos, com uma piscina exterior aninhada na curva do L desenhado pelos quartos. Parei sob o toldo de riscas esbatidas, vermelhas e brancas, e observei os miúdos, de fato de banho e braçadeiras plásticas, que corriam à frente da carrinha, confiando que eu não os atropelaria. A mãe, que seguia atrás deles, acenou-me agradecida. Pensei que deviam ser loucos ou animalomens, pois estavam apenas 15 °C na rua. — Qualquer uma de nós pode morrer amanhã — concluí.

Jenks fitou-me, as rugas de raiva desvanecendo-se.

— Não morrerás amanhã — disse ele.

Puxando o travão de mão da carrinha, virei-me para ele.

— O que é que te leva a dizer isso?

Jenks abriu o cinto e dirigiu-me um sorriso de esguelha capaz de rivalizar com o de Kisten, no que dizia respeito a malandrice.

— Porque eu estou contigo.

Deixei escapar um rosnido. Tinha caminhado direitinha para aquela armadilha.

Sorrindo, ele saiu, olhando de relance para as primeiras estrelas quase invisíveis atrás das luzes da cidade. Sentindo-me rígida devido à

longa viagem, segui-o até à minúscula receção. Estava vazia, com exceção de uma espantosa exposição de tralhas e panfletos. De mãos estendidas, Jenks dirigiu-se para as prateleiras repletas de miniaturas como um homem esfomeado, a sua curiosidade *pixy* e a sua necessidade de tocar nas coisas tornava a exposição irresistível. A porta fechou-se atrás de nós e, vendo-o perdido nos estertores do prazer *pixy*, dei-lhe um murro no braço.

— Au! — exclamou ele, agarrando o braço e dirigindo-me um olhar sentido. — Porque fizeste isso?

— Sabes porquê — disse secamente, descobrindo um sorriso quando me volvei para a mulher, vestida de forma descontraída, que saíra da sala dos fundos através de uma passagem sem porta. Podia ouvir o som de uma televisão e sentir o cheiro do almoço de alguém. Ou antes o jantar, tendo em conta que ela era humana.

Ela pestanejou enquanto olhava para nós.

— Posso ajudá-los? — perguntou, começando a hesitar quando compreendeu que éramos Inderlanders. Mackinaw era uma cidade turística e o mais certo era que não fosse suficientemente grande para atrair uma grande comunidade residente Inderlander.

— Sim, um quarto para dois, por favor — disse eu, levando a mão ao livro de registo e à caneta. Franzi o sobrolho quando fitei o formulário. *Bem, podíamos ficar no meu nome*, pensei, escrevendo *Rachel Morgan*, na minha letra grande e espiralada. O som das figurinhas de cerâmica e chumbo a serem erguidas e pousadas era audível e a mulher atrás do balcão estremeceu, observando-o por cima do meu ombro. — Jenks, importas-te de ir confirmar a matrícula? — perguntei, e ele saiu para o exterior, fazendo ressoar com rudeza o sino feito de conchas.

— São duzentos e vinte — disse ela, rígida.

Maravilha, pensei. *Baratinho, baratinho, baratinho. Temos de adorar estas cidades pequenas na época baixa.*

— Só vamos passar a noite, não a semana — disse eu, apontando a morada da igreja.

— Este é o valor da noite — disse ela, a voz mordaz e arrogante.

Ergui a cabeça.

— Duzentos e vinte dólares? Estamos na época baixa — disse eu, e ela encolheu os ombros. Chocada, pensei por um momento. — Fazem desconto aos sócios da Seguradora Animalomem?

Os olhos dela eram trocistas.

— Só oferecemos descontos aos sócios da AAA.

Apertei os lábios e senti o rosto ficar vermelho. Lentamente, cerrei a mão e coloquei-a abaixo do tampo do balcão, escondendo os nós dos de-

dos ligados. *Raios, raios, raios. Temos de adorar a mentalidade das cidades pequenas.* Ela tinha aumentado os preços, na esperança de que fôssemos para outro lado.

— Em dinheiro — acrescentou, convencida. — Não aceitamos cartões de crédito ou cheques.

O sinal lascado imediatamente atrás dela dizia que aceitavam, mas eu não ia sair dali. Tinha o meu orgulho e, comparado com isso, o dinheiro não era nada.

— Tem um com cozinha? — perguntei, tremendo por dentro. *Duzentos e vinte dólares era uma percentagem significativa do meu dinheiro.*

— Serão mais trinta dólares — disse ela.

— Claro que sim — murmurei. Furiosa, abri a mala e retirei do interior duas notas de cem e uma de cinquenta, enquanto Jenks entrava.

Os olhos do *pixy* saltaram do dinheiro na minha mão para a expressão de satisfação da mulher e, por fim, para a minha raiva, compreendendo imediatamente o que se estava a passar. Raios, o mais certo é que tivesse ouvido toda a conversa com os seus ouvidos de *pixy*.

O seu olhar ergueu-se para a câmara falsa, ao canto, e depois através da porta de vidro, para o parque de estacionamento.

— Rache, acho que acertámos em cheio — disse ele, pegando na caneta presa à secretária e apontando a matrícula no formulário. — Alguém acabou de fazer xixi *dentro* da piscina e consigo sentir o cheiro a bolor nas casas de banho mesmo daqui. Se nos apressarmos ainda podemos filmar a ponte ao pôr-do-sol, para usar no genérico de abertura.

A mulher pousou a chave no balcão, os movimentos subitamente hesitantes.

Jenks abriu o telemóvel.

— Ainda tens o número do departamento de inspeção sanitária do condado que usámos na última paragem?

Fechei o rosto numa expressão de aborrecimento contido.

— Está na prancheta. Mas a cena de abertura pode esperar. Podemos fazer um enquadramento do nascer do Sol. O Tom quase paria uma vaca da última vez que filmámos antes de ele ter tido oportunidade de pesquisar os piores locais.

A mulher ficou pálida. Pousei as notas no balcão e agarrei na chave gasta, com a sua pequena etiqueta de plástico. Ergui as sobrancelhas, quarto treze, que apropriado.

— Obrigada — disse.

Jenks saltou para se colocar à minha frente, quando me virei para sair.

— Permita-me, menina Morgan — disse, abrindo-a num gesto gracioso e eu saí porta fora, com o orgulho intacto.

Não sei como, consegui manter o rosto sério até a porta se ter fechado. Jenks deu uma risadinha e eu perdi a compostura.

— Obrigada — disse eu entre fungadelas. — Deus, estava prestes a dar-lhe um tabefe.

— Sem problemas — disse Jenks, fitando os quartos, o olhar fixando-se no último, na extremidade do lado mais pequeno do L. — Posso conduzir a carrinha até ali?

Achei que ele mais do que o merecia e deixei-o a tentar descobrir como se fazia, enquanto atravessava o parque de estacionamento escuro, ouvindo o som das crianças a chapinhar na piscina. As luzes submersas tinham sido acesas e lançavam reflexos nos guarda-sóis abertos, tornando-os convidativos. Se não estivesse tanto frio, teria perguntado ao Jenks se os *pixies* sabiam nadar. Descobrir se a minha imagem mental de Jenks num *Speedo* correspondia à realidade mais do que compensava um pouco de pele de galinha.

A chave ofereceu alguma resistência, mas, depois de a ter agitado um pouco, fez contacto e a porta abriu-se. Do interior, jorrou o cheiro a citrinos e linhos lavados.

Jenks estacionou a carrinha no lugar vazio em frente à porta. As luzes dos faróis banharam a divisão, revelando uma feia carpete castanha e uma cobertura amarela. Acendendo a luz, entrei, dirigindo-me para a falsa cozinha e a segunda porta, ao fundo. Pousei a mala na cama, preocupada ao compreender que a porta dava acesso à casa de banho, não a um segundo quarto.

Murmurando qualquer coisa sobre grutas, Jenks entrou com a minha mala na mão, os olhos fitando o teto baixo. Pousou a mala junto à porta, atirou-me as chaves da carrinha e saiu, acendendo e apagando as luzes várias vezes, simplesmente porque podia.

— Hum, Jenks — disse eu, os dedos ainda doridos das chaves. — Precisamos de um quarto diferente.

Jenks entrou com o meu portátil e a espada de Ivy, pousando-os na mesa redonda junto à janela da frente.

— Porquê? Estava a brincar em relação ao bolor na casa de banho — ele inspirou fundo, torcendo o nariz. — Cheira a... Bem, não é bolor de casa de banho.

Não queria saber o que é que ele estava a cheirar, mas, quando apontei silenciosamente para a cama única, tudo o que ele fez foi encolher os ombros, os luxuriantes olhos verdes absolutamente inocentes. Gesticulando, desamparada, disse:

— Uma cama?

— E...? — perguntou, corando em seguida, os olhos saltando para a

caixa de lenços de papel na mesinha de cabeceira. — Oh! Pois. Já não caibo na caixa dos *Kleenex*, não é?

Sem qualquer desejo de voltar a falar com a rececionista, dirigi-me para a porta, agarrando na minha mala, ao passar por ela.

— Vou pedir um quarto novo. Faz-me um favor e não uses a casa de banho. O mais certo é que ela nos cobre uma taxa pela limpeza.

— Vou contigo — disse ele, acertando o seu passo pelo meu.

Os miúdos que tinham estado a brincar na piscina, corriam velozes em direção aos quartos, os pés molhados, a tremer sob as húmidas toalhas brancas, enquanto nós atravessávamos o parque de estacionamento. Jenks abriu a porta da receção para que eu pudesse passar e o som das conchas a bater misturou-se com o som de uma discussão chorosa, quando entrámos.

— Cobraste o valor do fim de semana do Quatro de Julho? — ouvi o homem dizer, ao que ela respondeu balbuciando.

Olhei para Jenks numa interrogação muda e ele tossiu para limpar a garganta, de forma audível. Fez-se silêncio.

Depois de uma conversa abafada, um homem baixo, com uma certa deficiência ao nível folicular, envergando uma camisa plissada, emergiu da sala dos fundos, esfregando a placa com o nome.

— Sim? — inquiriu, com uma expressão falsamente interessada. — O que é que lhes posso oferecer? Mais toalhas para a piscina?

Algures no interior, fora da nossa vista, a mulher soluçou e ele ficou vermelho.

— Na verdade — disse eu, pousando a chave do quarto no balcão que nos separava, à altura do peito —, gostaria de saber se era possível atribuírem-nos um quarto diferente. Precisamos de duas camas, não de uma. A culpa foi minha por não ter deixado isso bem claro — sorri, como se não tivesse ouvido nada.

O olhar do homem saltou para Jenks e ele corou ainda mais.

— Ah, sim. Quarto treze, certo? — disse ele, agarrando na chave e oferecendo-me uma nova.

Jenks dirigiu-se para a exposição de quinquilharia, mas, perante o meu suspiro, optou pelos panfletos. Pousando a mala no balcão, perguntei, presunçosa:

— Qual é a diferença de preço?

— Nenhuma — respondeu ele, rapidamente. — O valor é o mesmo. Há mais alguma coisa que possa fazer por si? Quiçá, fazer reservas para si e para o resto do grupo? — ele pestanejou, parecendo doente. — Eles também vão ficar connosco?

Jenks virou-se para olhar para a porta de vidro, passando a mão pelo queixo e tentando não rir. — Não — disse eu, frivolamente. — Ligaram a

dizer que tinham encontrado um motel do outro lado da cidade que encheu a piscina com água do lago. Isso bate as casas de banho bolorentas em qualquer Estado.

O homem moveu a boca, mas não emitiu qualquer som.

Jenks começou a afastar-se e eu olhei para trás, de relance, vendo-o curvado, a agarrar um dos panfletos à frente da cara.

— Obrigada — disse, erguendo a chave e sorrindo. — Talvez precisemos de ficar uma segunda noite. Tem alguma promoção para dois dias?

— Sim, minha senhora — disse ele, os olhos revelando o seu alívio. — A segunda noite fica por metade do preço, durante a época baixa. Posso reservá-la já, se quiserem — olhou de relance para a mulher, invisível para mim, do outro lado da passagem.

— Parece-me ótimo — disse eu. — E um *check-out* tardio na terça-feira?

— Um *check-out* tardio na terça-feira — disse ele, escrevinhando qualquer coisa no livro de registo. — Sem problemas. Agradecemos a vossa visita.

Acenei e sorri, tocando no braço de Jenks e puxando-o porta fora, já que ele não se movia, fitando fixamente o panfleto que tinha na mão.

— Obrigada — disse alegremente. — Tenham uma boa noite.

Os sinos da porta ressoaram e eu exalei no ar mais frio da noite. O parque de estacionamento estava em silêncio, com exceção do ruído do trânsito nas proximidades. Satisfeita, olhei de relance para a chave, na luz fraca sob o toldo. Desta feita, tínhamos o quarto onze.

— Rache — Jenks acenava com o panfleto na minha direção. — Aqui. Ele está aqui. Eu sei-o! Entra para a carrinha. Fecham dentro de dez minutos!

— Jenks! — exclamei quando ele me agarrou pelo braço e puxou, aos tropeções, através do parque de estacionamento. — Jenks, espera! O Jax? Está onde?

— Aqui — disse ele, abanando o panfleto à frente da minha cara. — Seria para aqui que eu iria.

Confusa, espreitei para o colorido papel dobrado em três, à luz do candeeiro de rua. Os meus lábios afastaram-se e enfiei a mão na mala, procurando as chaves, enquanto Jenks voltava a atirar as nossas coisas para dentro da carrinha e fechava a porta do motel, tremendo de impaciência.

A Barraca das Borboletas. Claro.